

ENTREVISTA DE MARTA HARNECKER

HUGO CHÁVEZ FRÍAS

UM HOMEM, UM POVO

TRADUÇÃO PARA O BRASIL

JOSÉ ALVES DE SOUSA

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO PRIMEIRO: ANTECEDENTES HISTÓRICOS MAIS RELEVANTES	13
1. FATOS QUE O MARCAM.....	13
1) Academia Militar	13
2) Estudam Técnicas de Liderança	15
3) Instrutor na Academia.....	15
4) O Golpe Militar contra Allende	16
5) A Revolução Nacional Peruana	17
6) Guerrilhas e Soldados	17
7) Primeiros contatos com a esquerda.....	18
2. O MOVIMENTO BOLIVARIANO REVOLUCIONÁRIO 200 (MBR 200).....	20
3. CARACAÇO	21
4. SURGE A IDÉIA DA CONSTITUINTE.....	21
5. A CAUSA R E A PREPARAÇÃO DA REBELIÃO DE 4 DE FEVEREIRO DE 92	22
6). O GOLPE DE 92 E A PRISÃO.....	24
1) Rebelião Militar de 27 de Novembro de 1992	26
2) Da prisão: nasce a idéia dos Comitês Bolivarianos.....	26
3) O MBR 200 depois do 4 de fevereiro	26
4) Políticos tratam de capitalizar a rebelião de 4 de fevereiro.....	27
5) Abstenção ativa	28
6) Sai Carlos Andrés Pérez e entre Caldera	28
7. SAI DA PRISÃO E COMEÇA A PERCORRER O PAÍS	28
1) Alguns continuam trabalhando dentro da Força Armada.....	29
2) Desenvolvendo mais a idea da assembléia constituinte.....	70
3) Situação do movimento quando Caldeira é eleito	30
8. AVALIANDO POSSIBILIDADES ELEITORAIS	31

1) Consulta Popular	32
2) Eleições de 1998	33
CAPÍTULO SEGUNDO: O TRÂNSITO PACÍFICO: UM PARTO INSTITUCIONAL MUITO DOLOROSO	33
I. ETAPAS DO PROCESWSO CONSTITUINTE	33
II. DIFICULDADES PARA MUDAR O APARELHO	40
1. PERMANECEM VELHOS VÍCIOS	40
2. RAZÕES QUE EXPLICAM O PAPEL DESTACADO DE MIQUILENA.....	41
3. POR QUE TANTA TOLERÂNCIA DIANTE DA CORRUPÇÃO.....	46
1) Não é verdade que não se tenha feito nada, mas há falhas estruturais	46
2) Governo diminui radicalmente os gastos secretos	47
4. LIMITAÇÕES DO MINISTÉRIO PÚBLICO E DOS TRIBUNAIS DE JUSTIÇA.....	48
5. COMPLEXIDADE MUITO MAIOR DO QUE O ESPERADO.....	48
1) Necessidade de fazer uma revisão estratégica.....	50
2) Complicada situação na Assembléia Nacional.....	50
3) Saídas para a Armadilha Institucional.....	51
III. A FORÇA SE MANTÉM.....	52
CAPÍTULO TERCEIRO: OS MILITARES NA REVOLUÇÃO E A CONTRA—REVOLUÇÃO	53
I. MILITARES TRABALHANDO JUNTO AO POVO.....	53
1. POR QUE TANTOS MILITARES NO GOVERNO	54
2. O PLANO BOLÍVAR 2000: RAJADAS DE VIDA AO INVÉS DE RAJADAS DE MORTE	54
1) Um plano de cada um.....	54
2) Plano Casiquiare 2000.....	55
3) Barranco yopal e caravali	55
4) Plano Avispa.....	56
5) Estrada a mais baixo custo.....	56
6) Voluntariado médico	57
7) Governador do Estado de Cojedes	57
8) Erros e desvio de recursos	57

9) Opinião do Tribunal de contas da República	58
10) Fase atual: o retorno aos quartéis.....	59
11) Organizando Unidades de Reservistas	59
3. A DERROTA DO GOLPE DE ABRIL TEM SEU FUNDAMENTO NA AÇÃO CÍVICO—MILITAR.....	59
II. EXPLICANDO O GOLPE.....	60
1. PERCEPÇÃO ERRADA DO NÍVEL DE APOIO	61
2. COMO UM GOVERNANTE PODE TER UMA INFORMAÇÃO OBJETIVA.....	62
3. A DIMENSÃO DA TRAIÇÃO.....	63
4. QUEM SÃO OS MILITARES GOLPISTAS.....	64
1) Homens de Privilégios	64
5. TRABALHO FEITO PELOS GOLPISTAS DENTRO DO CORPO DE OFICIAIS.....	65
6. POR QUE UM ATITUDE TÃO BENEVOLENTE? DEBILIDADE OU FORTALEZA?.....	66
1) Qual é o conceito de fortaleza?	66
2) As Opções.....	67
7. DEFERENTES NÍVEIS DE RESPONSABILIDADE.....	68
1) Militares submetidos a Conselho de Investigação.....	69
2) Advertência verbal.....	69
3) Evitar caça às bruxas.....	70
8. POR QUE NOMEIA O GENERAL RINCÓN MINISTRO DA DEFESA.....	70
1) Pensa em renunciar com quatro condições	71
2) Chávez comunica a Rincón sua decisão de renunciar	71
3) Rincón desconhece a mudança da situação	72
4) Informou—se sobre isto.....	72
9. LIÇÕES DO GOLPE MILITAR	72
10. RADICALIZAÇÃO DO PROCESSO E FORÇA ARMADA	73
11. ATITUDE DIANTE DE SETORES MILITARES RADICALIZADOS	75
CAPÍTULO QUARTO: LENTO AVANÇO PARA UMA ECONOMIA ALTERNATIVA.....	76
1. CONTRA—REVOLUÇÃO SEM REVOLUÇÃO	76

2. A DÍVIDA EXTERNA: UMA PROMESSA DESCUMPRIDA	80
3. PLANO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO 2001—2007	83
4. O CAPITALISMO É HUMANIZÁVEL?.....	85
CAPÍTULO QUINTO: UMA POLÍTICA INTERNACIONAL INDEPENDENTE E SOBERANA.....	86
1. POLÍTICA INTERNACIONAL.....	86
2. ELEMENTOS ESTRATÉGICOS DA INTEGRAÇÃO	88
3. SOBRE O TERRORISMO	92
4. INGERÊNCIA NORTE—AMERICANA: ESCRITÓRIO PARA A TRANSIÇÃO.....	96
CAPÍTULO SEXTO: CAMADAS MÉDIAS, ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL E DIÁLOGO	98
I. O QUE ACONTECE COM AS CAMADAS MÉDIAS.....	98
1) Estratégia da direita: isolar os governos populares das camadas médias.....	98
2) Atitudes que afastam estes setores médios	99
3) Consciência da necessidade da aliança	99
4) Documento de Intelectuais.....	101
5) Assessoria Estrangeira	102
II. FALHAS NA ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL	103
1) Como enfrentar a campanha midiática opositora	103
2) Falhas Próprias	104
3) A Constituição Bolivariana na era da informação.....	104
4) Os Meios de Comunicação Comunitários	105
5) Comunicando—se diretamente com o povo.....	106
III. DIÁLOGO TRUNCADO?	111
CAPÍTULO SÉTIMO: UM PARTIDO À ALTURA DO PROCESSO.....	113
1. COMO SE CONSTRÓI FORÇA.....	113
1) O Povo é o Combustível.....	113
2) O despertar do povo não é suficiente.....	113
2. NECESSIDADE DE UM PARTIDO ELEITORAL.....	114
3. ANÚNCIO DO RELANÇAMENTO DO MBR 200 SURPREENDE E AGITA.....	116

1) Relançar a V República	116
4. UM CHEFE SEM ESTADO MAIOR	118
5. O PARTIDO QUE O PROCESSO NECESSITA.....	120
1) O que fazer com os quadros de governo que não promovem a participação	122
2) Controle Popular, fazer chegar idéias	124
6. CHÁVEZ POPULISTA?	125
CAPÍTULO OITAVO: GOLPE DE 11 DE ABRIL.....	129
1. POR QUE CHÁVEZ DECIDE SE ENTREGAR	129
2. INTENÇÕES DE MATÁ—LO	130
1) Por que não o mataram	130
2) O apoio que recebe nos diferente lugares onde está recluso.....	130
3. O QUE OCORREU NA ILHA DE ORCHILA.....	131

AGRADECIMENTOS:

A todos os que tornaram possível a realização deste livro, muito especialmente aos que transcreveram as fitas, as venezuelanas: Jorgina Eloisa Moya, Belkis Herrera, Clara Carrilo, Dayimar Sosa e a cubana Hilda Betancourt; a Bertha Menéndez e Pavel Alemán que colaboraram na edição; a Rafael Vargas, que sempre esteve disposto a esclarecer minhas dúvidas; aos que foram lendo os diferentes capítulos e oferecendo—me suas opiniões; a Nelly, que preparou a cronologia; a Lorena, que me liberou de muitas tarefas para poder me concentrar neste trabalho, e a toda a equipe do Centro de Investigações “Memória Popular Latino—americana” que, como sempre, apoiou—me em tudo.

INTRODUÇÃO

A idéia de entrevistar o presidente venezuelano Hugo Chávez Frías surgiu—me em abril de 2002. Tinha programado fazer um giro por vários Estados da Venezuela para realizar palestras sobre meus últimos trabalhos sobre a esquerda. Como não aproveitar essa ocasião para entrevistar o líder do processo revolucionário venezuelano, um processo tão tergiversado pelos meios de comunicação internacionais e tão pouco compreendido pelos setores progressista e de esquerda deste e de outros continentes?

Não é de surpreender—se que isto ocorra já que se trata de um processo *sui generis* que rompe com os esquemas preconcebidos dos processos revolucionários. **Primeiro**, surge a partir da esmagadora vitória de Chávez em uma disputa eleitoral e continua avançando pela via institucional apesar de todas as provocações que recebe dos opositores. **Segundo**, é conduzido por um ex—militar que seis anos antes—ao procurar superar a crise política que já então vivia a Venezuela—ousou promover um levante militar contra o regime. **Terceiro**, tem sido incapaz de eliminar a corrupção—uma de suas bandeiras de luta —. **Quarto**, não conta com um partido de vanguarda para conduzir o processo. **Quinto**, é catalogado ideologicamente de indefinido, porque não assume ideologicamente o marxismo como ideologia mas o bolivarianismo. Este, evidentemente, não fala da luta de classes, mas fala sim de integração latino—americana. Concebe a democracia como o sistema político que proporciona máxima felicidade ao povo. Não aceita que um militar dirija suas armas contra o povo. E, talvez, o mais significativo, adverte, já naquela época¹, que os “Estados Unidos da América do Norte parecem destinados pela providência a semear de misérias a América em nome da liberdade”. **Sexto**, não materializou ainda transformações econômicas de envergadura e é um fiel pagador da dívida externa.

Levando em conta tudo isso apontado antes, muitos se perguntam: como falar então de processo revolucionário?

Paradoxalmente teria havido uma contra—revolução sem uma revolução.

Propus, então, ao Presidente Chávez, realizar uma longa entrevista partindo das dúvidas da esquerda em geral, que lhe permitisse informar e refletir sobre temas como os seguintes: o porquê da escolha da via institucional para realizar mudanças revolucionárias; as razões de uma presença militar tão importante tanto nos órgãos de governo como na condução de muitas das principais tarefas revolucionárias; as características destas gerações de militares venezuelanos que os tornam diferentes de outros exércitos latino—americanos; as relações históricas com a esquerda organizada e suas desilusões; o tipo de modelo econômico que se pretende levar

¹. Nos anos vinte do século XIX.

adiante e as razões do escasso avanço neste terreno; as dificuldades que teve que enfrentar, os erros cometidos; a aprendizagem conseguida através destes anos, e uma visão dos últimos acontecimentos – o golpe reacionários de 11 de abril e o retorno ao Palácio de Miraflores do presidente.

Minha intenção era de que esta entrevista servisse não apenas para dar a conhecer o processo venezuelano e os enormes desafios que enfrenta ao tratar de avançar nas transformações profundas da sociedade pela via pacífica constitucional, mas também como material de formação para os que acreditam—diante do neoliberalismo selvagem que hoje arrasa o nosso continente—que outro mundo humanista e solidário é possível e procuram afanosamente como construí—lo.

Quando decidi empreender a tarefa li algumas entrevistas que ele havia concedido e me dei conta de que vários dos temas que me interessava abordar já haviam sido desenvolvidos nelas. Estive a ponto de abandonar o empreendimento. Não tinha sentido obriga—lo a repetir o que já havia dito a outros. Duas coisas me fizeram decidir continuar adiante. Primeiro, o convencimento a que finalmente cheguei de que era possível aprofundar em vários temas já abordados e levantar alguns novos. E segundo, a possibilidade de difundi—lo de forma massiva entre os que acompanham meus trabalhos desde tempos atrás.

Compreendia as dificuldades que o presidente teria para me conceder uma longa entrevista e, por isso, devido ao tempo e para oferecer ao leitor o máximo de informação possível sobre cada tema, pensei que o melhor seria elaborar as perguntas precedendo—as de um longo comentário informativo que oferecesse uma síntese das idéias principais já expostas em outros lugares—entrevistas e discursos—permitindo—me evitar os temas já tratados e destinar o tempo que me concedesse para aprofundar neles e abordar os novos. Fiz então um longo questionário de 12 páginas que—como era de esperar, dada suas múltiplas tarefas—ele nunca leu.

Não pude realizar a entrevista da forma como me havia proposto. Chávez é um grande conversador, foi muito difícil que se centrasse exatamente no tema proposto. Costuma acompanhar suas exposições de episódios e referências históricas. Às vezes parecia que havia perdido o fio ou que não quer abordar a matéria proposta, mas passado algum tempo e sem que eu lhe cobrasse, voltava sistematicamente à pergunta. Por outro lado, em alguns assuntos não pude impedir que repetisse a informação que havia concedido a outros entrevistadores, o que finalmente tornou—se positivo porque em vários deles o fez com maior profundidade, talvez motivado pelo perfil do leitor para o qual sabia estava destinado este trabalho.

la cheia de apreensões para minha primeira entrevista: seria capaz de estar à altura de um entrevistado de tão alta dignidade? Compreenderia meu entrevistado a crueza de algumas perguntas? Funcionaria bem o gravador? Bastou conhece—lo e conversar uns minutos para que todas as minhas preocupações se desvanecessem. Encontrei um homem simples, simpático,

autocrítico, reflexivo, com uma grande capacidade para ouvir com atenção os comentários que lhe são feitos. Apaixonado, com uma grande força interior. Chamou—me especialmente a atenção sua grande sensibilidade humana e sua genuína vocação popular. Adora suas filhas e filhos e é muito terno com eles. Não pode viver sem ter um contato direto e freqüente com os setores populares mais humildes nos quais sabe reside sua maior força. Sabe—se adorado por seu povo, mas quer transformar esse amor em organização e desenvolvimento autônomo. É um dirigente extraordinariamente humano. Todas estas virtudes não negam seus defeitos. Ele mesmo reconhece que tem grandes dificuldades para trabalhar em equipe, perde facilmente a paciência, ofende seus colaboradores, confia excessivamente em gente em quem não deveria confiar, é incapaz de organizar sua agenda de forma racional, fala mais do que deveria falar: diz toda a verdade quando só poderia dizer uma parte.

Não se define como marxista, mas sim como revolucionário e bolivariano. Está convencido de que só uma revolução – quer dizer, uma transformação econômico—social profunda—pode tirar a Venezuela da crise que se arrasta desde há décadas, e sobre este tema não está disposto a truncar custe o que custar. Sabe que no processo revolucionário bolivariano está em jogo a esperança não só de seu povo, mas de muitos povos da América Latina e do mundo. Escolheu a via pacífica para conseguir que esta se materialize e acredita sinceramente que este é o caminho mais desejável. Tem uma grande fé no papel que pode desempenhar o povo como poder constituinte para evitar que seus opositores obstruam este caminho. “A maravilha de nossa nova Constituição—costuma dizer—é que não permite que se alente o poder constituinte”. Esse é o último recurso no caso de o processo se estagnar institucionalmente.

Não pretende ter soluções claras e precisas para todos os problemas que angustiam a esquerda mundial. Reconhece honestamente que não possui todas as perguntas, e está convencido de que deve caminhar guiado por algumas orientações básicas e ir tentando no caminho muitas delas.

Tem absolutamente claro que não há processo revolucionário sem povo organizado e consciente e por isso dedica uma parte significativa de seu tempo a educar esse povo através de seus discursos e de seu programa semanal radiotelevisivo “Alô Presidente”, e de seu contato direto com o povo. Não se cansa de chama—lo para desempenhar um papel ativo na construção na nova sociedade que está germinando.

Sua obsessão tem sido transformar esse mar de povo que se expressou nas ruas em 12, 13 e 14 de abril em organização. Não perde oportunidade para chamar a construir círculos bolivarianos dos mais diversos tipos. Sabe que um povo organizado e não desarmado, porque conta com o apoio do grosso das Forças Armadas, é invencível.

Mas, voltando à entrevista, apesar de haver podido gravar algo mais de 15 horas em diferentes sessões de trabalho que transcorreram nos meses de junho e julho do ano 2002, em variados lugares da Venezuela—um *jeep* com caminho para El Vigia, em Mérida; um helicóptero em

direção a um bananal no mesmo Estado, onde se realizou o programa “Alô, Presidente”; o avião presidencial em vôo de regresso para Caracas; a residência presidencial La Casona; a residência presidencial na ilha La Orchila, lugar onde esteve preso nas últimas horas do golpe militar de abril; o Palácio de Miraflores; e o Forte Tiuna —, foi impossível desenvolver completamente o amplíssimo questionário que eu havia elaborado. Os maiores vazios se deram em dois temas: os elementos teóricos que fundamentam seu projeto e o instrumento político que se requer para enfrentar os enormes desafios que se levantam. Temas que, inclusive, ele reconhece como abertos.

Pareceu—me que a melhor forma de cobrir estes vazios temporariamente—já que não renuncio à idéia de aprofundar estes temas em uma futura entrevista—era sintetizar os aspectos não abordados com dados conseguidos por mim na mesma forma em que o havia feito para o questionário, intercalando—os de modo sintético entre um tema e outro, ou no início de alguma pergunta.

A entrevista havia sido planejada para antes do golpe de Estado de 11 de abril de 2002, mas só foi possível materializa—la dois meses depois. As informações e reflexões sobre como um governante deposto por um golpe militar recupera o governo em menos de 48 horas, acontecimento único no mundo, ocupam um espaço importante neste livro. E, falando do golpe, gostaria de terminar esta introdução com suas próprias palavras: “Quando reflito sobre o golpe do 11 de abril lembro as idéias de John Kennedy, ex—presidente dos Estados Unidos, que disse: *Os que fecham o caminho para a revolução pacífica, abrem o caminho para a revolução violenta.* Nós escolhemos fazer a revolução constitucionalmente, por um processo constituinte de inquestionável legitimidade. Se em algum momento de 11 e 12 de abril duvidei que uma revolução democrática e pacífica fosse possível, o que aconteceu em 13 e 14 de abril—quando essa imensa quantidade de gente saiu à rua para rodear o Palácio de Miraflores e vários quartéis, exigindo meu retorno—reafirmou—se em mim com muito vigor a idéia de que sim é possível, claro que a batalha é dura, e será dura e difícil. Trata—se da arte de tornar possível o que tem parecido e continua parecendo para muitos como algo impossível”.

15 de agosto de 2002

CAPÍTULO PRIMEIRO: ANTECEDENTES HISTÓRICOS MAIS RELEVANTES

1. FATOS QUE O MARCAM

— *Gostaria que me falasses, para começo de conversa, da tua visão da esquerda venezuelana quando começaste a ter inquietações políticas. Mas antes talvez fosse bom saber quais são as coisas que vão influenciando em tua vida e que despertam tua motivação política.*

1) ACADEMIA MILITAR

1.—Olha, Marta, eu entrei na Academia Militar em 1970, quando tinha completado dezessete anos, era quase uma criança, não tinha nenhuma motivação política. Nesse momento uma de minhas aspirações era ser jogador de beisebol. Éramos uma geração de garotos dos povoados, dos bairros, dos campos, que entrava em um momento em que a guerra de guerrilhas estava terminando e o país parecia entrar em uma relativa estabilidade democrática.

2. E entro em circunstâncias bem particulares. Pertencço à primeira promoção do que se conhece como o Plano Andrés Bello. A velha escola militar deu nesse momento um salto para uma espécie de universidade militar. Antes a Academia formava técnicos militares de nível médio, enquanto que nós entrávamos já com esse nível e saíamos licenciados em Ciências Militares, que era como um nível universitário. Por exigência universitária o currículo de estudo sofreu um salto positivo. Estudávamos Ciências Políticas e eu comecei a me motivar com o estudo da teoria militar. Mao² me agradou muito e então passei a estudar um pouco mais este autor.

— *Teu irmão não influenciou nisso?*³

3.—Não, embora talvez indiretamente, porque naqueles anos dessa juventude eu via muito pouco meu irmão. Ele estava estudando em Mérida, eu não sabia que ele andava metido no Partido Revolucionário Venezuelano com Douglas Bravo⁴.

4. De minhas leituras de Mao tirei várias conclusões que foram determinantes para mim. Uma delas era que a guerra tinha uma série de componentes, de variáveis, que havia que calcular. Os chineses falam de cálculo para tudo, têm um pensamento que voa rasante ao solo, tratam de se conectar com a realidade. Mao dizia que uma dessas variáveis era a moral e demonstrava que o que determina o resultado de uma guerra não é a máquina, o fuzil, o avião ou o tanque de guerra,

². Mao Tse Tung

³. Pergunto isto porque Adán Chávez, seu irmão mais velho, tinha uma formação marxista. Adán era então membro do Partido Revolucionário Venezuelano (PRV) Ruptura, para fazer parte mais tarde do MBR 200. É o atual presidente do Instituto da Terra.

⁴. Ex—dirigente guerrilheiro, ex—militante do Partido Comunista Venezuelano, que se afasta do partido e funda o PRV FAL que depois se transforma em PRV Ruptura.

mas o homem, o ser humano que maneja a máquina, mas, sobretudo, a moral do homem que maneja a máquina. E, em segundo lugar, algo que acho muito mais importante, muito mais amplo e profundo: aquilo de que “o povo está para o exército como a água está para o peixe”. Eu concordei sempre com isso e tenho tratado de praticá-lo, ou seja, que sempre tive uma visão cívico—militar, via que devia existir uma estreita relação entre o povo e o exército.

5. Nessa época lia muito. Passava o tempo lendo todo livro que me chegasse às mãos sobre esse tema. Entre essas leituras lembro o livro que se chamava ***El ejército como agente de cambio social*** (o exército como agente de mudança social) de Claus Heller. Este senhor compilava uma série de artigos que falam de casos nos quais o exército havia atuado como agente social.

6. Li também muito sobre estratégia militar, história da guerra: o livro Verde Olivo, de Clausewitz⁵, também Bolívar, os escritos militares de Paez, Napoleão, Aníbal.

7. Tínhamos um muito bom professor de História militar e Filosofia militar, Jacinto Pérez Arcay, militar doutor em História, um homem de um pensamento muito profundo.

— *Entre todos esses autores tens dito que estudaste também Marx, embora confesses tê-lo feito só superficialmente e por isso mesmo consideras que não podes te definir como marxista, embora digas não ser antimarxista. Defendes que para encontrar a solução para os problemas de nossos países é preciso ir além do marxismo já que neles é difícil encontrar uma classe operária como a que Marx mencionava em suas obras. Não és comunista, mas também não és anticomunista e não tens problemas em dizer que tens bons amigos entre os comunistas e que rejeitas as posições que satanizam o marxismo ou o comunismo*⁶.

*Soube que também estudaste direito constitucional a fundo porque era uma das matérias que exigiam para a licenciatura em Ciências e Artes Militares; que eram preparados para defender o sistema democrático e estudavam o tema da democracia. Falas do livro: Venezuela: Uma democracia enferma, escrito por um adeco que tinha reflexões muito interessantes*⁷. *É Montenegro o autor desse livro? Falas que definiam a democracia como um governo do povo e que, portanto, detinham—se sobre o que é o povo, os direitos humanos e os direitos do povo. E sobre o pensamento de Bolívar que identificava democracia com a maior felicidade do povo. Dizes também que começaram então a estudar as teses bolivarianas e que vocês criaram na academia sociedades bolivarianas.*

*Por outro lado, demonstras que tua geração não se formou, como as anteriores, na Escola das Américas*⁸, *mas a escola de vocês foi muito mais as montanhas da Venezuela e os livros sobre esse*

⁵. General prussiano adversário de Napoleão, autor do famoso tratado de estratégia “Sobre a Guerra”.

⁶. Agustín Blanco Muñoz, *Habla el Comandante*, Fundação Cátedra Pío Tamayo, Universidade da Venezuela, 3ª edição, 1998, p.392

⁷. Agustín Blanco Muñoz, *Habla...*, op.cit.p.122

⁸. Centro de Adestramento Militar norte—americano no Panamá.

país. Toda esta informação sobre a formação da tua geração de militares me parece sumamente importante para entender os militares venezuelanos.

2) ESTUDAM TÉCNICAS DE LIDERANÇA

8.—Olha, outra coisa que acho que influenciou em mim foi o estudo que, como militares, fazemos da técnica de liderança, quer dizer, a técnica de como conduzir grupos humanos. A gente aprende como levantar sua auto—estima, a moral das pessoas. Eu lembro até a matriz da liderança, porque inclusive fui instrutor durante muitos anos.

— *Liderança para dentro, para a Força Armada*⁹?

9.—Não, não só. Eu sempre pensava nisso em ambas as direções: para dentro e para fora. Todos são seres humanos, a diferença é que a gente tem um uniforme, um fuzil e o outro não. Os soldados são camponeses, jovens dos bairros. Como levantar a auto—estima de um grupo de soldados por lá, na fronteira, às vezes comendo mal, sem roupa adequada, e longe da família? Como manter uma unidade com alta moral e auto—estima? Como injetar nela nacionalismo, pátria, consciência do porquê é um soldado? Como falar com cada um de noite, na manhã? Como entender seus problemas? “O que aconteceu? Por que chegaste tarde da tua folga”? “É que a minha mãe está doente”, “minha namorada me deixou”, “tomei umas e não acordei”. “Então está bem, mas trate de não repetir isso outra vez porque isso é ruim”. Nem todos os militares nos preocupamos assim com os demais, mas especialmente essa garotada tem muito disso.

3) INSTRUTOR NA ACADEMIA

— *Soube que, em 1980, com poucos anos de graduado, voltaste à Academia como instrutor, junto com um grupo de companheiros que tinham tuas mesmas preocupações. E que aí começaste uma atividade de proselitismo para o movimento que estavas formando nesses anos¹⁰ e de formação dessas novas gerações; e que quase todos os oficiais rebeldes que participaram da Rebelião de 92 foram os melhores estudantes dessa promoção (1980—1983)¹¹.*

10.—Sim Marta, quase toda a década dos oitenta nós estivemos trabalhando na Academia Militar e nos quartéis, formando essa juventude, esses núcleos bolivarianos.

—O TORRIJISMO

—Voltando ao que tu dizias sobre o exército como agente de mudança social, gostaria de saber se influenciaram em ti as experiências dos governos militares que existiam então na América Latina.

⁹. Na Venezuela se fala de Força Armada e não de Forças Armadas. A Força Armada está integrada pelo Exército, Marinha, Força Aérea e Guarda Nacional.

¹⁰. Refiro—me ao MBR 200. Ver mais adiante melhor desenvolvimento

¹¹. Luis Bilbao, *Chávez...*, op.cit. p.33.

11.—Claro que sim, tanto a experiência panamenha como a peruana. Olha, à nossa Academia Militar chegou um filho de Omar Torrijos, que era então presidente do Panamá. Esse país não tinha Escola Militar. Este rapaz jogava beisebol e por isso nos tornamos amigos. E em uma ocasião eu pedi a ele que me levasse alguns livros de seu pai. Vi fotos de Torrijos com os camponeses, me falava do que era a Força de Defesa e de que desde criança viveu com seu pai entre os camponeses. Falou—me do golpe de Estado que derrubou Torrijos, estando ele na Costa Rica, e de como depois retornou pelas montanhas de Chiriquí. Eu me tornei torrijista. Tive vários amigos panamenhos. Isso entre 1971 e 1973.

4) O GOLPE MILITAR CONTRA ALLENDE

12.—Outra coisa que me influenciou foi o golpe contra Allende. Olha! Vou te contar uma coisa: quando derrubam Allende eu estava começando o terceiro ano da Academia. Em agosto haviam entrado os nove aspirantes a cadetes, de modo que estávamos no período de instrução intensiva, de adestramento, de ensinar a eles a atirar, a ordem unida, as leis e regulamentos militares, tudo aquilo; um período duro de treinamento. Chegou ao pelotão que eu comandava um aspirante, um rapazinho de 17 anos, José Vicente Rangel Ávalo – hoje prefeito do município de Sucre —, filho de José Vicente, que era candidato presidencial nesse exato momento pela esquerda: pelo MAS¹², MID¹³ e PCV¹⁴. Alguns oficiais das Academia eram da opinião de que esse rapaz não deveria ser militar porque era filho de um comunista—lembre que ainda havia guerrilha na Venezuela nesse momento —, e então começam a me pressionar, primeiro para que vigiasse esse novo recruta.

— “Cuidado! Diziam—me, que é comunista” e depois para estereotipa—lo, para encontrar um pretexto para dar—lhe baixa nesse período prévio. Eu me neguei a fazer isso, o rapaz era bom, além do mais era bom estudante, tinha muita vontade, era muito bom atirador. Uma vez ganhou um prêmio de tiro e um oficial então me disse: “não percebe, esse rapaz é guerrilheiro, está treinando”. Nesses dias derrubam Allende e como eu já tinha simpatia por essas correntes de esquerda, esse golpe me abalou.

Lembro que naquele momento pensei: “Bem, e se ganhar o José Rangel. Será que nos vão obrigar a dar um golpe porque é de esquerda?”.

¹². Movimento ao Socialismo, partido formado por um grupo que rompe com o Partido Comunista da Venezuela.

¹³. Movimento de Esquerda Revolucionária.

¹⁴. Partido Comunista da Venezuela.

5) A REVOLUÇÃO NACIONAL PERUANA

13. Em seguida também me influenciou a visita que fiz ao Peru em 1974, quando eu era cadete. Foi escolhido para ir a Ayacucho para o 160º aniversário da batalha de Ayacucho¹⁵. Tinha 21 anos, estava no último ano de Academia e já andava com uma clara motivação política. Para mim foi uma experiência emocionante viver, como jovem militar, a revolução nacional peruana. Conheci pessoalmente Juan Velasco Alvarado. Uma noite nos recebeu no Palácio os militares da delegação venezuelana e nos presenteou com um livrinho do tamanho deste da nossa Constituição (tira o livrinho e o mostra). Eu o guardei a vida toda até o dia da rebelião de 4 de fevereiro de 1992 quando me tomaram tudo. O manifesto revolucionário, os discursos daquele homem, “El Plan Inca”, os li durante anos. E, naquela viagem, conversei sobretudo com a juventude militar peruana, ali entre as garotas, na festa, no desfile de Ayacucho.

14. Todas essas coisas, Marta, foram de alguma maneira me causando impacto: Torrijos, tornei—me torrijista; Velasco, tornei—me velasquista. E com Pinochet, tornei—me anti—pinochetista.

15. Nessa ocasião me interrogava: para que servem os militares? Para mantê—los encerrados nos quartéis? Para servir a que tipo de governo? Para instaurar uma ditadura como Pinochet ou para governar como Velasco ou Torrijos ao lado do povo, enfrentando inclusive correntes hegemônicas mundiais? Então, eu comecei a perceber o militar, não como um massacrador do povo, nem para dar golpes de Estado, mas como um servidor social, e a Força Armada como um ente social.

16. Quando me graduei em 1975 eu já estava formado, já trazia uma idéia por dentro, e isso nasceu em mim aí, na Academia.

6) GUERRILHAS E SOLDADOS

*—Lembro que li que nesse momento, quando te enviaram para Barinas e te nomearam oficial de comunicações do batalhão de caçadores “Manuel Cedeño” —um dos treze batalhões que nos anos 60 o exército havia destinado à luta antiguerrilheira — na Marqueseña, a terra de teu bisavô, tinhas muito tempo para ler, porque já nesse momento, 1975, já não havia guerrilha por esses lados. Contavas que por ali — quando tinhas uns 21 anos — descobriste no porta—malas de um carro velho tomado da guerrilha, uma boa quantidade de livros, quase todos marxistas e que disseste haver feito com eles uma biblioteca. Havia um que te chamou muito a atenção: **Tiempos de Ezequiel Zamora**, de Alejandro Brito¹⁶. Dizes também que de tuas leituras e experiências dessa época tu começaste a relacionar guerrilha com homem, miséria; começaste a relacionar chefes militares com os governadores, os soldados com o povo. E que começaste a fazer reflexões sobre*

¹⁵. Batalha na qual o marechal Sucre derrotou, em 1825, nos Andes peruanos, o último exército espanhol da América do Sul.

¹⁶. Agustín Blanco Muñoz, *Habla...* op.cit. pp.48—49. Federico Brito foi historiador, professor universitário e membro do PCV.

as causas das guerrilhas e recomenceste a ler de novo sobre este tema o Che, Mao, procurando conhecer as causas desses processos¹⁷. Quais são as experiências mais significativas daquela época?

17. Houve algo que então me marcou: eu estava em um teatro antiguerrilheiro e em uma ocasião um corpo de inteligência trouxe uns camponeses presos e à noite os estavam torturando, eu me neguei a aceitar aquilo. Tive um enfrentamento duro. Minha atitude de rejeição a que torturassem esses camponeses, me valeu uma ameaça de julgamento por instigar a rebelião militar e de insubordinação à autoridade. Isso me marcou muito porque eu dizia: “Bom, que exército é este que está torturando uns senhores ali, mesmo que fossem guerrilheiros não teriam porque fazer—lo”.

18. Mas também presenciei como um grupo guerrilheiro, o Bandeira Vermelha¹⁸, havia massacrado soldados. Eles vinham em um caminhão de busca meio sonolentos, cansados de caminhar por essas montanhas e os guerrilheiros os estavam esperando no caminho e dispararam contra eles; não tiveram tempo nem de se defender e os remataram. Eu dizia: “Não estou de acordo em torturar esses camponeses porque dizem que são guerrilheiros, mas tampouco que esses guerrilheiros massacrem esses soldados, que são jovens inocentes que estavam cumprindo uma missão. Além do mais se tratava de uma guerrilha que já estava derrotada, que não tinha apoio popular nem trabalho popular de nenhum tipo; tratavam—se de pequenos grupos.

7) PRIMEIROS CONTATOS COM A ESQUERDA

19. —Quando eu tinha 15 anos, em Barinas, minha própria terra, conheço intelectuais como Luis Guevara, um velho comunista e historiador de quem me tornei muito amigo; conheci seus filhos, eles eram da Causa R¹⁹, grupo político que estava nascendo. Através deles entro em contato com

¹⁷. Op.cit.p. 51.

¹⁸. Grupo guerrilheiro dos anos 70, Gabriel Puerta Flores foi seu chefe máximo

¹⁹. A Causa R inicia sua incursão no terreno institucional em 1984 com quatro vereadores na prefeitura de Caroní, a cidade mais industrial do Estado de Bolívar. Quatro anos depois consegue 3 deputados federais e no ano seguinte conquista a prefeitura de Caroní e o governo do Estado de Bolívar. Três anos mais tarde reconquista ambos os governos locais e ganha a prefeitura de Caracas, capital da Venezuela, obtendo maioria absoluta na câmara legislativa, vitória eleitoral notável para a qual parece haver contribuído enormemente o fato de que o povo identificava a Causa R com o Movimento Bolivariano 200 encabeçado por Hugo Chávez. E nas eleições gerais de 1993 sobe de 3 para 40 deputados e 8 senadores, embora em seguida, por razões que aqui não podemos analisar, perde tanto o governo do Estado de Bolívar como a prefeitura de Caracas. A Causa R denunciou fraudes eleitorais em ambas as situações. A realidade parece ser mais complexa do que isso. De fato este partido acabou em uma lamentável divisão em fevereiro de 1997. O setor encabeçado pelo então secretário geral, Lucas Mateo e pelo máximo líder popular, Andrés Velásquez, apoiado pela grande maioria do Novo Sindicalismo, com posições moderadas e aceitando a política de privatização das empresas do Orinoco, mantém o nome de Causa R. O outro setor, encabeçado por Pablo Medina, seu anterior secretário geral, em cujas fileiras militam figuras tão importantes como Aristóbulo Istúriz, ex—prefeito de Caracas e Clemente Scotto – ex—prefeito de Caroní – formou um novo partido: Pátria Para Todos (PPT), que apoiou Hugo Chávez nas eleições presidenciais de 1998.

os irmãos Vladimir e Federico Ruiz Tirado. Vladimir hoje é do PPT e trabalha com Maria Cristina Iglesias²⁰. Ele se ligou à Causa R muito jovem e foi um pouco o orientador político que eu tive; era 4 anos mais velho do que eu, muito maduro, muito estudioso, chamávamos a ele de “popeye”. Essa foi uma etapa de discussões políticas, de leituras.

20. Os irmãos Ruiz me levam para conhecer Alfredo Maneiro²¹ e Pablo Medina²². Conversei com Maneiro em um apartamentozinho onde eu morava lá em Maracay, eu tinha 25 anos, era o ano de 1978. Foi a única vez que o vi em minha vida.

21. Lembro—me de Maneiro quando me disse muito claro: “Chávez, conseguimos o quarto pé da mesa” Ele se referia à classe operária —o pé em Guaiana—, aos setores populares, aos intelectuais, à classe média e à Força Armada, que era o quarto pé. E acrescentou: “Vou lhe pedir apenas algo: você tem que se comprometer comigo em que qualquer coisa que formos fazer aqui não é para agora, é para médio prazo, para uma década”. Com frequência lembro aquela tese que defendia de que em política era preciso Ter duas coisas: eficácia e qualidade revolucionária. Quando vejo muitos revolucionários que não têm eficácia política, não sabem gerenciar, tu lhes dá um cargo de governo e saem com as tabelas na cabeça²³, ou consegues outro tipo de gente que é muito eficaz mas não tem qualidade revolucionária, não entende o projeto. Também, ele falava do movimento e sobretudo tinha clara a idéia da estratégia.

22. Eu gostava de me meter nos bairros populares para ver o que acontecia ali, tratando de passar despercebido. Fui a Catia²⁴ ver o que os rapazes da Causa R faziam por ali, como faziam propaganda. Cheguei até a colar cartazes na rua com um grupo deles.

23. Também apareceu Douglas Bravo nesses anos através do meu irmão Adán.

24. Alguns grupos de esquerda nunca chegaram a aceitar o nosso processo, outros quiseram nos manipular com essa idéia de que os militares talvez devêssemos ser o braço armado do movimento político. Eu comecei a entrar em choque com Douglas Bravo.

²⁰. Dirigente da Causa R e atualmente do PPT. Ministra do Trabalho do atual governo.

²¹. Ex—militante do PCV, fundador da Causa R e seu principal teórico. Morreu em 1982 com a idade de 42 anos. Foi uma perda muito sensível para essa organização.

²². Um dos fundadores da Causa R, foi seu secretário geral por vários anos, deputado à assembléia geral em 1993, fundador e secretário geral do PPT quando a Causa R se divide. Atualmente se afastou do partido e está participando da frente política opositora a Chávez. Esteve envolvido no golpe de 11 de abril de 2002.

²³. Fracassam

²⁴. Bairro popular em um dos montes que rodeiam Caracas, pertencente à Paróquia Sucre

25. Meu encontro com Maneiro e, porque não dizer, minha certeza de que pela via de Douglas Bravo a coisa não andava, fizeram com que me aproximasse mais da Causa R, sobretudo por seu trabalho no movimento popular, que era vital para a visão cívico—militar da luta que começava a germinar em mim. Eu tinha então muito clara a idéia do trabalho de massas e não havia isso no grupo de Douglas; ao contrário na Causa R eu sentia o cheiro das massas.

2. O MOVIMENTO BOLIVARIANO REVOLUCIONÁRIO 200 (MBR 200)

— *Explicaste em outra entrevista que foram 3 capitães: Urdaneta, Felipe Acosta Chirino e tu os que decidiram fundar o Movimento em 17 de dezembro de 1982²⁵, embora já fazia três anos que vinha trabalhando. E que Francisco Arias Cárdenas²⁶ se incorporou um ano depois. Fundaram—no dois anos antes do Caracaço²⁷, realizando um juramento no Samán de Guere²⁸. Nesse momento o denominaram Exército Bolivariano 200 — duzentos pelo bicentenário do nascimento de Bolívar —. Tiraram dele o R de revolucionário pelo receio de alguns oficiais em relação a esse termo²⁹. Contas que esse incipiente movimento militar começou a formar Comandos de Áreas Revolucionárias (CAR), grupos cívico—militares em vários lugares e que estes comandos muito surpreendentemente tinham nomes indígenas³⁰. Dizes que se reuniam nos fins de semana, cada um expondo os problemas de sua área, com o uso de transparências, projetos; que então estudavam o pensamento de Bolívar, Rodríguez³¹ e Zamora³², a árvore das três raízes que*

²⁵. Dois meses antes Chávez havia formado um grupo com três soldados e dois sargentos ao qual haviam denominado Exército de Libertação do Povo da Venezuela; um grupo que não tinha projeto de nenhum tipo (Agustín Blanco Muñoz, op.cit. p.57).

²⁶. O Tenente—coronel Francisco Arias Cárdenas foi um dos fundadores do Movimento Bolivariano Revolucionário—200 (MBR—200). Joga um papel destacado na rebelião militar de 4 de fevereiro de 1992, ao sair da prisão se afasta do Movimento e participa das eleições de 1996 quando sai eleito governador do Estado Zulia. Atualmente está na oposição a Chávez embora, em seguida ao golpe militar de 11 de abril del 2002 aceitou o chamado ao diálogo do presidente e manteve conversações com ele.

²⁷. Em 27 de fevereiro de 1989, aconteceu um levantamento popular a partir de uma greve contra o aumento do preço das passagens em Guarena, estado de Miranda. Diante da selvagem repressão se generalizou o protesto popular em toda Caracas.

²⁸. Monumento a uma árvore por seus 200 anos de vida em Güeré, povoado do estado de Aragua.

²⁹. Agustín Blanco Muñoz, *Habla...*, op.cit. p.58.

³⁰. Op.cit.p.125.

³¹. Simón Rodríguez, mestre de Bolívar, pessoa que teve uma grande influência intelectual sobre ele.

³². Ezequiel Zamora, líder de idéias liberais das forças federais durante a guerra civil de 1840—1850. Levantou um programa de Reforma Agrária a favor dos camponeses e se destacou como forte inimigo da oligarquia latifundiária.

*costumas mencionar. Afirma que logo após o Caracaço, ao se incorporarem outras forças e alguns civis, é que esse movimento assume o nome de Movimento Bolivariano Revolucionário*³³.

26. Por essa época comecei a me deparar com as terríveis divisões da esquerda venezuelana, com os conflitos entre eles mesmos. Isso inclusive me levou a desligar—me muitas vezes porque eu dizia: “Bem, se estes estão brigando entre si, estou em perigo porque de repente brigam comigo também e me denunciam, de delatam”. Tinha que me distanciar pela própria segurança do Movimento.

3. CARACAÇO

— *Que repercussões teve o Caracaço no MBR 200?*

27. Aquele 27 de fevereiro de 1989, quando o povo de Caracas saiu massivamente às ruas em repúdio ao pacote econômico aprovado pelo então presidente Carlos Andrés Pérez e os massacres que então ocorreram, foram acontecimentos que marcaram muito a minha geração.

28. Algum escritor venezuelano escreveu que nesse 27 de fevereiro o povo venezuelano saiu às ruas e não retornou delas. A repressão selvagem fez com que o povo recuasse, mas continuou pressionando de sua casa: atos, escritos, murais por aqui; concentrações pequenas, algumas passeatas por aí. Houve estudantes e dirigentes sociais mortos; houve prisões, perseguições.

29. Quando Carlos Andrés Pérez enviou a Força Armada à rua para reprimir aquela explosão social e houve um massacre, os militares bolivarianos do MBR 200 analisamos que havíamos ultrapassado o limite e decidimos que era preciso ir às armas. Não podíamos continuar sendo os cancerberos³⁴ de um regime genocida. Esse acontecimento foi um catalisador do Movimento Bolivariano Revolucionário (MBR 200). Começamos então a acelerar a organização do Movimento, a busca de contatos com civis e movimentos populares, a pensar na estratégia, na ideologia, mas, principalmente, na estratégia: como fazer para transcender uma situação e buscar uma transição para outra.

4. SURGE A IDÉIA DA CONSTITUINTE

30. —Discutíamos sobre como romper com o passado, como superar esse tipo de democracia que só servia aos interesses dos setores oligárquicos; como acabar com a corrupção. Sempre negamos totalmente a figura de um golpe militar tradicional ou de uma ditadura militar ou uma junta militar de governo. Tínhamos muito presente o ocorrido na Colômbia nos anos 1990—1991

Acreditava firmemente na unidade cívico—militar. Obteve ressonantes vitórias em Los Llanos e morreu no assalto a San Carlos em 1960. O hino da guerra federal dizia: “Oligarca tremei, viva a liberdade! “Entre suas consignas estavam: “Terra e homens livres”, “Eleição popular” e “Guerra à oligarquia”.

³³. Agustín Blanco, *Habla...*, op.cit.p.58.

³⁴. Guardas, custódios.

quando ali se realizou uma Assembléia Constituinte. Claro! Muito limitada, porque ao final acabou subordinada ao poder constituído. Foi o poder constituído que desenhou a Constituinte colombiana e a colocou em prática e, portanto, esta não pode transformar a situação porque foi prisioneira do poder constituído.

31. Esse processo foi a fonte de inspiração do movimento de venezuelanos que se chamou Frente Patriótica. Era um grupo de intelectuais, entre eles alguns juristas que, em 1990—1991, emitiu alguns comunicados e se pronunciou por uma Assembléia Constituinte, citando o exemplo da Colômbia.

32. Começamos a pedir materiais, a ler, a buscar uma assessoria jurídico—política e, já antes do 4 de fevereiro trazíamos a tese de convocar uma Assembléia Constituinte como único caminho para sair da armadilha, da falsa democracia, aquela representativa que terminou se tornando o pacto de Ponto Fixo³⁵. Havíamos pensado em algumas ações a serem impulsionadas no caso de a rebelião houvesse obtido êxito. Chegamos a elaborar alguns decretos para convocar uma Assembléia Constituinte. Claro! Sem haver discutido a idéia suficientemente. Acho que não tínhamos então nem a força nem os atores preparados para impulsionar aquele projeto, mas em todo caso plantamos a semente e foi então que o país começou a se perguntar: Bem, o que é isso de uma Constituinte?

5. A CAUSA R E A PREPARAÇÃO DA REBELIÃO DE 4 DE FEVEREIRO DE 92

33. Começamos a preparar a rebelião. Contatamos diversos setores da esquerda. Foi com a Causa R com quem mais trabalhamos a preparação.

34. Fazíamos reuniões, discutíamos planos políticos. Lembro de haver dito a Andrés Velásquez³⁶ e a Pablo Medina que viessem tantos reservistas – esses rapazes que passaram pelo exército – trabalhavam no SIDOR³⁷, que fizessem uma lista e organizassem unidades mesmo que fossem dissimuladas para lutar pelos seus direitos, de forma tal que quando viesse a rebelião pudéssemos contar com essas pessoas com treinamento militar. Estava pensando nos “Batalhões da Dignidade” que foram organizados no Panamá na última etapa do governo do general Noriega para defender a soberania nacional panamenha.

³⁵. Aliança dos partidos Ação Democrática e COPEI para a alternância no governo.

³⁶. Operário siderúrgico, foi secretário geral do Sindicato Único de Trabalhadores da Indústria Siderúrgica, em seguida vereador e mais tarde governador do Estado de Bolívar, um dos mais industriais da Venezuela; candidato a presidente da República em 1993 pela Causa R, partido que se dividiu em 1997 quando Lucas Matheu era seu secretário geral. Velázquez, com o setor que conservou o nome, passou para a oposição a Chávez e recentemente fez parte do bloco opositor golpista.

³⁷. Siderúrgico de Orinoco.

35. Quando Andrés Velásquez ganhou as eleições para governador do Estado de Bolívar, em 6 de dezembro de 1989, eu estava preso. Nessa manhã me haviam detido no Palácio de Miraflores³⁸, onde estava trabalhando. Eu era acusado como conspirador dentro da Força Armada e estavam procurando uma maneira de cercear minha carreira, acusando-me de que eu ia matar Carlos Andrés Pérez. Lembro que, apesar de estar preso, estava feliz porque me inteirei de que Andrés Velásquez havia ganhado e disse isso a vários militares amigos.

36. Mas, em seguida, um indício começou a aparecer. Quando assumiu o governo lhe mandei com Pablo muitas para que nos reuníssemos. Eu havia levado a sério o tema da unidade cívico—militar em Guayana, inclusive fui ali várias vezes às escondidas. Inclusive usava uma peruca para me disfarçar porque já estavam me vigiando muito. E comecei a me reunir ali com militares. Inclusive disse a vários deles que se aproximassem do governo. Fiz todo um plano de aproximação.

37. Cheguei a dizer a um militar que estava no Movimento e que era chefe lá dos armazéns militares³⁹, que se apresentasse ao governador e lhe pedisse uma audiência para lhe oferecer o carnê de compras. A idéia era estabelecer um acordo com o governo do Estado de Bolívar para fornecer a ele produtos. A instrução era que tratasse de se tornar amigo dele. O rapaz tentou mas não conseguiu. Isso foi para mim um mal sinal e disse isso a Pablo várias vezes. Também tratei de me colocar em contato com Lucas Mateus⁴⁰. Meti-me em um hospital violando as medidas de segurança para encontrar Lucas e lhe disse: “Olha, nós necessitamos falar com o governador, ter uma reunião”. E não aconteceu nada. A última coisa que lhe mandei dizer foi: “Olhe, diz—lhe que quero que nos vejamos mesmo que seja no fundo do Orinoco. Se não quer que nos vejamos juntos colocamos um desses escafandros de mergulhador e nos lançamos à água...”. Pablo sempre tratava de justificar isso.

38. Com Andrés não podemos nos reunir, mas sim nos reuníamos com a cúpula da Causa R. Vínhamos trabalhando conjuntamente a parte popular, e a parte militar da rebelião que preparávamos. Mas em seguida, poucos dias antes de sua materialização, eles decidiram em uma reunião da Direção Nacional não apoiar—la e, o mais grave foi que não nos comunicaram essa decisão e havia compromissos de ação, de combate esse dia. O plano previamente falado com eles era de que iam chegar grupos populares a uns pontos onde íamos ter armas. Somente Alí Rodríguez⁴¹ esteve por lá em um ponto esperando e um pequeno grupo solto tratando de cumprir, mas não puderam. Mas a Causa R como partido não chegou. E o pior é que nos condenaram publicamente. Nós lhes havíamos pedido: transporte, comunicações – nesse momento estavam

³⁸. Palácio de Governo.

³⁹. Armazéns do Instituto de Previdência da Força Armada.

⁴⁰. Dirigente nacional da Causa R e pessoa que exerceu grande influência ideológica e política em Andrés Velásquez.

⁴¹. Dirigente da Causa R e em seguida do PPT. Especialista em problemas petrolíferos, ex—presidente da OPEP e atual presidente da Pdvsa.

chegando recentemente os telefones celulares no país —, editar um folheto com algumas idéias da Constituinte. Nada disso funcionou. Quando mais tarde me contaram a decisão que haviam tomado eu não queria acreditar porque até então a gente era como que virgem em política e eu era um soldado e para mim a palavra era um documento de honra.

— *Isso ocorreu com uma parte deles, porque entendo que a outra apoiou a rebelião...*

39. — Sim, foi só uma parte deles. Então começaram a se dividir. Pablo Medina se manteve firme, embora tenha cometido o erro de não nos haver comunicado a decisão da Direção Nacional. Claro, entendemos que era uma razão tática e uma disciplina partidária, de modo que nunca o condenamos. Até o último momento nós acreditávamos que podíamos contar com todo esse movimento de que eles haviam falado, sobretudo em Caracas e especialmente em Catia onde diziam ter força popular e os matanceiros lá em Bolívar. Tínhamos fé em que o povo ia se mobilizar, mas nós — militares na ativa — não podíamos dirigir esse povo, nem convocar a partir da clandestinidade. Contávamos com eles e outros dirigentes, não só da Causa R, também gente do MEP⁴² e outros grupos políticos. Inclusive eu lembro ter trazido um caminhão cheio de armas de Maracay para Caracas e nunca chegou ninguém para busca-las. Havíamos acordado armas esses grupos de combate popular, mas não se deu o recrutamento, acho que por suas divisões, por seus conflitos internos.

40. Não houve tal mobilização popular, nada. Ficamos então isolados na rebelião, sem povo, como no vazio, como peixe fora d'água. Mao dizia, como tu sabes, que o povo é o está para o exército como a água para o peixe. Ficamos como peixe fora d'água e essa foi uma das razões pela qual eu decidi entregar as armas na manhã do dia 4, próximo das 9 ou 10 da manhã.

41. Isso me fez começar a perder a virgindade — permita—me a expressão — no que se refere à política, a esses compromissos e essa palavra empenhada. Talvez se Maneiro não houvesse morrido as coisas houvessem funcionado de outra maneira.

6). O GOLPE DE 92 E A PRISÃO

42. — Em seguida vieram os fatos do 4 de fevereiro de 92, já bastante conhecidos⁴³. O protesto popular se desencadeou quando o povo se deu conta que um grupo de militares estava junto dele. Nesse momento o povo passou dessa situação em ebulição reprimida para uma etapa de expansão explosiva. Essa rebelião militar foi, acho, a maior da história venezuelana.

— *Quantos militares participaram dela?*

⁴² . Movimento Eleitoral do Povo, terceira divisão da Ação Democrática. Teve como líder Luís B. Prieto Figueroa, um educador.

⁴³ . Rebelião militar comandada por Hugo Chávez, que procurava derrubar Carlos Andrés Pérez.

43. – Foi muito mais importante o peso qualitativo do que o quantitativo, porque mesmo que tenhamos mobilizado 10% dos efetivos, quer dizer, uns 10 batalhões, eram batalhões de elite, batalhões importantes; unidades de muito peso: tanques, pára—quedistas, mísseis antitanques, etc.; e isso comoveu as estruturas internas da instituição militar. Saímos como uns 6 mil homens; mobilizamos tanques, helicópteros; tomamos cidades; houve combates em Miraflores⁴⁴, na Casona⁴⁵, em Valencia, Maracay e Maracaibo.

—Que informação tinham esses militares da ação da qual iam participar? Sabiam exatamente com que se enfrentariam?

44. —Eu tinha meu batalhão, eram como vinte oficiais e quinhentos e tantos soldados. Deles só um grupo pequeno de oficiais sabíamos o que íamos fazer nessa noite, as tropas não sabiam nada. Eu tinha um dilema, havia—me formado para ser um líder e pensava que se era líder desses jovens eu não podia leva—los a Caracas com o risco de morrer sem lhes dizer a que nos propúnhamos. Então chamei primeiro os oficiais e lhes expliquei em que consistia a operação militar, dizendo—lhes que quem não estivesse de acordo me entregasse sua pistola e fosse para seu alojamento e, em seguida, quando eu saísse com o meu batalhão para Caracas, ficava livre para ir a sua casa ou para onde quisesse. Antes, não podia deixa—los sair. Um deles saiu chorando e me disse: “não vá pensar que sou um covarde, mas é que minha mulher, meus filhos...”. “Está bem, vai para tua casa, mas só podes ir depois que eu sair”. E assim o fez, em seguida pediu baixa, não agüentou a pressão interna porque foi o único que ficou. Reuni mais tarde os soldados e lhes fiz a mesma exposição.

45. —Uns 300. Em seguida foram liberando alguns que não tinham maior compromisso.

46. —Muita gente me atacou por haver me rendido. Por exemplo, a Bandeira Vermelha fez um trabalho com um grupo de capitães tratando de convencê—los de que eles representavam a verdadeira revolução já que eu tinha sido dividido. Parece que não sabem que em toda operação militar tu tens direito a recuar. No entanto, o fato de que eu haja assumido diante das câmaras de televisão a responsabilidade pelo levantamento e que haja pronunciado a frase “por enquanto”⁴⁶ me catapultou...

—E te transformou no líder indiscutível deste processo.

Com certeza que esta gente do Bandeira Vermelha se infiltrou em níveis médios do MBR 200, sem nunca haver conversado com a direção do Movimento e nos causou muito dano. Antes da rebelião de fevereiro de 92 trataram de lançar um movimento dentro do nosso. Tivemos que tomar uma série de medidas para para—lo.

⁴⁴. Palácio Presidencial onde funciona a Presidência da República e alguns ministérios.

⁴⁵. Residência presidencial em Caracas.

⁴⁶. Disse Chávez diante das câmaras que se rendia “por enquanto”.

8) REBELIÃO MILITAR DE 27 DE NOVEMBRO DE 1992

47. —Como sabes, passados alguns meses —em 27 de novembro de 92 – deu—se uma Segunda rebelião militar e, embora não a tenhamos dirigido, somamo—nos a ela a partir da prisão. Foi um movimento da Força Aérea no qual havia também um componente importante que não pode se pronunciar em 4 de fevereiro e o fez então. Vários desses oficiais tiveram que se exilar. Para o Peru, por exemplo, partiram mais de 60 oficiais, uma deles é minha secretária. Ela participou daquela rebelião e partir junto com seu esposo, outro militar da Força Aérea. Esses estiveram exilados durante dois anos.

48. Esses dois levantamentos conseguiram reunir certa força militar, mas não conseguiram contar com a participação popular. Houve apoio mas não participação ativa do movimento popular no movimento armado.

49. Em seguida nós desistimos da idéia de continuar por essa via armada.

—*Por que?*

50. – Bem, porque a situação não dava para outro movimento armado nesse momento. Os quadros dirigentes do MBR 200 estavam na prisão ou haviam dado baixa. Os que ficaram dentro da Força Armada começaram a ser perseguidos e enviados para lugares remotos. Estavam muito vigiados. Existia uma verdadeira perseguição que tornava sumamente difícil qualquer coordenação.

51. – Depois dessas duas rebeliões não tínhamos nenhuma capacidade militar para organizar o impulsionar algum novo movimento a partir da prisão. Por outro lado, do ponto de vista psicossocial e sócio—político – podemos dizer assim – a saída de Carlos Andrés Pérez foi uma jogada das classes dominantes para aproveitar para se livrar do fardo que lhes estorvava e, claro, efetivamente, isso funcionou como uma válvula de escape. Assim o denunciámos da prisão.

9) DA PRISÃO: NASCE A IDÉIA DOS COMITÊS BOLIVARIANOS

52. Do cárcere nós começamos a desenvolver algumas teses organizativas para ajudar a que esse movimento de apoio massivo, ainda sem forma, tomasse corpo. Sabíamos que no povo existia um sentimento de simpatia para conosco. Ainda não havia uma organização popular. E foi aí quando saiu a idéia dos comitês bolivarianos – naquele momento não se chamavam círculos –, quer dizer, a idéia de ir criando pequenos grupos que se identificassem com o nosso projeto. Estes grupos eram quase clandestinos, porque éramos um movimento perseguido nas ruas nesse momento.

10) O MBR 200 DEPOIS DO 4 DE FEVEREIRO

53. Depois da rebelião do 4 de fevereiro de 92, o Movimento Bolivariano Revolucionário deu um salto, porque até esse dia éramos um movimento militar pequeno clandestino, um grupo de jovens militares principalmente, alguns civis, algumas correntes de esquerda que estavam ali

incorporadas. Mas em seguida a essa data aquilo foi uma explosão de sentimentos mais do que tudo.

11) POLÍTICOS TRATAM DE CAPITALIZAR A REBELIÃO DE 4 DE FEVEREIRO

54. Em seguida vieram os problemas das eleições de 1993. Tanto Caldera como a Causa R trataram de capitalizar a Rebelião de 4 de fevereiro a seu favor.

55. A Causa R começou a utilizar nossa prisão como um símbolo do Partido e começaram a correr versões de que eu e outros militares mais éramos membros de sua direção, coisa que nunca foi verdade. Manipularam as coisas com interesse eleitoral, o que causou muitos problemas.

56. Não foram os únicos. Muita gente diz que Caldera⁴⁷ e Aristóbulo Istúriz⁴⁸ ganharam as eleições em 4 de fevereiro devido a esses dois discursos que fizeram a nosso favor no dia do golpe⁴⁹. Mostraram—se na onda de simpatia popular que havia ocorrido em relação ao nosso gesto. Eu não nego que eles tinham força própria, principalmente Aristóbulo, que sempre teve uma grande vinculação com os setores populares, mas parece claro que isso os catapultou ainda mais. Caldera era um cadáver político e ressuscitou em 4 de fevereiro.

57. Em seguida, eu lembro que detectamos que havia gente da Causa R fazendo *lobby* nos locais onde estávamos presos através de familiares ou algumas vezes de maneira direta para que algum de nós aceitasse ser candidato a deputado regional ou nacional nas eleições de 5 de dezembro de 1993. Foi então que Arias Cárdenas começou a dar mostras de fraqueza, porque nós havíamos decidido não participar do movimento eleitoral nesse momento.

58. Então fizemos um comunicado dos militares presos. Conseguimos algum dinheiro e saiu publicado em algum jornal, acho que em *Últimas Noticias*, quando nós dizíamos que intervir em um processo eleitoral como esse, cujo marco havia sido imposto pelas elites, era se tornar cúmplice de uma zombaria deliberada das aspirações populares; que houvesse podido participar se se houvesse aceitado a convocação para a Assembléia Constituinte. Advertíamos, ao mesmo tempo, que não queríamos desqualificar quem havia decidido participar delas sabendo que, apesar das divergências imediatas, podiam ser futuros aliados. E terminávamos dizendo: “O MBR 200 não vai às eleições, mas continuará sempre no combate pelo país, convidando para aderir a essa tarefa estratégica todos os que se consideram “uma reserva patriótica” e uma “esperança de

⁴⁷. Rafael Caldera, candidato de Convergência, uma divisão de COPEI ganha as eleições presidenciais de 1993.

⁴⁸. Atual ministro da Educação.

⁴⁹. Enquanto no Congresso Nacional todos os oradores de Ação Democrática e COPEI censuram a rebelião militar — chegando David Morales Bello, dirigente nacional de AD a lançar a palavra de ordem: “Morrão os golpistas” —, Caldera e Aristóbulo tiveram uma posição diferente. Foram críticos ao sistema e vieram o movimento militar como uma consequência da deterioração do regime democrático. Estas mensagens foram amplamente conhecidas porque essa sessão foi televisionada ao vivo.

libertação para as massas irredentas”. Lembro que o comunicado terminava com uma frase de Simón Bolívar. “Todo o corpo da história indica que as gangrenas políticas não se curam com paliativos”.

59. Esta posição começou a gerar atritos e alguns militares aceitaram sim ser incluídos nas listas de candidatos da Causa R. Quando Arias Cárdenas saiu da prisão se aliou com eles e se lançou como candidato a governador de Zulia pela Causa R e ganhou as eleições. Claro, ele fez uma aliança estranha com eles e com Copei, mas com Copei do que com Causa R e, logo que ganhou as eleições deu as costas para esta última.

12) ABSTENÇÃO ATIVA

—*Além do comunicado em que firmam posição, entendo que vocês fizeram campanha a favor da abstenção. Poderias me explicar em que consistiu?*

60. Uns meses antes dessas eleições começamos o que chamamos como abstenção ativa: não aos partidos, não às eleições e sim à proposta alternativa de constituinte popular. Com essas palavras de ordem fomos visitando algumas regiões e isso nos permitiu apoiar a organização, mobilizar a população, recolher assinatura contra as eleições. Toda essa atividade em torno da abstenção permitiu fortalecer a organização do MBR 200 e ampliar seu raio de ação. Discutíamos com o povo diversos temas: o significado da abstenção eleitoral, a idéia da Constituinte, nossa apreciação crítica sobre o partidarismo político, etc. Realizamos fóruns, seminários e transmitíamos estas idéias em algumas entrevistas de rádio e televisão, claro, escassas, já que então a grande imprensa nos havia vetado. Acho que contribuímos para aumentar a abstenção, que superou todos os prognósticos.

13) SAI CARLOS ANDRÉS PÉREZ E ENTRE CALDERA

61. —Finalmente sai o presidente Carlos Andrés Pérez acusado de corrupção, vai para a prisão e o discurso do sistema toma então essa forma de que as instituições sim funcionam. Nomeiam um presidente de transição até as novas eleições: o doutor Ramón Velásquez, um historiador. Então vêm as expectativas eleitorais de 1993.

62. Nesse momento não havia condições políticas, nem sociais, nem psicológicas, nem militares para outra rebelião.

7. SAI DA PRISÃO E COMEÇA A PERCORRER O PAÍS

63. Em seguida ganha o doutor Caldera a Presidência e saímos da prisão. Alguns dos nossos não saíram do exército, outros fomos obrigados a sair e tão logo quando pudemos, dedicamo—nos a percorrer o país.

1) ALGUNS CONTINUAM TRABALHANDO DENTRO DA FORÇA ARMADA

64. – Houve alguns como Florencio Porras que não se foram do Exército.

—*Pode permanecer, então não eram automaticamente excluídos do Exército?*

65. —Não, porque fizemos uma negociação. Nós, os chefes militares do Movimento, aceitamos solicitar nossa baixa, mas com a condição de que alguns deles permanecessem. Essa foi parte de uma negociação com o governo Caldera na qual exigimos que permanecessem alguns deles.

—*Com a idéia de continuar o trabalho aí?*

66. —Claro! De continuar trabalhando dentro. Lembro que com Florencio nos víamos através de familiares: seus país, sua esposa, que descansa em paz. Eu lembro de papeizinhos, alguns contatos, amigos, quer dizer, havia um movimento interno, mas sumamente desorganizado. Quando eu vinha em visita pelo Estado Táchira, onde ele trabalhava, isolavam—no; metiam—no em guarda ou inventavam qualquer pretexto para manda—lo chamar a Caracas.

—*Para que não houvesse contato?*

67. —Para que nem sequer houvesse a possibilidade de coincidir de alguma maneira em algum local da cidade. Tomavam—lhe as chaves dos parques onde estavam as armas, coisas como essas. Até que um dia me disse: “Eu não aguento, vou embora”.

68. Todos eles tiveram que suportar esses maltratos, faltas de respeito a sua dignidade como profissionais. Não lhes permitiram às vezes usar armas sendo oficiais da Força Armada. No entanto, eles cumpriram com sua tarefa.

69. Florencio gostou da carreira política e nós autorizamos sua solicitação para ir estudar Ciências Políticas na Universidade do Estado de Mérida, e começou ali a carreira.

70. Eu lembro que ainda estava na ativa e andava fazendo política nos bairros, até que pediu sua baixa e se foi do Exército já como capitão.

2) DESENVOLVENDO MAIS A IDÉIA DA ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE

71. Da prisão em Yare havíamos continuado elaborando, aprofundando as idéias sobre a Constituinte. E alguns setores civis, acadêmicos, intelectuais, continuaram escrevendo sobre o tema. Aquilo teve algum auge momentâneo, mas em seguida vieram as eleições nas quais Caldera ganhou e a idéia foi sendo relegada para em seguida surgir com força quando nós saímos da prisão. Porque saímos da prisão para percorrer o país com esse questionamento e, principalmente, saímos para racionalizar a idéia, para trabalha—la. Para isso nos pusemos a estudar os teóricos do Poder Constituinte.

72. Eu lembro de Toni Negri⁵⁰, por exemplo, e seus estudos sobre Poder Constituinte; dos teóricos franceses do Pouvoir Constituant. Estudamos a fundo o pensamento de Rousseau sobre o contrato social. Começamos também a buscar experiências na América Latina. Fomos a Bogotá, conversei com os três co-presidentes da Assembléia Constituinte colombiana: Álvaro Gómez Hurtado —que foi assassinado uns anos depois —, Horacio Serpa e Antonio Navarro Wolf. Trouxemos muitos documentos e conhecemos muitas iniciativas que foram tomada lá em nível popular. Embora não houvessem tido expressão na Assembléia Constituinte, ficaram ali, no entanto, como propostas de participação.

73. Foi assim que fomos amadurecendo a idéia, a semente plantada em 4 de fevereiro. Pouco a pouco foi adquirindo uma projeção histórica, porque então começamos a falar de “processo constituinte” e não só de Assembléia Constituinte. Uma das importantes lições que aprendemos do que ocorreu na Colômbia é que lá realmente não houve um processo, foi um fato pontual que chegou a ser dominado pelo Estado imperante, pelo poder constituído. Realmente não houve a autonomia do poder constituinte.

74. Nesses primeiros anos de 94 e 95 não havíamos cancelado a possibilidade de um novo movimento armado, mas igualmente passamos a avaliar possibilidades, força verdadeira, força real e concluíamos que não a tínhamos.

3) SITUAÇÃO DO MOVIMENTO QUANDO CALDEIRA É ELEITO

75. Quando Caldera foi eleito presidente, nós saímos da prisão⁵¹ e nos dedicamos a percorrer o país de ponta a ponta durante esses dois anos (1994—95). Eu acho que não deixamos de ir a nenhuma cidade, povoado, acampamento, povoado indígena, bairro. Íamos de povoado a povoado com a bandeira da Constituinte, ajudando na organização, ampliando—a, fortalecendo—a, organizando, por exemplo, as coordenadorias locais e coordenadorias regionais do MBR—200. Deixou de ser militar clandestino para se transformar em um movimento popular, embora com correntes militares sempre ali presentes, mas como um movimento cívico—militar.

76. Nós elaboramos, logo que saímos da prisão, um mapa estratégico nosso, onde na primeira instância esta o MBR—200 e os aliados políticos, os havíamos identificado antes de fazer alianças com eles: a Causa R e outros grupos menores. Em seguida, mais abaixo, descrevíamos os “independentes”, que na realidade não eram independentes, eram os indecisos, a parte militar, o que não se podia dizer. Era o ano 1994, éramos perseguidos, o MBR—200 tinha então um caráter semiclandestino.

77. Como navegantes do mapa estavam: grupos políticos, grupos sociais. Víamos a necessidade de estabelecer uma aliança com eles. Em seguida tínhamos outro conjunto de projetos: o processo

⁵⁰. Filósofo italiano que tem muitos trabalhos dedicados ao tema.

⁵¹. Caldera concede uma anistia aos militares presos que intervieram na rebelião do 4 de fevereiro de 1992.

popular constituinte era um deles. Outros eram: a defesa da qualidade de vida, a defesa das soberania nacional, como polinômio de poder⁵². Estes projetos estavam incluídos em um megaprojeto que denominávamos: “organização do movimento popular”. E mais aqui tínhamos um projeto de transição rumo a um projeto nacional de longo prazo que era parte programática. Aqui embaixo tínhamos a América Latina e o Caribe e mais para lá outros aliados de outras partes do mundo. Trabalhamos isto durante anos. Giordani⁵³ fez um trabalho extraordinário. Héctor Navarro⁵⁴, o engenheiro Ciavaldini e outros.

78. Então, neste megaprojeto que chamamos organização do movimento popular, começamos a preencher de conteúdo cada projeto: cada um deles deveria Ter uma espécie de motorzinho que permitisse impulsiona—lo. Começaram a aparecer experiências incipientes ainda naqueles tempos. Daí vem a idéia dos comitês bolivarianos, dos comitês constituintes. A idéia é que fossem instrumentos de organização do movimento popular. No projeto de defesa da qualidade de vida não se avançou muito, embora se chegassem a criar alguns círculos contra o desemprego, círculos contra a insegurança, contra o aumento do custo de vida. A soberania nacional tinha a ver com a fronteira e com o polinômio de poder que incluía setores da Força Armada, setores do empresariado, para tratar de convocar, além dos atores sociais, outros atores.

79. Queria comentar isto para que percebas que a nossa estratégia havia sido bem estudada. E dentro dela sempre esteve presente a necessidade de buscar esses contatos com movimentos de esquerda da Venezuela, mas conseguimos muito pouco apoio, havia incompreensão, muitas dúvidas sobre o movimento militar e acho que com razão, pela experiência latino—americana.

80. Este mapa continua tendo vigência, só que agora é preciso revisa—lo, é preciso atualiza—lo.

8. AVALIANDO POSSIBILIDADES ELEITORAIS

81. Ao analisar a situação percebemos que uma nova insurreição haveria sido uma loucura. Do ponto de vista militar, nosso movimento tinha a maior parte de seus líderes militares – que gozavam de um grande apoio e havia gerado uma grande expectativa popular – fora da instituição, enquanto que o movimento militar interno ficou muito debilitado, muito desarticulado, com pouco capacidade para organizar um novo levantamento armado porque a maioria de seus líderes já estavam detectados. A isso é preciso acrescentar que o sistema havia tomado medidas internas para evitar uma nova sublevação: fortalecimento de seus quadros, lotação de seu pessoal para locais chave, etc.

⁵². Expressão algébrica de vários termos.

⁵³. Jorge Giordani, economista, foi ministro do Planejamento e Desenvolvimento, professor universitário e do CENDES (Centro de Estudos para o Desenvolvimento).

⁵⁴. Foi ministro da Educação, Cultura e Esporte e atualmente ocupa a pasta da Educação Superior.

82. Do ponto de vista social, dedicamo—nos a sondar o que a população pensava, bem que aqui sempre houve correntes populares partidárias de um movimento armado nesses percursos que fizemos pelo país. E nas sondagens de opinião que realizamos, percebemos que boa parte do nosso povo não queria movimentos violentos mas tinha a expectativa de que organizássemos um movimento político, estruturado, para optar por uma via pacífica. Decidimos então avançar pela via eleitoral.

4) CONSULTA POPULAR

83. Embora tudo nos fizesse pensar que esse era o sentimento popular generalizado, continuávamos tendo dúvida se devíamos continuar chamando à abstenção eleitoral, procurando oportunidades mais adiante para conseguir uma correlação de forças diferente em outros cenários não eleitorais ou se devíamos ir pelo caminho das urnas.

84. Decidimos então realizar uma consulta popular usando a metodologia da pesquisa. Tornou—se muito mais do que uma pesquisa, já que organizamos equipes nas quais trabalharam psicólogos, sociólogos, professores e também estudantes, procurando integrar pessoas que não eram necessariamente do Movimento, para cuidar da objetividade da consulta.

85. Fizemos em torno de 100 mil consultas em 96—97. Lembro que dividíamos o país em Ocidente, Oriente e Centro e foram à rua jovens, professores e estudantes fazer consultas. Havia duas perguntas registradas em formulários, a primeira: “Está de acordo em que Hugo Chávez seja candidato à presidência da República?”. “Sim ou não?”. E uma Segunda pergunta: “Votaria nele?”. “Sim ou não?”. Os resultados dessa medição foram a luz verde para tomar a decisão. Lembro que as respostas à primeira pergunta foram: em tono de 70% disseram “Sim” e quase 30% disseram “Não”. Esse resultado foi bastante contundente. E a resposta à Segunda pergunta, “Votaria em Chávez?”, foi surpreendente, a porcentagem de positivo foi quase exatamente igual ao obtido dois anos depois nas eleições presidenciais: 75% pelo “Sim”.

86. Lembro que com Giordani, economista e professor universitário, com Navarro, também professor universitário de planejamento e matemática e Nelson Merentes⁵⁵, um matemático, começamos a trabalhar uns cenários e a jogá—los com computadores. Inclusive isso incorporamos na discussão.

87. Discutimos muito sobre o caminho a seguir. Nesse momento não deixaram de aflorar contradições. Alguns grupos estiveram em desacordo com a via eleitoral e se foram. Acusavam—nos de haver abandonado a via revolucionária porque havíamos abandonado as armas. Mas quem disse que as armas garantem uma via revolucionária? Por aí continuam alguns indivíduos ou grupos que se mantêm críticos em relação à via eleitoral. Outros retornaram.

⁵⁵. Atual ministro de Ciência e Tecnologia.

88. Sabíamos que era uma decisão estratégica que podia nos levar a um caminho catastrófico, que podia nos encurralar na armadilha das forças do sistema de *Punto Fijo* (Ponto Fixo), que podia nos conduzir a um pântano no qual podíamos afundar.

89. Finalmente me refiro a este tema – como tu dizes – sempre advirto que este movimento nosso é pacífico mas não está desarmado, tem armas de guerra para defende—lo. Acho que isso foi demonstrado claramente quando se articulou toda esta confabulação da oligarquia e de uma grande parte da elite militar em 11 de abril.

90. Lembro que quando íamos tomar a decisão eleitoral, falávamos sempre da janela tática. As eleições eram para nós a janela tática dentro da estratégia, e sempre aceitávamos que os computadores tinham razão quando compilavam aqueles conjuntos que praticávamos, que essa janela tática se aproximava de um cenário catastrófico muito arriscado, que corríamos o risco de cair na redes do sistema. Quando escolhemos esse caminho o fizemos muito conscientes de que corríamos esse risco, Marta. Eu tinha muito medo de acabar negociando com alguns deputadozinlos, alguns governadorezinhas.

5) ELEIÇÕES DE 1998

91. Até 1996 nos havíamos negado a ir às eleições. Andávamos muito mais chamando à abstenção como elemento tático ou como parte de uma estratégia para a convocação da Assembléia Constituinte, que sempre foi a nossa proposição.

92. Foi assim que decidimos avançar por este caminho. Agora, tu perguntas: por que insistir tanto nesse caminho? E eu te respondo: porque acreditamos nele e não só como algo tático, mas porque acreditamos estrategicamente que é possível, dissemos milhões de vezes que “Vamos à presidência da República para convocar o Poder Popular, a Assembléia Constituinte”. Eu mesmo tinha grandes dúvidas sobre a possibilidade de romper as barreiras do sistema de *Punto Fijo* e transcender para outra situação, mas conseguimos. Nesse mesmo ano de 1999 fizemos o referendium.

CAPÍTULO SEGUNDO: O TRÂNSITO PACÍFICO: UM PARTO INSTITUCIONAL MUITO DOLOROSO

I. ETAPAS DO PROCESWSO CONSTITUINTE

— *Dizias que o Movimento Bolivariano 200 rejeitou desde seu início a idéia de um golpe militar tradicional, de uma ditadura militar ou um junta militar de governo, e que levantou já antes da rebelião militar de fevereiro de 92 a idéia de convocar uma Assembléia Constituinte. Tratava—se – segundo disseste – de procurar criar uma situação, seja através das armas ou de um processo pacífico eleitoral, que permitisse romper com o passado para poder realizar as transformações que o país tanto necessita. Poderias me explicar como foi—se materializando a idéia?*

93. – Olha Marta, aqui na Venezuela quase ninguém falava de Assembléia Constituinte. Muita gente inclusive não sabia que coisa era isso. Traçamos uma metodologia para explicar o processo constituinte e para que nosso povo não se limitasse a ver a Assembléia Constituinte como a meta, como o fim. Dividíamos este processo em etapas.

94. Definíamos **a primeira etapa como o despertar do poder constituinte**: a transformação da força em potencial real. Lembro que eu colocava o exemplo de um gelo que se derrete e corre como a água, ou uma rocha que estava acima de uma montanha e cai e desencadeia a avalanche, algo assim. E do nosso ponto de vista isso ocorreu em 27 de fevereiro de 1989, quando do Caracaço.

95. Em seguida vieram os fatos do 4 de fevereiro de 92. O protesto popular se desencadeou quando o povo percebeu que um grupo de militares estava junto a ele. Nesse momento o povo passou – como te dizia – de uma situação em ebulição reprimida para uma **etapa de expansão explosiva**.

96. O desafio foi então como fazer para convocar uma Assembléia Constituinte pela via legal. O primeiro que havia que fazer era ganhar a Presidência da República para, a partir deste órgão de poder, convocar um referendunum no qual o povo pudesse se pronunciar. Baseamo—nos no artigo 4 da velha Constituição que dizia: “A soberania reside no povo que a exerce através do sufrágio (o referendunum é uma forma de sufrágio), dos órgãos do poder público, etc.”. Encontramos uma brecha jurídica e interpretativa desse artigo que permite ao presidente convocar um referendunum para que a soberania que reside no povo se expresse por um órgão do poder público.

97. Conseguimos ganhar esse referendunum com a bandeira da Constituinte e embora a oposição atacasse muito dizendo: “Com a Constituinte não se come, não se fazem estradas, não se fazem moradias”, o tema pegou em nível nacional. A essa etapa chamamos **etapa da convocação da Assembléia Constituinte**.

98. Em seguida veio a **etapa das eleições para a Constituinte** e delas participaram não só candidatos dos partidos, mas também jornalistas, indígenas, cantores, postulados perante o país, alguns por circunscrição nacional e outros por circunscrições regionais. Houve muitíssimas postulações para eleger 130 constituintes.

99. Uma vez eleitos os membros da Assembléia Constituinte, passamos à **etapa assembleísta**: a assembléia deliberando e elaborando o novo projeto de Constituição.

— *Disseram—me que houve toda uma idéia de fazer participar a população no processo de discussão da nova Constituição e que houve gente que inclusive esteve planejando como facilitar do ponto de vista técnico tal participação e, de repente, isso se cortou e a elaboração da Constituição se tornou um processo muito fechado, não acompanhado pelo povo nem consultado por ele.*

100. —Eu acho que o processo de discussão da Constituição foi um processo bastante aberto. Acho que houve bastante participação. O que acontece é que havia que estabelecer um limite de tempo nesse processo. Um debate muito longo haveria entrado em contradição com a velocidade que necessariamente tinha que ter o processo político. A Assembléia Constituinte foi eleita em 25 de julho de 1999, instalou—se em agosto e em dezembro se concluiu o debate do projeto de Constituição, que em seguida foi votado em referendun. Seguramente há setores que queriam um processo mais longo, mas profundo. Mas, apesar disso, acho que não há precedentes na história recente do país de um processo tão aberto e de tão amplo debate. Como se fez, por exemplo, com a Constituição de 61? O povo elegeu um Congresso e esse Congresso se atribuiu faculdades constituintes quando não as tinha de origem, foi eleito para fazer leis e, no entanto, dedicou—se a fazer uma constituição que foi aprovada por esse mesmo Congresso. Essa sim foi uma Constituição feita de forma fechada.

—*Não houve referendun?*

101. —Aqui, em toda a história venezuelana, não tinha havido nenhum referendo. O primeiro foi o que convocamos em 2 de fevereiro de 1999 para perguntar ao povo se estava de acordo em convocar uma Assembléia Constituinte.

102. Uma vez instalada a Assembléia Constituinte, ela mesma fez seu próprio regulamento e criou uma comissão de participação – a chamara de algo assim – cuja tarefa era motivar a participação, receber propostas diversas e discuti—las para leva—las ao projeto constitucional.

103. Abriram—se linhas de telefones gratuitas para que o povo pudesse opinar. Os constituintes fizeram assembléias regionais para receber idéias, pelo menos os nossos, que eram a maioria. Acho que eles iam à região pela qual foram eleitos um ou dois dias por semana para fazer assembléias, conversar, buscar idéias, projetos.

104. Agora, claro, há quem imaginava um processo constituinte mais radical, mais participativo e pensaram – como dizes – em mecanismos técnicos para consegui—lo. Isso é possível. Alguns diziam que o processo de discussão deveria durar dois anos. Imagine! Que cada capítulo deveria se submeter a um referendun para não aprovar em bloco o projeto. Isso poderia terminar em nada, como ocorreu em outros países.

105. Às vezes é preciso sacrificar algumas coisas importantes pela urgência, e nesses momentos era urgentemente necessário transformar o mapa político para poder continuar impulsionando o projeto revolucionário. Lembre—se que quando eu fui eleito presidente da República, a Corte Suprema continuava sendo a mesma, dominada pelos partidos da Ação Democrática e COPEI. Aí íamos encontrar um forte obstáculo. Tínhamos só 3 governadores afeitos ao projeto, a maioria era da Ação Democrática e do COPEI. E o Congresso Nacional estava nas mãos deles: éramos minorias. Agora, Marta, quando a gente topa com a realidade, muitas vezes deve acoplar a idéia à realidade, neste caso me refiro à velocidade do processo político.

106. Em seguida passamos à **fase de aprovação da Constituição**. Mais de 70% dos votantes disse sim à nova Constituição.

107. E finalmente vem a fase mais longa e a mais complexa: **a fase executiva** – tomamos o termo de Toni Negri.

108. Nesta nova fase, o primeiro passo era eleger as novas autoridades para transformar – como te dizia – o mapa político do país. Conseguimos relegitimar todos os poderes: presidentes, governadores, prefeitos, deputados.

109. Durante o processo de composição das candidaturas a deputados, governadores e prefeitos surgiram problemas por disputa de cargos dentro da coalizão política eleitoral que se havia criado: o Polo Patriótico, que reunia o Movimento V República (MVR), o Partido Pátria para Todos (PPT), o Partido Comunista (PCV), setores do Movimento ao Socialismo (MAS), o Movimento Eleitoral do Povo (MEP).

—Disseram—me que o Movimento V República foi muito sectário e quis impor seus candidatos em todos os espaços. Também ouvi que tu atacaste muito duramente o PPT em público naquele momento. Foi assim?

110. —Há algo de tudo isso, embora não em termos absolutos. Não se pode negar que houve sectarismo em algumas instâncias do Movimento V República. Infelizmente esses vícios sempre estão presentes. Mas se tu revisas de maneira geral, podes ver que poucos partidos na correlação de forças que então tínhamos, abriram tantos espaços para candidatos de outros partidos como nós fizemos.

—E como se explica a ruptura com o PPT?

111. — A situação com o PPT se deu porque nem eles nem nós fomos capazes de antepor o projeto estratégico a nossas diferenças secundárias e aos conflitos regionais que se foram dando. E lembro inclusive que no primeiro dia da campanha fizemos uma passeata muito grande do centro de Caracas até Petare. Lá estava o nosso candidato à prefeitura de Petare, José Vicente Rangel Ávalos, o atual prefeito, mas como o PPT tinha outro candidato, — porque não fomos capazes de nos colocar de acordo sobre isso —, eles haviam montado lá por cima, em um nível alto, como um parque, um equipamento de som que lançava palavras de ordem em meio ao nosso ato. Quando nosso candidato estava falando, começaram a dizer coisas, e eu não pude me conter, tomei o microfone de Pepe Rangel. O ato estava sendo transmitido diretamente pela televisão e tudo, mas eu sou assim e disse: “Vão nos deixar fazer o ato ou vieram os amigos do PPT nos sabotar”? E Pablo Medina esta ali e lhe disse: “Pablo, por favor, este é um ato de nível nacional, deixe Rangel falar”. Fiz um chamamento a ordem. Calaram—se, mas depois voltaram a intervir. Essa foi uma atitude divisionista, eleitoreira, pretender aproveitar nosso ato para lançar suas palavra de ordem.

112. Esse foi o primeiro encontrão. Ali começaram as coisas mal e em seguida se agravaram com as candidatura a governadores.

— *Disseram—me que havia um compromisso entre o PPT e vocês no sentido de que eles apoiariam tua candidatura a presidente mas levariam seus próprios candidatos em alguns estados e prefeituras, e que o compromisso era que nesses lugares não apareceses publicamente apoiando o candidato do V República. Dizem que não cumpreste com esse compromisso.*

113. — Marta, eu nunca me comprometi com tal coisa. E te digo, eu tenho minha consciência tranqüila a respeito, porque fiz todos os esforços que pude para chegar a acordos em algumas regiões.

114. Mais adiante o PPT novamente sabotou nosso ato em Guárico. Estava falando o candidato a governador e ali estava sua gente vaiando. Houve até briga entre o público. Formaram uma desordem, muita gente se foi do ato. Então, no discurso fui muito duro com eles. Depois desse discurso meu, se reuniu a direção nacional do PPT e decidiu pela ruptura, deixaram de apoiar minha candidatura a presidente.

115. Foram esses discursos duros em resposta a suas atitudes de indisciplina e sabotagem dos nossos atos, o que foi explorado como uma falta de respeito minha para com eles. Eu acho que ali influiu muito o Pablo, ele esteve sempre muito reticente a essa aliança. Pablo foi o último deles a se decidir a apoiar minha candidatura presidencial a primeira vez e em seguida se manteve indiferente, não fez campanha.

116. Eu sempre tive muito claro a importância da Assembléia Nacional como espaço estratégico a conquistar. No primeiro discurso que fiz quando começou a campanha eleitoral, disse que trocava todos os governos e prefeituras pela Assembléia Nacional. Era fundamental ganhar a maioria das cadeiras porque essa maioria ia determinar a composição dos outros instrumentos de poder: O Tribunal de Contas da República, o Tribunal Supremo de Justiça, o Poder Eleitoral, o Poder Moral. E era fundamental ter bons deputados para elaborar as leis revolucionárias. Mas não! Resultado de erros táticos se debilitou a estratégia e ainda estamos sofrendo por esses erros.

117. O PPT, um partido com muito mais solidez, retirou—se da aliança, foi só às eleições e não elegeu nenhum de seus candidatos. Esse espaço deixado pelo PPT foi ocupado pelo MAS. Desgraçadamente, não poucas pessoas que entraram para a Assembléia Nacional Constituinte se tratavam de pessoas com pouco consistência ideológica e política. Aí tens Puchi e Mujica⁵⁶ que são verdadeiros negociantes da política. Estamos agora com uma Assembléia Nacional com grandes debilidades e esta situação está pesando muito. Nela deveria estar María Cristina Iglesias, Vladimir Villegas⁵⁷, Aristóbulo Istúriz, José Albornoz⁵⁸. Há como uns 20 quadros muito bons do PPT que deveriam ser deputados.

⁵⁶. Quadros do MAS, que hoje estão na oposição.

⁵⁷. Dirigente do PPT.

⁵⁸. Secretário geral de Pátria Para Todos (PPT).

118. Não foi possível resolver então as diferenças políticas e chegamos à Assembléia com uma maioria, mas não determinante. E para poder conseguir os dois terços da Assembléia requeridos para designar o Tribunal Supremo e os demais poderes foi necessário fazer acordos momentâneos, de um dia, com a Ação Democrática, o COPEI e o Projeto Venezuela. Eles impuseram candidaturas de pessoas não idôneas no Poder Judicial e em outros corpos. Por isso é que tu vês hoje no Tribunal Supremo de Justiça um grupo de senhores que não estão dispostos a exercer seu cargo de forma honrada e que se deixam manipular politicamente porque mantiveram relações históricas com a Ação Democrática, com o COPEI ou com outros setores contrários à revolução.

119. Pablo Medina nunca aceitou minha liderança, acabou se separando do PPT e no dia do golpe (11 de abril de 2002) apareceu em Miraflores. No dia anterior o havia visto pela televisão disputando aquela gente inflamada contra Chávez e contra a revolução bolivariana, ao lado de Carlos Ortega⁵⁹. Perdeu completamente o horizonte. Afortunadamente há um grupo de lutadores como María Cristina, Aristóbulo e muitos outros mais, que mantêm erguida a bandeira original da Causa R, aquele partido fundado por Alfredo Maneiro.

— *Tu disseste que um dos defeitos de Pablo Medina é que não aceitava tua liderança. Não será também que tu tens muita dificuldade de aceitar outras lideranças?*

— Alguma vez em tua vida reconheceste outra liderança que não seja a tua?

120. *Não me é difícil, para falar a verdade.*

— *Alguma vez em tua vida tiveste de reconhecer outra liderança que não seja a tua:*

121. — Sim, estando preso, quando se preparava a segunda rebelião militar e surgiu um grupo diferente de chefes militares. Eu lembro que da prisão mandávamos cartas e recados preparando uma Segunda rebelião, que estava prevista para junho ou julho, com gente do exército principalmente. Nesse momento nos chegou à prisão a informação, por via de um dos oficiais do exército que estava fora, de que havia gente da Marinha, da Força Aérea preparando também outro movimento. Diante desta notícia nós decidimos frear o nosso e eu fui um dos que me dediquei a escrever, a mandar nomes, reconhecendo um comando que esta fora. Eu era um dos que dizia: “Nós estamos presos, com grandes limitações, aí há uma liderança: o almirante Grüber, o general Visconti, o almirante Cabrera Aguirre, o coronel Virginio Castro. Eles formaram um comando militar e político e assim se fez. Nesse momento as circunstâncias me indicavam que eu não era o líder. Acho que esse foi o único momento em que se deu essa situação, porque em seguida não se apresentou uma situação parecida.

122. Eu não sou o líder porque Hugo Chávez decidiu sê-lo. Eu saí do cárcere à rua para ver o que acontecia, saí a percorrer o país e tratar de organizar o povo. Realizando essas tarefas surgiu uma liderança natural que não posso delegar em outra pessoas por capricho, por pressões ou por

⁵⁹. Secretário geral da Central de Trabalhadores da Venezuela (CTV).

acordos. Acredito nas lideranças naturais, não nas impostas. E se me dou conta de que se debilita minha liderança ao extremo de colocar em perigo um processo e surge outro líder, não terei nenhum problema em apoiá-lo, nenhum.

123. Olha, Marta, eu tenho muito presente o que Bolívar disse alguma vez: “Sou apenas uma frágil palha arrastada pelo furacão revolucionário”. Os homens individualmente nos sentimos diante de um avalanche revolucionário que nos arrasta. Seria muito triste e lamentável que um processo de mudanças, que um processo revolucionário dependesse de um caudilho. É tão vulnerável um ser humano. Há muitas razões: ou o compram, ou se vende, ou se corrompe, ou adocece, ou o tornam doente... Vejam o que ocorreu com a guerra federal dos 5 anos: praticamente dependia de um guerreiro que se chamou Ezequiel Zamora. Bastou uma bala, uma só bala naquele dia 10 de janeiro de 1860, lá em San Carlos, para que o matasse e com a morte de Zamora morreu a esperança de um povo: aquilo se anarquizou e a revolução retrocedeu e fracassou, e os oligarcas e as classes dominantes continuaram exercendo o poder e hegemonizando todos os espaços de poder.

124. Uns me apontam como o culpado por todos os males da sociedade, outros como o benfeitor, o responsável por tudo de bom, não sou nem um nem outro. Apenas sou um indivíduo colocado em uma circunstância, mas o mais nobre é que o trânsito da vida de um indivíduo contribua de alguma maneira para despertar, para o crescimento da força coletiva. Isso é o importante!

125. Logo depois da saída de Pablo do PPT reconstruímos a aliança. Agora tenho vários quadros deste partido no governo: Aristóbulo Istúriz, María Cristina Iglesias, Alí Rodríguez a frente de Pdvsa⁶⁰, Julio Montes como embaixador em Havana e muitos outros quadros que estão trabalhando na rua. E sinto que todas essas diferenças táticas do passado vão sendo apagadas paulatinamente.

126. Esta fase de execução da Constituição, te repito, é sem dúvida a mais complexa. Trata-se de legislar e fazer o esforço para que esse projeto constitucional – a Revolução feita Constituição – não fique aí na teoria ou não fique na gaveta, não fique no projeto, no sonho, na utopia. Temos que engajar com a realidade.

127. O Governo habilitado pela Assembléia Nacional fiz, como sabes, 49 leis, entre elas: a Lei de Terras, a Lei de Bancos, a Lei de Micro finanças, a Lei de Pesca, a Lei de Hidrocarburetos, leis que tocam nos interesses da oligarquia e das classes dominantes, historicamente falando. Quando estas classes viram que nós estávamos sim decididos a aprofundar este processo e estávamos apontando para a transformação da estrutura econômico—social, então começaram a trabalhar pelo golpe que rebentou em 11 de abril.

⁶⁰. Petróleos da Venezuela Sociedade Anônima.

128. Quero esclarecer que sempre dissemos que esta fase executiva não deveria se caracterizar – porque seria suicida – pelo congelamento do poder constituinte. Sempre consideramos que esse poder constituinte não deveria ser congelado, mas que deveria continuar ativado junto ao poder constituído e aos representantes do povo nos diversos poderes; que não deveríamos cometer o erro de que os membros do poder constituído expropriassem o povo de seu poder originário.

129. Nos dias 12 e 13 de abril demonstraram que esse poder constituinte continua aí vivo. Se esse poder constituinte houvesse sido congelado, se houvesse ficado adormecido ou houvesse sido vítima da chantagem midiática e da ameaça repressiva, a tentativa golpista haveria tido êxito e o poder constituído – expressão desse poder constituinte – não haveria podido se instalar de novo. Esse poder constituinte não permitiu que expropriassem seu direito e exigiu a sua maneira, mas o exigiu com muita firmeza e apoiado por setores militares.

— Em tua idéia de que não se podia realizar uma verdadeira transformação social sem mudar as regras do jogo, quer dizer, sem mudar a Constituição, influiu de alguma maneira a experiência chilena e os problemas que teve que enfrentar Allende ao pretender realizar mudanças sociais profundas dentro dos marcos do sistema democrático representativo burguês?

130. – Olha, posso te dizer que a experiência da Unidade Popular não influiu muito em minha forma de ver as coisas, mas sim influiu Carlos Matus, um economista chileno que foi ministro de Allende. Em um de seus livros propõe que uma força política para ser transformadora deve ser capaz de exercer liderança, deve ser capaz de identificar a frente mais fraca do adversário – e esta é uma proposição aplicável à ciência militar – e de atacá—lo por aí. A sociedade tem três tipos de estruturas: a estrutura político—jurídica (o recipiente: taça, copo, de vidro, de madeira, redondo, quadrado), a estrutura econômico—social (o conteúdo) e a estrutura ideológica (o contexto). Ele defende que quem pretende transformar a realidade deve ser capaz então – através da ciência e do cálculo – de determinar qual dessas três estruturas é a mais fraca e por aí é preciso atacar. Se tu te equivocas e atacas por onde a força adversária é maior, então te arrebatas e pode aniquilar a força transformadora ou desgasta—las até que deixe de ser transformadora. Nós usamos esta metodologia para analisar a realidade venezuelana. E foi assim que decidimos começar o ataque pela estrutura político—jurídica, porque era a mais fraca de todas e, preste atenção, não nos equivocamos. Eu inclusive pensava que o adversário ia ter maior capacidade de resistência no ano 1999, mas aquilo foi um ataque fulminante. Acertamos no coração mesmo, não tiveram tempo de se refazer e aqui estamos hoje.

II. DIFICULDADES PARA MUDAR O APARELHO

1. PERMANECEM VELHOS VÍCIOS

131. – Agora, as coisas não são nada fáceis. Estamos travando uma batalha muito dura porque tu constróis o novo sobre o velho, e aí então atrelas vícios.

132. O que mudamos até agora é a macro estrutura jurídico—política, mas, pela natureza mesma do processo pacífico e amplamente democrático, esta ainda permanece viciada, infiltrada pelos adversários, e, às vezes, por infiltração em nossas próprias fileiras ou por perdas de consciência entre os nossos.

133. Por isso é que não pudemos eliminar o flagelo da corrupção.

134. Alguém que não tenha clareza poderia se sentir frustrado porque o resultado não é o que queríamos, mas quem disse que um processo desta magnitude ou com tal magnitude de metas e de objetivos vai conseguir criar em três anos a nova situação político—jurídica sonhada? Agora, do que estou seguro é que vamos nessa direção. Quantos anos faltam? Se se trata de lançar uma data, diria que só conseguiremos acabar este processo para 2021. Talvez pudesse ser antes.

— *Soube que em alguns lugares se nomeou pessoas que têm muito maus antecedentes e que caíram na corrupção. Quem os nomeou?*

135. — O anterior Ministro do Interior e Justiça, Luis Miquilena. Apesar de que esta pessoa cumpriu uma tarefa importante na fase constituinte, perdeu em seguida a visão do projeto. Amizades, interesses, talvez pressões, quem sabe a idade, não sei quantos fatores foram influenciando naquele ser humano. Acabou uma noite dizendo que eu tinha que dar um passo atrás eliminando as Leis Habilitantes — uma das demandas da oposição —. Respondi—lhe: “Tu sabes que não vou fazer isso, porque essas são leis que nos vão permitir entrar em uma nova etapa na aplicação da Constituição”. [a Lei de Terra, a Lei de Pesca, a Lei de Espaço Aquático, Hicrocarbureto, etc.]. Reagiu dizendo—me que nós não podíamos fazer uma revolução, que as revolução se fazem pelas armas ou não se fazem; que o máximo que podíamos fazer aqui na Venezuela era mudar algumas coisas, fazer algumas reformas, mas que havíamos topado com a força do adversário e que então havia que manobrar. Imagine que quem está levantando isso era meu próprio ministro do Interior! Isso foi um pouco antes das greve de 10 de dezembro de 2001.

2. RAZÕES QUE EXPLICAM O PAPEL DESTACADO DE MIQUILENA

— *A propósito de Miquilena, há quem diga que este personagem influiu muito na composição da atual Assembléia Nacional, que foi artífice da alianças com o MAS...*

136. — É verdade. Influiu também, como te dizia, na composição do Tribunal Supremo de Justiça e no Tribunal de Contas.

— *Por que te apoiaste em Miquilena e não em gente mais de esquerda?*

137. — Olha, para entender minha relação com Miquilena é preciso examinar todo o processo. Neste momento poderíamos dizer muitas coisas negativas dele, mas embora houvesse críticas sobre a condução do Partido e outros assuntos, há um ano quase nenhum de nós podia imaginar o que ia ocorrer com ele. Era difícil pensar que uma pessoa com uma trajetória tão longa de luta ao lado da esquerda fosse terminar como terminou. Até uma novela chamada **A Morte de Honorio** foi escrita por Miguel Otero Silva, referindo—se um pouco a sua vida.

138. Miquilena começou sendo líder sindical, lá pelos anos 40. Acho que esteve no Partido Comunista e em seguida fundou um movimento que chamaram os “Comunistas Negros”. Este grupo esteve apoiando o governo de Isaías Medina⁶¹ no dia em que os adecos (da Ação Democrática) lhe deram um golpe de Estado, em 18 de outubro de 1945. Esteve preso 7 anos sob a ditadura do general Pérez Jiménez, em Ciudad Bolívar; muitos desses velhos dirigentes da esquerda o conheceram na prisão. Com a queda de Pérez Jiménez saiu do cárcere e esteve muito próximo de Jovito Villalba, da URD⁶². Em seguida fundaram um partido – o MAS – que lançou José Vicente Rangel como candidato presidencial. Isso é um pouco o que eu conheço de sua trajetória. Há gente que o conhece muito mais.

139. Agora, como eu conheci Miquilena? Uma noite tocou meu telefone celular – eu tinha um celular escondido lá na prisão e me diz: “É Miquilena”. O nome me soava conhecido, mas eu sabia muito pouco do personagem. Tudo isso que eu te contei soube depois. E o nome me soava conhecido porque alguém havia conseguido um escritório de advogados em Caracas onde nos reuníamos clandestinamente, e às vezes, até dormíamos ali. Eu carregava a chave, abria e esperava os oficiais. Ali havia um gabinete grande com um porta nome que dizia: Luis Miquilena. Esse nome eu gravei. Estou te falando de um ou dois anos antes do 4 de fevereiro de 92, mas eu nunca conheci o personagem, nem perguntei tampouco de quem era esse escritório, só o usávamos para reuniões.

140. Quando ele me chama por telefone, eu associo: Luis Miquilena...Ah! – lhe digo —, o escritório, assim, assado?” “Esse escritório era de um irmão meu que já morreu que era advogado, eu o compartilhava com ele e o emprestava a Pablo Medina. “Foi Pablo quem havia conseguido as chaves desse escritório e me as havia passado. Lembro que me disse: “Comandante, um grupo de velhos amigos – estavam acho que tomando uns tragos em Maracay – queremos lhe manifestar nossa solidariedade. Vou lhe passar aqui para a doutora tal...”, e todos aí alegres, em uma noite qualquer. Em seguida voltou a falar Luis e me disse: “Comandante, eu que vivi bastante quero que saiba isto: você está aí metido, mas você investiu e está investindo, e você é um homem jovem que vai receber”. E em seguida me disse que queria me visitar e eu o incluí na lista de meus visitantes. Na prisão só podiam visitar os prisioneiros que estavam incluídos em uma lista que o próprio preso devia confeccionar. Visitou—me como duas vezes e conheceu lá as pessoas, os companheiros presos. Este tema não deixa de Ter para mim uma certa dor, porque eu peguei muito carinho por este homem.

141. Logo que eu saí da prisão e no primeiro dia estava fiel aí, esperando—me. Lembro que a primeira coisa que fizemos foi ir gravar um programa de televisão chamado “José Vicente Hoje”,

⁶¹. Militar e político venezuelano. Presidente da República de 1941 a 1945. Foi apoiado por setores de esquerda e durante seu mandato foram aplicadas medidas tais como: iniciar a reforma agrária, melhores contratos com as companhias petrolíferas norte—americanas e foram restabelecidas as liberdades públicas.

⁶². União Republicana Democrática (URD), partido liberal populista criado em 1945.

com José Vicente Rangel. Foi uma Sexta—feira. Ele era muito amigo de José Vicente desde há muitos anos. Depois fomos à casa de Carlos Fermín, — outro bom amigo que perdi no caminho, não sei por onde anda ele —, que era meu advogado. Vivia em um pequeno apartamento, aí pude ver o programa, falamos e brindamos. Dormi essa noite nesse apartamento de Carlos Fermín e de sua esposa Yomaida e os recordo com muito carinho.

142. No dia seguinte eu estava na rua, como um furacão fui pelos caminhos. Lembro que Miquilena nos emprestou um velho Mercedes Benz que tinha e quase não usava. Nós o utilizávamos para carregar algumas armas. Uma vez detiveram o bendito carro com alguns fuzis e bem, houve um escândalo na imprensa: “O carro de Miquilena foi levado pela Disip”⁶³. O rapaz que dirigia o carro caiu preso e intimaram Miquilena à delegacia porque era o dono.

143. Por outro lado, como eu não tinha onde ficar — vivia por aí de um lado para o outro⁶⁴ —, ele me disse: “Olha, Hugo, lá no meu apartamento há um quarto, se queres vais para lá”. Foi assim que estive vários meses vivendo em um apartamento pequeno que ele tem aí na Praça Altamira, no edifício Universo 6. Depois passei vários 24 e 31 de dezembro aí. Havia muito diálogo e ia muita gente aí...

144. Luis foi um dos que promoveu a frente Pró—Constituinte e começou a procurar recursos, a arrecadar dinheiro. Não era muito. Estava fora da política, até que se somou a esse esforço. Tivemos em seguida um distanciamento, a frente Pró—Constituinte não funcionou e então eu me distanciei e fui com meu pequeno grupo de rapazes.

145. Os outros com quem tinha contato, quem eram? Não havia quase nenhuma outra relação. Lembre—se que eu não era querido por muitos setores de esquerda ou pelo menos por seus dirigentes fundamentais. Já te contei os problemas que se foram apresentando com a Causa R⁶⁵. Quando eles se apresentavam para eleições nós estávamos chamando à abstenção ativa. Lembro que a palavra de ordem nossa era: “Por enquanto por nenhum, Constituinte já!” Andrés Velásquez, Pablo Medina, diziam que eu estava interferindo no desenvolvimento político com essa atitude de chamamento à abstenção, que não entendia de política e outra série de coisas. A figura que eles levantavam era a de Arias Cárdenas. Ele sim era inteligente, era o líder verdadeiro, Chávez era um louco. Estou te falando da Causa R, o movimento político que poderíamos dizer que estava mais próximo de nós, porque todos os líderes históricos do MAS estavam com Caldera.

146. A esquerda mais leal a seus princípios também se chocava comigo, incluindo o PCV. Lembro, por exemplo, que uma vez me convidou um grupo de trabalhadores para uma reunião que havia

⁶³. Direção Interior de Segurança do País

⁶⁴. De lá para cá.

⁶⁵. A Causa R quis nos utilizar e conseguiu até certo ponto fazê—lo e levou Arias Cárdenas (um dos comandantes da Rebelião de fevereiro de 92) contribuindo para dividir o movimento dos chamados Comandantes.

no Parque Central para preparar a passeata do 1º de maio – uma passeata alternativa à da CTV⁶⁶, com a CUTV⁶⁷ e todos esses movimentos de esquerda, o Partido Comunista e outros —. Bem, cheguei a essa reunião e me sentei em um assento qualquer. Todos os dirigentes que estavam na mesa principal viram que eu cheguei mas não me saudaram. Nunca esquecerei isso, porque é parte da explicação dessa pergunta que tu me estás fazendo. Imagina, eu tratando de me apresentar na sociedade política de esquerda, vigiado, perseguido, difamado, etc., e essa reação dos dirigentes.

—*De que ano estamos falando?*

147. – De 1994, 1995. Como te dizia, chego a esse ato, me sento, tratando de ser humilde. Havia bastante gente aí, a sala estava cheia. Algumas pessoas se aproximaram por detrás para me cumprimentar e eu tratando de ouvir o que estavam dizendo, de não alterar aquilo. Então, enquanto falavam os da mesa, alguém deu um grito na sala dizendo: “Bem, e vocês não vão cumprimentar o Comandante Chávez, que está aqui”, e se ouve uns aplausos. Só então esses dirigentes me deram boas vindas.

148. Por outro lado soube que em outra assembléia desses pequenos grupos de esquerda se havia chegado a conclusão de que Chávez representava uma liderança messiânica que era contrária ou prejudicial ao movimento de massas.

149. O discurso oficial burguês calou na esquerda e a desmoronou. Não nego minhas culpas, seguramente também as tenho, mas eu era rejeitado, condenado por esses setores. Isso explica que me movesse entre alguns militares da reserva e alguns dirigentes, que não eram de partidos políticos como Luis Miquilena, Manuel Quijada e outros mais, não muitos.

150. E além disso era um dirigente sem recursos. Às vezes não tínhamos nem para pagar a gasolina, andávamos para lá e para cá em pequenos grupos, muitos caíam presos. De vez em quando – uma ou duas vezes por ano – José Vicente Rangel me levava à TV; de vez em quando Alfredo Peña⁶⁸ me convidava para seu programa também. Lembro que uma vez convoquei uma roda de imprensa porque vinha chegando de Cuba e foram só dois jornalistas.

151. Diante desta realidade, nossos dirigentes locais, em quase todos os estados, nasceram enfrentados não só com a direita mas também com a esquerda. Nosso Movimento MBR—200 nasceu se chocando com o MAS, chocando—se com a Causa R, chocando—se com todos esses grupos. Quero te esclarecer que Miquilena nunca foi dirigente do MBR—200. Ele apoiava, fazia reuniões, participava em grupos de discussão, sempre esteve a favor do processo constituinte.

⁶⁶. Central de Trabalhadores da Venezuela.

⁶⁷. Central Unitária de Trabalhadores da Venezuela.

⁶⁸. Atual prefeito maior da área metropolitana e acérrimo inimigo de Chávez.

152. Em seguida vem nossa decisão de participar das eleições presidenciais de 98 e aí o Partido Comunista foi o que rompeu o muro, digamos assim. Apenas anunciamos a disposição de ir às eleições disse: “apoiamos o Comandante Chávez em sua pré—candidatura”.

153. Em seguida começamos a nos reunir com diferentes grupos e personalidades, e foi aí que começou Miquilena a operar politicamente porque ele é um bom operador político. Ele armava as reuniões com setores da esquerda porque eu às vezes não tinha paciência para suportar essas discussões intermináveis com a Causa R, com setores do MAS e outros partidos como o MEP.

154. Então ele começou a dialogar como meu porta—voz e a procurar alianças. Foi assim como conseguimos formar o Pólo Patriótico e Miquilena foi assumindo esse papel de liderança, de condução, com uma grande habilidade política: infundia muito respeito em todos estes setores, tanto aliados políticos como potenciais aliados.

155. Lembro da primeira reunião que tive, por exemplo, com a Fedecámaras, com Francisco Natera. Nesse momento era o presidente dessa instituição. Quem foi que armou essa reunião privadíssima em sua casa? Luis Miquilena. A mesma coisa aconteceu com as reuniões com empresários, quase sempre estava aí metida a figura de Luis Miquilena, fazendo lobby, fazendo os contatos. Dessa maneira ele foi—se transformando no articulador, pelo lado político, pelo lado empresarial e, inclusive, com ministros de Caldera.

156. Faltando pouco para as eleições nos reunimos na casa de Miquilena com Maritza Izaguirre, que era a ministra de Finanças de Caldera. Diante da evidência de que eu tinha muitas possibilidades de ganhar as eleições, ela quis falar comigo para me explicar algumas coisas econômicas.

157. Enfim, para não aumentar mais as respostas, acho que aí há bastante elementos que pudessem explicar as razões pelas quais Luis Miquilena se transformou em um articulador um diretor dessa campanha. E acho que apesar de todos os erros que cometeu, de suas gestões, estilos, etc., cumpriu uma tarefa importante na formação da unidade para as eleições e para traçar os mecanismos para a nossa atuação eleitoral.

158. E em seguida, quando eu assumi a Presidência, designo—o ministro do Interior – um ministério essencialmente político, não havia então a figura do vice—presidente –, precisamente porque reunia o perfil, reunia experiência, gestão política. E em seguida, aos três meses, peço—lhe que vá trabalhar na Constituinte, porque eu estava demasiado atarefado com os problemas de governo, com todo o desastre que havia recebido para me preocupar com esse assunto. E foi assim como ele se transformou praticamente no regente da orquestra de toda a campanha constituinte, buscando recursos, elaborando as listas. Teve bastante influência aí. Eu acho que ele cumpriu um papel, embora com muitos erros que não são só dele, porque seria injusto atribuir a ele tudo de negativo.

3. POR QUE TANTA TOLERÂNCIA DIANTE DA CORRUPÇÃO

— Voltando ao tema dos vícios do passado, o povo se queixa porque a corrupção ao invés de diminuir haveria aumentado, que não há serviço público em que não se cobre uma mordida pelo serviço, que não há nenhum preso por corrupção. Como se entende isto em um movimento que levantou com tanta força a bandeira da luta contra a corrupção, bandeira que além do mais demonstrou ser na América Latina a que talvez permita fazer avançar mais a esquerda? O Partido dos Trabalhadores do Brasil, é um exemplo disso, outro é a Frente Ampla do Uruguai.

159. — Eu reconheço que aí temos muito o que fazer ainda, não se fez grande coisa no combate contra a corrupção, ações que possamos achar que sejam substanciais, definitivas. Mas não acho que se possa dizer que as coisas são agora pior do que antes. Haveria que se fazer uma tabela comparativa o mais objetiva possível para poder afirmar ou negar isso.

160. Aqui a corrupção, como em boa parte da América Latina, é um fenômeno cultural, um fenômeno duro, difícil de combater. É uma coisa que está presente não só nos mais altos níveis, também chega aos níveis mais baixos. É como um câncer que se propagou em todas as direções. Isso é preciso ser levado em conta, para começar.

1) NÃO É VERDADE QUE NÃO SE TENHA FEITO NADA, MAS HÁ FALHAS ESTRUTURAIS

161. — Claro, o discurso da oposição é permanente, que não se fez nada contra a corrupção. Acho que se tem feito muito sim, mas reconheço que há falhas estruturais que impedem medir a eficácia do governo na luta contra esse flagelo pela quantidade de presos nos presídios. As instituições nascentes ainda estão como entre duas águas: entre o velho e o novo. Não contam ainda com leis adequadas à nova Constituição.

162. Vou te dar um exemplo. Com o governo recém começado lembro que eu ordenei abrir uma investigação contra um general que havia sido chefe do Exército. Os delitos nos quais havia caído eram tão claros que se conseguiu levar à prisão este general quando ainda estava na ativa. Então lembro que começou o ataque pelos meios de comunicação opositores, acusando—nos de fazer julgamento político porque aquele general é genro do ex—presidente Caldera. Aquele homem passou como dois meses na prisão e, em pouco tempo, da noite para o dia, um juiz tomou a decisão de exonerar—lo de toda culpa dizendo que não havia provas suficientes.

163. Outro exemplo, em uma ocasião, também começando o governo, eu disse à Polícia Política que ficasse de olhos abertos para vários casos de denúncias de corrupção e começamos a fazer os expedientes, as investigações. Uma noite me chama o chefe da Disip e me diz: “Capturamos um grupo de pessoas do Hipódromo, designados pelo nosso governo, praticamente com as mãos na massa, chantageando, comprando alguém com uma soma de dinheiro em espécie. Foram feitas fotos que atestam isso”. Mas, o que ocorreu? A alegria durou pouco. Poucos dias depois o tribunal correspondente tomou a decisão de deixar—los em liberdade. E o faz argumentando que a foto em que se vê a operação com o dinheiro não era suficiente prova porque os senhores em sua defesa,

diziam que esse dinheiro foi plantado pelo corpo policial para implica—los e não havia uma maneira de demonstrar que esse dinheiro havia sido levado por eles à mesa.

164. Com Poder Executivo iniciamos centenas de investigações que enviamos aos órgãos correspondentes. Mas além disso, eu, pessoalmente, destitui funcionários, alguns inclusive muito de minha confiança, pelo fato de denúncias nas quais há algumas evidências de corrupção. Estes casos passam em seguida para os processos investigativos: a uma comissão na Assembléia Nacional, ou ao Poder Judicial, ou ao Tribunal de Contas e é aí onde as coisas ficam empantanadas.

165. Por outro lado, a luta contra a corrupção não tem a ver só com a repressão do fenômeno, mas também com a prevenção deste. É preciso realizar uma atividade pedagógica, educativa.

2) GOVERNO DIMINUI RADICALMENTE OS GASTOS SECRETOS

166. – Há ações de meu governo que demonstram claramente nossa vontade de lutar contra este flagelo. Não sei se sabes que na Venezuela todos os corpos de Inteligência: a Disip, a DIM⁶⁹, a PTJ⁷⁰ e alguns ministérios manejam gastos secretos.

167. Existia um regulamento velho no qual se incluía como gasto secreto, por exemplo, a alimentação das tropas, ou seja, que tu podias manejar isso discretamente e esse eram – e continuam sendo – milhares de milhões de bolívares. A mesma coisa em relação à roupa uniforme, roupa íntima, calçado, botas de combate, gorros. Esses gastos secretos eram uma das maiores fontes de corrupção, não só para os militares, mas também para os civis. O que fizemos em relação a isto? Reformou—se o regulamento respectivo e se diminuiu em quase 80% o gasto secreto e com isso a corrupção que estava mascarada como gasto secreto.

168. Essa é uma das ações mais contundentes que tomamos. Tanto diminuímos esses gastos que agora temos algumas dificuldades. Por exemplo, os corpos de Inteligência não têm recursos para adquirir alguns equipamentos de Inteligência: um microfonezinho, uma lupa. Antes, para fazer esses gastos não se requeria autorização de ninguém. Lá ia o dinheiro e tu o gastavas como tu querias. E foi assim que os que lidavam com isso repartiram fortunas durante muito tempo, milhares de milhões de dólares. Os grandes contratos de armamentos: tanques de guerra, aviões, mísseis, bombas, tudo isso era gasto secreto... Imagina!

169. Mas esse gesto do governo na luta contra a corrupção passou quase que desapercibido, ninguém o levou em conta e nós fomos incapazes de difundi—lo.

⁶⁹. Dirección de Inteligência Militar.

⁷⁰. Polícia Técnica Judiciária.

4. LIMITAÇÕES DO MINISTÉRIO PÚBLICO E DOS TRIBUNAIS DE JUSTIÇA

170. – O Ministério Público, que é o ente central para a luta contra a corrupção, e o Tribunal de Contas, têm grandes limitações. Nesses corpos há uma série de funcionários que atuam desde há muito tempo e são portadores de velhos vícios, inclusive muitas vezes sabotam investigações, as desviam, fazem acordos com as pessoas sujeitas a investigação, etc. Há mil maneira de amparar a corrupção ou de interferir nas investigações contra a corrupção.

171. No Ministério Público, por exemplo, há ainda muitos procuradores amparados por seu direito ao trabalho, que levam ali muitos anos e se tu não tens uma prova bem fundamentada não podes removê—los. Ocorreu que procuradores que foram removidos recorreram ao poder judicial devido a que este poder também está minado. Conseguiu—se tirar uns 400, mas os juizes são milhares.

5. COMPLEXIDADE MUITO MAIOR DO QUE O ESPERADO

— *Agora, aproveitando que estamos no tema das dificuldades institucionais, seguramente sabes que Lênin morreu preocupado por não haver podido mudar o aparato tsarista, depois de seis anos de revolução. Tu imaginavas que ia ser tão complicado transformar o aparato de Estado herdado? Porque em meus estudos sobre os governos locais, as pessoas que assumem tarefas de governo se dão conta de que é muito mais complicado governar do que se imaginavam. E por isso costuma ocorrer um distanciamento entre o militante que fica fora, que não sabe o que é governar e o militante que governa e aprende que as coisas são muito mais difíceis.*

172. – Certamente administrar um Estado com o grau de complexidade, clientelismo, inoperância como o que tivemos e continuamos tendo, é algo bastante complexo. Muito mais do que a gente imaginava. Há uma enorme quantidade de organizações, de organismos que desconhecíamos. Lembro que pregávamos na parede um mapa do Estado para detectar as diferentes instituições e quem as controlavam e ainda continuam aparecendo instituições. E se a isso acrescentas os procedimentos, os vícios dos funcionários públicos...Imagina que ainda não se mudou uma velha lei que ampara esse funcionalismo clientelista que foi incorporado pela AD e pelo COPEI! Um ministro ou qualquer funcionário está impossibilitado de removê—lo, salvo se viole a lei. Tem havido casos em que alguns ministros removeram gente e em seguida se viram obrigados a reincorpora—los ao seu local.

173. Nos primeiros dias de governo a gente encontrou situações inimagináveis. O primeiro problema que se enfrentou é que não havia dinheiro nem para pagar salários. O petróleo estava a US\$ 7 e o orçamento que nos deixaram – o mesmo anterior⁷¹ – havia sido feito com base em US\$ 14. O “risco país” pela ameaça de Chávez chegou ao céu. Ninguém nos queria emprestar um centavo. Em plena Constituinte tive que ir pelo mundo buscando apoio internacional. Fui à China,

⁷¹. Quer dizer, o mesmo orçamento do ano anterior e que pela inflação tivemos que cortar em vinte por cento (20%).

à Arábia Saudita, a vários países da América Latina. Aproximei—me muito de Fernando Henrique Cardoso e do Brasil como nação. As complicações burocráticas para fazer pequenas mudanças eram numerosas. Por quê? Porque nos deparamos com uma série de leis, códigos, regulamentos que dificultavam a adoção de medidas necessárias. Para fazer uma transferência de recursos em um ministério, por exemplo, o ministro tinha que vir não sei com quantas pastas para que eu assinasse. Para conceder aposentadorias a funcionários havia que realizar uma série de procedimentos burocráticos. Também tivemos que enfrentar a cultura tradicional, a resistência à mudança.

174. Muitas vezes ocorre que tu designas um funcionário bom, com boa capacidade, para que vá a um lugar para transformar uma instituição e acontece que a instituição o acaba tragando, absorvendo—o. Um exemplo é Pdvsa, essa empresa monstro. Ali ainda não fizemos grandes mudanças.

175. Realizamos uma transformação grande no nível macroestrutural com a nova Constituição. No Poder Executivo, por exemplo, fizemos algumas mudanças no nível máximo: reduzimos os ministérios, fusionamos alguns. Cometemos erros nesse terreno, por exemplo, quando fusionamos o Ministério da Agricultura com o da Produção, Comércio e Turismo, tudo isso em um superministério. Agora, 2 anos depois, vimo—nos obrigados a separar de novo Agricultura e Terras. Eliminamos não sei quantas fundações: aqui havia uma infinidade de fundos, até um fundo para o estudo do verme verde do milho do Estado Portuguesa, coisas assim...

176. Agora, na transformação dos ministérios por dentro, aí não avançamos o suficiente. Deparamo—nos com essas estruturas emperradas, complexas, difíceis. Mas, eu acho que vamos por um bom caminho. Requer—se sim, de uma grande dose de vontade e uma grande capacidade para transformar essas estruturas e criar um marco jurídico adequado. Pouco vamos poder fazer até que não se mude a Lei do Empregado Público, essa lei velha da qual te falei, que protege funcionários que não rendem ou não são necessários.

—Que ensinamentos tiras deste processo de luta institucional que podem ser úteis para a esquerda, para as pessoas progressistas? O que não farias de novo e o que farias de outra maneira?

177. — Eu acho que um movimento como o nosso deveria haver tido já selecionados e preparados, quando ganhamos as eleições de 1998, boa parte dos novos funcionários que deviam ocupar os cargos do Estado e não o tínhamos. Resultado disso é que tem havido muita improvisação e, como consequência dela, cometemos muitos erros como a nomeação de pessoas nem sempre as mais adequadas. Eu acho que um partido que tenha um projeto como o nosso e que tenha, além disso, opções reais de aceder ao governo, ao mesmo tempo em que realiza a campanha eleitoral, a busca de recursos para o futuro governo e outras tarefas, deveria levar adiante um processo de preparação dos quadros que deveriam assumir tarefas de governo para que estes possam ocupar eficientemente esses espaços. Este deve ser um processo metódico, realizado com tempo, que inclua capacitação, cursos, etc. Haveria que conseguir o que faz um exército, que forma e capacita

seus quadros e lhes dá uma orientação estratégica e específica para enfrentar o combate. Nós não fizemos isso e foi um grave erro, mas ainda quando quem te entrega o governo não é gente de teu partido.

— *E que além disso costumam sabotar o novo governo...*

178. — Olha, aqui se perderam arquivos, queimaram—se coisas. Quase nenhum dos principais funcionários esperou para fazer a substituição de tarefas e prestar informação necessária a quem assumia seu cargo. Nisto nos faltou previsão, planejamento e ainda temos grandes deficiências na formação dos empregados públicos.

1) NECESSIDADE DE FAZER UMA REVISÃO ESTRATÉGICA

179. — Eu acho Marta, que é preciso distinguir entre a Constituição e os instrumentos do Estado. Considero que as situações que se estão criando poderiam nos obrigar a fazer uma revisão estratégica o funcionamento dos poderes do Estado.

180. Aí temos, por exemplo, o caso do Poder Eleitoral. Este poder está hoje praticamente neutralizado. Não tem sido capaz, em mais de seis meses, de dar um veredicto final sobre o resultado das eleições da CTV e há evidências de ilícitos eleitorais, de fraude eleitoral que foram apresentadas por Aristóbulo Istúriz — que foi candidato à presidência da CTV — e María Cristina Iglesias, que foi sua chefe de campanha. Foram denúncias no mesmo sentido de outros sindicatos, mas esse corpo — que são cinco pessoas — não entrou em acordo para tomar uma decisão. Essa é uma prova de que uma parte tão importante do aparato de Estado, como é o Poder Eleitoral, entrou em uma fase de neutralização.

2) COMPLICADA SITUAÇÃO NA ASSEMBLÉIA NACIONAL

181. — Por outro lado, além das debilidades da Assembléia Nacional originadas — como te contava — por nossa incapacidade para manter a aliança estratégica com partidos como o PPT, vários deputados eleitos sob o abrigo do MVR, agora estão contra o governo. É preciso levar em conta que em um processo de mudanças profundas as pessoas também mudam: se radicaliza o processo e vais percebendo que há deputados que vão ficando para trás e que já não representam as posições políticas de quem os elegeu. Eu deveria ter sido muito mais exigente do que foi na campanha eleitoral na hora de opinar sobre as candidaturas a deputados. Hoje, alguns dos que chegaram à Assembléia Nacional com o nosso apoio, são inimigos do povo, da revolução, e traficantes de cargos. E o mesmo ocorre com os governadores e prefeitos. Olha o que ocorreu com o prefeito maior da região metropolitana, Alfredo Peña, por exemplo, que foi eleito com meu apoio e que hoje é um de meus principais opositores. O povo de Caracas se sente traído. E isso ocorre também em outras partes do país. O povo votou em uns senhores que saíram à rua sob o sabre de Bolívar e com uma camiseta do Movimento V República, e poucos meses depois, estes senhores mudaram de posição.

182. A isso se acrescenta que ultimamente a oposição, uma vez debilitado o cenário violento, começou a engendrar uma estratégia para me tirar do governo. Estão usando diversos métodos para tratar de que a correlação de forças na Assembléia Nacional mude a seu favor: pressões de todo tipo, algumas abertas e outras veladas, oferecimento de dinheiro, etc. Com uma correlação favorável poderiam aspirar a tirar o Procurador, peça chave em sua estratégia de golpe institucional, porque o Procurador é o único que pode autorizar levar adiante um julgamento contra o Presidente. Mas o Procurador manifestou uma firmeza a toda prova, apesar de fazerem passeatas, ameaças contra sua integridade física, sua própria vida, chamadas anônimas à família.

3) SAÍDAS PARA A ARMADILHA INSTITUCIONAL

— *Como se resolve este tema dos representantes que deixaram de ser representativos, quer dizer, pessoas que foram eleitas para um determinado mandato popular e terminaram traindo esse mandato. Por que viraram a casaca?*

183. — Existe o recurso constitucional do Referendo revocatório. Alguns andam falando do Referendum revocatório par tirar Chávez. Isso está contemplado na Constituição, mas antes do meu, virão muitos outros. O meu será o último porque o meu será a partir de 19 de agosto de 2002, mas em 14 de fevereiro de 2002 poderão começar a ser feitos processos de Referendum revocatórios contra deputados. Veremos o que fazem aqueles deputados que chagaram à Assembléia Nacional pendurados pelo braço de Chávez e agora andam por aí dizendo que Chávez deve sair do governo. Prometeram fidelidade até a morte e às primeiras mudanças pularam o muro⁷².

184. Estamos conscientes de que esse Referendo revocatório pode atingir também algum dos nossos governadores e prefeitos. É um desafio. Isso obriga os governantes a cumprir o que prometeram porque na metade do período podem te tirar os mesmos que elegeram.

— *E o que vai acontecer com os julgamentos dos militares golpistas?*

185. — Como te explicava, a nova Constituição contém elementos como esse de que para que um general, um almirante – não estabelece exceções —, possa ser julgado, tem que ser submetido primeiro a um ente chamado julgamento de mérito. O Procurador Geral da República já elaborou o julgamento de mérito dos generais golpistas e entregou um longo documento ao Tribunal Supremo de Justiça e este deve se pronunciar sobre se há mérito para julgar esses senhores. Se isso não for cumprido, simplesmente estaríamos violando a Constituição. Há provas suficientes da responsabilidade que um grupo de generais e almirantes teve no golpe, mas o veredicto do Tribunal Supremo de Justiça foi sendo dilatado, resultado da estratégia adversária: a estratégia dos juristas que apoiam e defendem os golpistas e suas redes e conexões. Eu confio em que se faça justiça, e não só no campo militar, mas também no campo civil. Isto é claramente o que a

⁷². Traíram, viraram a casaca

maior parte dos venezuelanos está esperando. Esta é uma prova de fogo para essas instituições que têm falhas estruturais.

186. Mas, suponhamos que o Tribunal Supremo de Justiça acabe sendo seqüestrado definitivamente por uma minoria que consegue uma maioria sob pressão, ou que controla de fora o Tribunal de Justiça e que este se transforme em um ente que, em vez de administrar justiça, a desadministre, em vez de julgar os golpistas acabe julgando o Presidente da República, como alguns propõem e estão dando alguns passos para isso. Nesse caso, o país – não só a Constituição, o país real, essa grande porcentagem de venezuelanos que me apoia – tem que ajudar a encontrar uma saída que queremos seja pacífica, que queremos seja democrática, nos marcos da Constituição. Poderia ser um Referendo, a própria Constituição estabelece a possibilidade de uma emenda constitucional que teria que ir a Referendum⁷³ – e já começamos a considerar isto como uma medida que nos permita destravar esta situação – para reformar alguns artigos da Constituição, amparados na maioria que conservamos na Assembléia Nacional e que estamos tratando de fortalecer. E há outro recurso extremo que é convocar o Poder Constituinte de novo, mas como isso se fez há apenas três anos, haveria que esgotar primeiro as instâncias prévias de emendas, de reformas.

187. A Constituição poderá Ter muitos defeitos, muitos vazios, mas uma das maravilhas que tem, e que são bastantes, é que estabelece o mecanismo para que o poder constituinte não seja expropriado do povo. No caso de uma crise institucional política sem saída, fica sempre um recurso: que o povo, recolhendo assinatura até uma porcentagem determinada, ou a Assembléia Nacional, ou o Presidente da República, possam ativar um Referendum para reformar, emendar, reestruturar ou inclusive elaborar um novo texto constitucional. Para realizar este último, obviamente, haveria que esgotar as instâncias prévias.

III. A FORÇA SE MANTÉM

— *Que balanço final fazes de todo este processo?*

188. – Olha, Marta, apesar de todas as dificuldades que estamos vivendo, eu me sinto contente. E acho que a reação da direita contra nós revela que sentem que o processo, por muito limitado que seja, está atentando, de verdade, contra os interesses estabelecidos aqui durante muitos anos, se não, não haveria chegado ao que chegou. Isso quer dizer que apesar da quantidade de falhas, de obstáculos, de microestruturas ou médias estruturas estarem intactas e outras apenas enfraquecidas, a direção estratégica do processo vai bem orientada. Acho que tem a força para continuar avançando, para continuar demolindo por um lado e construindo por outro. Acho que os líderes devemos ser capazes de reconhecer essa força e não pensar que estamos debilitados e

⁷³. Para modificar a atual Constituição venezuelana, primeiro é preciso aprovar os artigos ou a emenda na Assembléia Nacional e em seguida submetê—los a referendo popular.

que por isso é preciso começar a dar passos atrás e entregar bandeiras. A força existe: isto ficou demonstrado em 11 de abril de 2002 e ainda podemos intensificá-la muitíssimo mais, não só em quantidade, mas em qualidade. Há um mundo de coisas para melhorar, organizar. É preciso elevar o nível de consciência, de organização, para que essa força não se perda e para que aumente sua capacidade transformadora.

189. Simón Rodríguez dizia em um de seus escritos: “A força material está na massa, a força moral no movimento”. E eu me atrevi a acrescentar: “A força transformadora da massa está no movimento acelerado e consciente”.

CAPÍTULO TERCEIRO: OS MILITARES NA REVOLUÇÃO E A CONTRA—REVOLUÇÃO

I. MILITARES TRABALHANDO JUNTO AO POVO

— Coube—me muitas vezes te defender contra aqueles que te criticam por haver—te cercado de militares. Eu entendo a angústia que deve sentir quem governa e tem que resolver rapidamente questões fundamentais e não conta com um aparelho de estado à altura das circunstâncias nem de quadros políticos suficientemente preparados. Acho que é isso o que te levou a te apoiar nos militares. Mas então parecia existir uma contradição no fato de que os principais executores práticos das tarefas mais importantes do processo revolucionário sejam militares, e o fato de que este se pense a si mesmo como um processo no qual o povo soberano exerça o poder participando em todos os terrenos. Entendo que os militares costumam ser eficientes e disciplinados, mas pouco acostumados a delegar poder ao povo, não preparados para fazê—lo participar. Ouvi dizer, neste sentido, que o Plano Bolívar 2000 significou muitas coisas boas para o povo: estradas, escolas, casas, quer dizer, soluções concretas, mas que se trata de soluções que chegam a partir de cima, das quais o povo não participa.

Por outro lado, estou convencida de que a participação não se decreta, o povo necessita aprender a participar. Trata—se de um processo de transformação cultural lento. Nós temos um vídeo que fala do trabalho lento, de formiga, que é preciso fazer para que se consiga esta transformação, mas é preciso começar fazendo e é preciso ter quadros que facilitem essa tarefa. Que podes dizer a respeito?

190. — Vamos supor que fosse plenamente certa essa crítica que já me fizeram, inclusive em reuniões de partidos, no sentido de que os militares só sabem mandar, que são executivos, mas não tendentes à participação, o que não é assim. Eu sou o primeiro militar desse grupo. Sinto que desde muito jovem minha orientação foi a participação e tive experiências maravilhosas quando fui chefe de algumas unidades afastadas, principalmente em pequenos povoados, onde desencadeamos com os militares ações participativas muito educativas que, inclusive, entravam em conflito com os poderes políticos locais: como é que possível que este militar esteja se metendo em coisas do povo, reparando ruas com o povo e os soldados praticando esporte com a

população. E essa não é uma tendência minha apenas; se fosse assim eu haveria me chocado com uma estrutura militar fechada, autoritária e não participativa e não haveria durado muito tempo no exército.

1. POR QUE TANTOS MILITARES NO GOVERNO

191. – Agora tu tens razão quando dizes que entendes que haja tantos militares em meu governo. Imagina em 2 de fevereiro de 1999, com quase todos os governos estaduais e prefeituras mais do que opositoras, adversárias (99,99%); o Congresso contra; o Tribunal Supremo contra; um orçamento que recebemos inalterado; um governo quase sem recursos nem para pagar salários; com um preço do petróleo a US\$ 7; além do imenso nível de expectativas que a nossa vitória gerou, com jovens doentes, que dormiam por aí, jogavam—se no chão, não deixavam o carro sair, “enquanto Chávez não nos atender não saímos daqui”. E a tudo isto é preciso acrescentar uma estrutura partidária comprometida na luta política: vinha a Constituinte, vinha tudo aquilo. Então eu decidi empregar a Força Armada. Acho que sem a participação dos militares na área social o Plano Bolívar 2000 – iniciado em 99 e que continuou em 2000 – talvez o processo não houvesse avançado no aspecto político com a rapidez com que o fez.

2. O PLANO BOLÍVAR 2000: RAJADAS DE VIDA AO INVÉS DE RAJADAS DE MORTE

192. – Surge assim o Plano Bolívar 2000, um plano cívico—militar.

193. A ordem que eu inclusive dei foi: “Vão casa por casa pentear o terreno, o inimigo qual é? A fome”. E começamos a fazer—lo em 27 de fevereiro de 99, dez anos depois do Caracaço, como uma forma de reivindicar os militares e eu inclusive utilizei o contraste e disse: “Há dez anos saímos para massacrar esse povo, agora vamos enche—lo de amor, vão pentear o terreno, procurar a miséria, o inimigo é a morte. Vamos enche—los de rajadas de vida ao invés de rajadas de morte”. E na verdade a resposta foi bem bonita.

194. Enquanto os políticos estávamos metidos no combate político, 40 mil militares estavam de campanha atendendo a saúde da população; abrindo estradas com as máquinas da engenharia militar; levando passageiros em aviões militares para os locais mais pobres e cobrando—lhes só o preço de custo.

1) UM PLANO DE CADA UM

195. – Eu disse a cada um: “Apresente—me seu plano com base em seus recursos e capacidade”. E cada componente da Força Armada foi traçando seu plano. A Força Aérea e seu plano das rotas sociais: helicópteros, aviões militares voando por onde não havia caminhos, com passageiros que carregavam sua galinha, sua caixinha. Os marinheiros e o plano Pescar 2000: aí estiveram eles envolvidos com os pescadores, organizando cooperativas, reparando fossos, refrigeradores, dando—lhes cursos, etc. À Guarda Nacional demos principalmente a tarefa da segurança cidadã, do controle da delinqüência, mas também programas por todo o país, também em zonas

indígenas que nunca haviam sido atendidas. Tomara que pudesses ir por lá, há coisas que parecem milagrosas. Isso sem negar as improvisações e inclusive a corrupção em que caíram alguns militares, especialmente de alta patente e gente contrária que sabotava. Mas os jovens desenvolveram uma consciência social impressionante.

2) PLANO CASIQUIARE 2000

196. – A Guarda Nacional começou a inventar o Plano Casiquiare 2000. Casiquiare é um rio lá na selva, que está habitado por milhares de indígenas. Fizeram até uma barca para ir percorrendo de povoado em povoado, levando médicos, medicamentos, atendendo crianças, vacinando gente, fazendo com os indígenas casas, mas segundo o que os indígenas queriam e não segundo o que nós pensávamos.

3) BARRANCO YOPAL E CARAVALI

197. – Então começaram a despertar coisas como essas de Barranco Yopal e Caravali, com os indígenas Cuivas e Yaruros. Faz anos eu ia por Barranco Yopal e levava latas e paus para os indígenas, porque eles faziam ranchos com esses materiais para passar ali uma temporada de inverno, mas no verão se iam. Eram nômades: caçadores e recoletores, como há 500 anos. Eu vi mulheres indígenas parindo ali, agachadas no monte e a placenta a expeliam e limpavam a criança e continuavam caminhando. A maioria das crianças morria de paludismo, tuberculose, de qualquer tipo de doença. Eram humilhados, passavam o tempo bêbados no povoado. As indígenas se prostituíam, muitas vezes as violentavam. Eram uns fantasmas, desprezados pela maioria da população. Roubavam às vezes para comer. Eles não tinham a concepção de propriedade privada: para eles não era roubo isso de entrar em um sitio e agarrar o porco para comer porque tinham fome. Mas o que vi lá agora: os militares com um técnico agrícola e sua capacidade de mobilização: veículos, equipamentos, organização, executivismo, rapidez, mas com os indígenas, com os capitães indígenas⁷⁴ à frente; com um boné e uma camisetinha que dizia Plano Bolívar. Os militares levavam os materiais, ajudavam—nos com algum pessoal de engenharia e soldados mais do que tudo, e os indígenas projetaram as casas e trabalharam construindo sua escolinhas e suas casinhas.

—*Que percebeu que a população devia participar e não só receber...?*

198. – Os militares com uns assessores civis: um técnico agrícola, um engenheiro. O Plano Bolívar não foi só militar, em cada guarnição militar contrataram técnicos civis que conhece seu trabalho.

199. Bem, então aqueles indígenas estavam felizes, a fisionomia diferente. Levaram—me para ver suas plantações. Em apenas 4 hectares estavam produzindo cana de açúcar, melancia, banana, milho, mamão. Estavam comendo bem e agora estavam pedindo um caminhãozinho para levar

⁷⁴. Maneira com que os indígenas denominam seus líderes.

sua produção ao povoado para vende—la. E lhes haviam dado umas pequenas embarcações com motor e um curso para pilota—las, porque eles antes pescavam com uma vara, com uma lança à margem dos pequenos rios. Eu fui pescar com eles como duas vezes, pescavam com a mão ou os matavam com uma pedra grande. Aquela comunidade ressuscitou.

200. Quando uma vez usei a palavra nesse região utilizei uma frase de Zaratustra. Então disse: “Há quinze anos que vim por aqui e os vi com suas cinzas e agora volto e os vejo com seu fogo”.

4) PLANO AVISPA

201. – Aí tens tu também o Plano Avispa, que é um despertar de participação. Este plano foi inventado pelo general García Carneiro. Um dia me chegou com isto do Plano Avispa. “O que é isso, vão vacinar a população”? “Não rapaz, trata—se de autoconstrução de moradia em parcelas isoladas”. “Explica—me, então”. E me apresentaram umas transparências aí. “Olha como viviam — me mostrou a foto da família paradinha aí em frente a um racho de paus ou de lata —, e olha dois meses depois, a mesma família agora mais alegre, com uma casinha”. Quem fazia essa casinha? A Comunidade. Enquanto uma empresa privada faz uma dessas casas com 10 milhões de bolívares, o Plano Avispa a faz com 3 milhões. Por quê? Porque é a comunidade que constrói as casas. E isso, por sua vez, permite—nos reativar empregos. Os militares conseguiram uma maquininha de fazer tijolos e dão cursos com alguns técnicos civis, mestres de obras. Fazem também portas de madeira. Com o INCE (Instituto Nacional de Cooperação Educativa) — ali pus um general da reserva que é um tipo exigentíssimo e eficientíssimo, o conheço porque foi meu mestre — conseguiram fazer como 40 oficinas ambulantes⁷⁵ de educação técnica, que estavam sem pneus, desmantelados, demo—lhe dinheiro e começaram a repara—los. Conseguimos créditos com a Espanha para equipamentos novos e isso. E agora temos todos esses carros rodando pelo país. Chegam lá para dar cursos, para ensinar a população a fazer portas. Então fazer as portas, fazem os tijolos, as telhas e fazem a casa entre todos e a corrupção diminui, não digamos a zero, mas diminui muitíssimo.

202. – Isso nasceu de onde? Do seio do Plano Bolívar e seguramente não dos militares somente, mas do militar em contato com a realidade, do militar que vê que não alcançam os recursos para fazer casas e se pergunta como fazer. E a população começa a falar, a calcular, e daí, desse intercâmbio, surge o Plano Avispa.

5) ESTRADA A MAIS BAIXO CUSTO

203. – Por lá uns militares fizeram umas estradas em uma rodovia que levava 20 anos paralisada e o orçamento que havia para termina—la com asfalto e tudo eram como 5 bilhões de bolívares, e eles com a maquinaria militar e os engenheiros militares conseguiram termina—la com apenas 1

⁷⁵. Trailers móveis.

bilhão e 500 milhões. Ou seja que os custos de muitas obras baixaram, de moradias, de estradas, pontes, caminhos por onde nunca passava ninguém. Fez—se uma operação gigantesca.

6) VOLUNTARIADO MÉDICO

204. – E a parte de saúde nem falar!. Gerou—se um voluntariado médico formidável e começaram a ser feitos operativos com hospitais cirúrgicos de guerra, bem, da guerra social. Era filas de gente. Uma vez em um povoado chamado Zaraza, os militares e civis do Plano Bolívar operaram em uma semana mais pessoas – operações de vista, de pernas – do que o hospital desse povoado havia operado em 10 anos. Uma coisa impressionante! Lembro que uma vez um desses rapazes disse: “É preciso ver quão nobre é devolver a vista a um ancião e vê—lo chorar de alegria e ouvi—lo dizer: ‘Pensar que eu acreditava que ia morrer sem voltar a enxergar o céu azul’. Isso é o que nos faz sentir felizes, sentimos que somos úteis”. Este contato com o povo desencadeou uma torrente de sentimentos e de vontade de participar.

7) GOVERNADOR DO ESTADO DE COJEDES

205. – O governador do Estado de Cojedes, ao sul de Caracas, um estado grande da planície, quase no centro do país, é um tenente—coronel da Guarda Nacional, que não esteve em nenhum levantamento nem nada. Ele era o chefe militar do Plano Bolívar 2000 nesse Estado e em pleno processo constituinte, quando se abrem as eleições para governador, chega um dia e me diz: “Olhe, Presidente, tenho desejo de pedir baixa”. “Para que rapaz, tu és tenente—coronel apenas! “Bom, é que os partidos da revolução estão me pedindo que seja o candidato a governador para derrotar o adeco⁷⁶”. “Tu estás seguro disso?”. E de fato, aos poucos dias me chega uma carta assinada pelo MVR e outros dirigentes dos partidos de esquerda desse Estado. Com sua candidatura inclusive solucionamos ali um problema que parecia não ter solução: as divisões internas. Este rapaz conseguiu aglutinar todos, ganhamos as eleições e agora está governando. Revelou—se como um líder. Claro, passava com seus soldados nos povoados, nos campos, atendendo a população e foi assim que começaram a vê—lo como um líder. Há muitos casos como este. Eu te comentei só alguns.

206. – E veja bem, muitos dirigentes políticos ficaram diminuídos em relação aos militares e inclusive se gerou mais de um ciúme porque na hora da liderança se vêem superados por uns jovens que aprenderam a técnica de liderança como eu já te contei.

8) ERROS E DESVIO DE RECURSOS

207. – Há muitos bons exemplos, mas também há exemplos maus. Mas o volume dos bons é maravilhoso e supera os erros e os defeitos de algumas pessoas e os fatos irregulares. Estes últimos foram enviados ao Tribunal de Contas e foram investigados. O ministro—chefe do Tribunal

⁷⁶. Militante do Partido Ação Democrática.

de Contas da República me dizia há uns dias que ele detectou que o Plano Bolívar – que começou com erros – é um dos planos que melhorou muitíssimo.

—*A que erros te referes?*

208. – Por exemplo, o uso do dinheiro de uma parcela orçamentária para atender outro problema para o qual não estava destinado. Estas parcelas estão rigidamente direcionadas: se se destinam 20 milhões de bolívares para reparar moradias, não podem ser desviadas para outros gastos.

209. Lembro que uma vez, em uma multidão imensa apareceu uma mulher chorando com um menino que tinha uma perna solta, parecia um boneco de trapo. Um menino grande de 7 ou 8 anos que não podia caminhar e ela o carregando. Eu a vi, impressionou-me muito, parei, desci do carro, e a meu lado não estava o governador, estava o general chefe da guarnição e, ao mesmo tempo, chefe do Plano Bolívar. A mulher me conta que o menino nasceu assim e que nunca havia podido operá-lo. “Vem cada general, anota aí o endereço, manda-o para que o operem”. Então havia que pagar essa operação. Outras vezes se tratava de uma prótese que havia que colocar em alguém, não sei quem. Havia que pagar e então tiraram o dinheiro de alguma das parcelas; alguns por inexperiência, outros se aproveitaram.

210. Então como no início o Tribunal de Contas estava em mãos de adversários do meu governo, começaram a se aproveitar destas coisas para fazer toda uma campanha contra.

211. Quando saiu a denúncia: “Corrupção no Plano Bolívar”, eu pensei: destroçaram o Plano. Imagina! A imprensa que trata de destruir todos os nossos projetos divulga uma lista com os nomes dos militares supostamente corruptos. Chamei alguns e lhes disse que tinham que justificar os gastos até o último bolívar. Então se iniciou um processo investigativo: eles tiveram que procurar o senhor da perna, onde pagaram a perna de pau que fizeram para essa pessoa. Alguns casos estão pendentes, outros quando não puderam justificar, foram removidos.

9) OPINIÃO DO TRIBUNAL DE CONTAS DA REPÚBLICA

— *Evidentemente muita gente ficou com a primeira informação da imprensa e nunca soube os resultados da investigação. É terrível como se lançam campanhas infundadas e, em seguida, quando se obtêm dados que demonstram a falsidade de tais acusações, os meios não retificam e se chegam a fazê-lo, fazem-no de uma forma tão pouco destacada que ninguém se inteira.*

212— É assim. Pois bem, voltando ao plano, o Tribunal Geral da República determinou que as metas do Plano Bolívar do ano de 99 e 2000 foram cumpridos em 280 por cento.

213. Este ano, por exemplo, não pudemos dar recursos ao Plano Bolívar, o que estão fazendo é terminar coisas que ficaram pendentes do ano passado, como este projeto que vemos hoje⁷⁷.

⁷⁷. Refere-se à escolinha e ao centro médico de Puerto Cruz.

10) FASE ATUAL: O RETORNO AOS QUARTÉIS

214. – Agora o plano passou a outra etapa, à que chamamos: entrar na estrutura. Já não são centenas de militares nas ruas. Já tenho governadores, prefeitos, planos em andamento, estrutura. Já não é o governo de há 3 anos. Então eles se limitaram a ser uma espécie de coordenadores de projetos especiais com os governos locais e regionais. Eles já não andam só fazendo as coisas.

215. E há militares que voltaram aos quartéis para se dedicarem plenamente às atividades rotineiras – nós chegamos inclusive a utilizar unidades de combate – porque necessitamos Ter unidade de combate treinando para o combate: ter batalhões de infantaria, os rapazes submarinistas, os batalhões de pára—quedistas, cada um fazendo seu treinamento. Então, boa parte dessa gente retornou a sua função rotineira.

11) ORGANIZANDO UNIDADES DE RESERVISTAS

216. – Estamos também organizando unidades de reservista. Em que consiste isso? Em convocar jovens que já passaram pela Força Armada, a maioria jovens desempregados, sem educação especializada, sem formação, para constituir cooperativas. No ano 2001 organizamos 8 mil desses rapazes e eles passaram a formar cooperativas. A mesma idéia: cooperativas, micro créditos, dotações de terras; inclusive estivemos transferindo—lhes ativo do Estado que estavam por aí desativados nas mãos do FOGADE (Fundo de Garantia de Depósitos Bancários). Quando aqui houve aquela crise bancária fenomenal, faliram jovens banqueiros, mas deixaram aqui muitos ativos e o Estado se apropriou deles: eram garantias dos depósitos. Muitos vieram para recuperar o capital, mas ficaram por aí terras, fábricas abandonadas. Então as estivemos transferindo para alguns grupos de reservistas para que eles funcionem como unidades de reservistas: tenham treinamento militar – coisa que se cumpriu muito bem por falta de recursos – e trabalhem formando cooperativas. São dados a eles cursos agrícolas e eles começam a trabalhar.

217. Isso é parte do Plano Bolívar: organizar as reservas – que é o povo – e dota—las de alguns instrumentos de trabalho. O Plano Pescar 2000 continua, já tem um capital acumulado, cooperativas de pescadores em contato com a Marinha. Esta os apoia, chegam aos seus atracadouros, ajudam—nos a reparar motores. Esta também é a experiência dos guardas nacionais nas fronteiras, trabalhando unidos com os indígenas.

3. A DERROTA DO GOLPE DE ABRIL TEM SEU FUNDAMENTO NA AÇÃO CÍVICO—MILITAR

218. Marta, o que ocorreu em 12 e 13 de abril tem algo a ver com este processo cívico—militar, porque para além da atenção social, para além da pouca, nenhum ou muita participação social que tenha havido nesse intercâmbio no Plano Bolívar e de suas falhas, o objetivo foi cumprido: a aliança cívico—militar. Em 12 de abril aconteceram coisas que nunca se havia visto no país: centenas de milhares de venezuelanos desarmados, muitos deles sem direção política, sem orientação, sem um plano preconcebido – falha nossa – se dirigiram aos quartéis realizando

grandes concentrações em frente aos quartéis ou em torno deles. Cantavam o Hino Nacional e falavam aos soldados e gritavam para eles: “Soldado, consciente, procura teu Presidente!” Soldado, amigo, o povo está contigo!” Não apenas foram ao Forte Tiuna, mas a muitos quartéis em diferentes partes do país. Por que o povo se dirigiu a esses quartéis? Nunca antes havia ocorrido algo assim. E não era porque eu estivesse aí. De fato a massa que rodeava o Forte Tiuna no terceiro dia, quando já se sabia que eu não estava ali, era impressionante: 300 mil ou mais pessoas.

219. Também ocorreu em alguns lugares como em Maracay, onde um grupo de militares da brigada de pára—quedistas viram que havia gente fora do quartel, mas disseram: “falta mais gente, falta povo para se unir a nós”, e se foram aos bairros. Claro, eles conhecem os dirigentes dos bairros e esses dirigentes os conhecem, porque cada unidade militar fez seu plano e se distribuiu setores: ao batalhão tal lhe corresponde o bairro tal. E nisso levam 3 anos, nesse contato em que o militar vai ao bairro, faz patrulhamento, faz escolinha ou reforma hospitalzinho, e assim começam a se conhecidos. E o militar sabe que indo ao bairro tal não o vão rechaçar como antes. Depois da matança de 27 de fevereiro, por exemplo, para ir a um bairro pobre um militar tinha que se vestir à paisana, porque corria perigo, já que o povo sabia que eram os militares que o haviam massacrado. Hoje chega um militar e a população o saúda com entusiasmo e alegria.

220. Toda essa reação não haveria ocorrido sem esse contato profundo entre o exército e o povo. Isso é Mao. A água e o peixe. O povo está para o exército como a água para o peixe. Na Venezuela hoje temos peixes na água e por isso a campanha contra o Plano Bolívar, para tratar de dividir, de fraturar a unidade. Uma boa parte dos militares está junto ao povo. Claro, nem todos, porque há setores militares opostos, que se tornaram eco do discurso dos adversários. Qual é este discurso? Que Chávez vai acabar com a Força Armada, porque isso afeta a operacionalidade do corpo militar, porque agora os militares andam limpando poças, ou seja, um pouco desacreditando o plano: andam limpando ruas, e isso em rádio, imprensa e televisão encharcando fora e dentro também, e alguns militares fizeram eco disso. E, no entanto, a resposta é positiva ao plano: um os vê felizes. Hoje vi esses militares lá, principalmente o responsável pelo Plano Bolívar em Porto Cruz, o capitão de navio da Armada, Becerra, estava feliz de ver terminada sua escola, feita com seu pessoal.

II. EXPLICANDO O GOLPE

— *Em relação ao aspecto pacífico da Revolução, quando te perguntaram se não temes que ocorra um novo Chile em teu país, tendo em mente o golpe de Estado contra Allende, tu respondeste que a diferença entre aquele e este processo é que o primeiro foi uma Revolução desarmada e que a Revolução Bolivariana tem armas e homens dispostos a usa—las em caso de necessidade para defende—la. E, por outro lado, expressaste antes do golpe de abril de 2002 que qualquer tentativa de golpe de Estado na Venezuela poderia gerar uma radicalização da Revolução, com o que a oligarquia tinha que pensar muito se decidisse dar esse passo. Afirmaste também que ter força*

militar não significava necessariamente “usar as armas” mas contar com ela como “uma força de apoio e uma força dissuasiva”⁷⁸. De fato, segundo contas, foram as forças armadas que bloquearam uma intento de golpe militar que se preparava durante o processo eleitoral de 98 e foram elas que impediram a fraude eleitoral no início do processo: em primeiro lugar, como garantes de seis processos eleitorais em menos de dois anos, evitando fraudes e golpes militares; em segundo lugar, como os principais executores do Plano Bolívar 2000 e dos planos de emergência para fazer frente às conseqüências dos desastres naturais que sofreram vários povoados venezuelanos.

Entendo que até antes do golpe de 11 de abril de 2002 tu estimavas que a maioria dos altos comandos te apoiava, apesar de que nos últimos meses haviam aparecido publicamente alguns oficiais de alta patente pedindo tua renúncia à presidência da República, e o general Cuaicaipura Lameda havia renunciado recentemente à presidência da empresa estatal Petróleos da Venezuela (Pdvs), manifestando ter contradições com algumas políticas de seu governo. É assim mesmo?

No entanto, o golpe de 11 de abril de 2002 só se pode dar porque um setor não desprezível dos altos comandos apoiou a oposição, embora também seja certo que a tua volta ao governo se deveu, entre outras coisas, a que muitos desses comandos foram reorientados e finalmente terminaste contando com um apoio majoritário entre as fileiras militares.

1. PERCEPÇÃO ERRADA DO NÍVEL DE APOIO

—A que se deve que tivesses uma percepção errada do nível de apoio com que contavas na Força Armada?

—E aqui se levanta todo um grande tema: como um governante consegue ter uma informação objetiva do que ocorre em seu país quando, por um lado, costuma ocorrer que as pessoas que o rodeiam para agrada—lo, para não preocupa—lo ou por oportunismo, evitam informa—lo dos problemas, transmitindo—lhe uma informação adoçada; e, por outro, acontece também que a própria atitude do governante o leva a não atender as informações críticas? Que mecanismo há para evitar o que Eduardo Galeano uma vez conversando apontava como o problema do eco, do governante e seu eco...

221. – Ou como diz Matus: “o líder e sua bola de cristal”.

222. Olha, sobre a primeira pergunta, eu sem dúvida superestimei a fortaleza de um grupo de pessoas as quais acreditava conhecer suficientemente, talvez tenha sido o coração..., quando os sentimentos jogam um papel importante às vezes é fatal, trágico. Desde 1999 eu vim respeitando a questão da antigüidade, o escalão militar, respeitando—o com pequenas variações. Não houve nenhuma aproximação da cúpula militar. E em relação à percepção de sua disposição a respeitar a

⁷⁸. Heinz Dieterich, *Hugo Chávez: Un nuevo proyecto latinoamericano*, Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 2002, p.31.

Constituição, o governo, seu comandante em chefe, equivoquei—me. Na verdade não foi um equívoco total, se houvesse sido total não estaríamos aqui tu e eu sentados. Porque na verdade a resposta que houve no sábado e que permitiu o retorno do governo, indica de maneira objetiva que a grande maioria de generais não estavam comprometidos. Foi uma minoria que conseguiu confundir o resto. Eu desconfiava de alguns deles. Não houve surpresa com os que acionaram o golpe; tínhamos informações delicadas, por exemplo, sobre o adido militar que estava em Washington e alguns que estavam em posições chaves como o comandante do Exército, general Vázquez Velasco e que jamais cheguei a pensar que esse grupo de oficiais fosse chegar a esses extremos, quer dizer, a se comprometer como o fez com o movimento golpista. Aí é preciso assumir como para a autocrítica: ficar muito mais de olho.

223. O tema da renúncia foi uma coisa que afetou muitíssimo. Muitos militares foram surpreendidos por essa condução da situação, mas em seguida reagiram.

224. Bem, de qualquer maneira foi uma lição. De agora em diante vamos atender com muito mais cuidado alguns gestos, vamos procurar ter mais precisão na avaliação individual de cada ser humano: seus interesses, os conflitos internos da instituição, muitas vezes injetados de fora.

2. COMO UM GOVERNANTE PODE TER UMA INFORMAÇÃO OBJETIVA

225. – Agora, em relação à segunda pergunta sobre como um governante pode conseguir uma informação exata do que ocorre no país. Não me cabe dúvida de que um governante necessita de uma equipe que faça um acompanhamento permanente e que lhe informe do que ocorre sem desvirtuar a realidade, sem esconder informações. Agora, é verdade o que tu dizes quando te referes a que por diferentes razões se costuma não informar de maneira clara a situação ao Chefe de Estado, e eu acho que isso é inevitável. O que eu faço para corrigir isso? Leio os jornais, é uma forma de me inteirar de coisas, sobretudo as páginas interiores nas quais saem denúncias, cartas ao público, a página dos leitores; eu gosto muito de remexer por ali e começo a chamar pessoas. “Olha, o que aconteceu com isto?” “Que problema é este?”

226. Por outro lado, eu tenho no Palácio um grupo de pessoas, alguns são militares, outros são civis a que chamo de Inspeção. Envio—os para fazer inspeções imprevistas em locais determinados e que me tragam informação do que vejam com fotos e informes da população. Por aí me inteiro de muitas coisas, as que funcionam e as que funcionam mal ou não estão funcionando. Insisto muito em que me digam a verdade. Ao chefe de Inteligência insisto muito que me informe dos fatos, as tendências, no momento em que ocorram. Claro, meus informantes têm que ter critério porque tampouco se trata de que o Presidente seja abarrotado de rumores, de todas as informações que correm pela rua, mas sim daquelas que segundo seus critérios possam ter impacto na tomada de decisões. É uma prédica minha constante. E nisso acho que vamos melhorando.

227. E, por outro lado, Marta, eu tendo a fugir da clausura da bola de cristal de que fala Matus, para conseguir um contato direto com o povo. Recebo uma enorme quantidade de papéis e

cartas. Claro que não tenho tempo de ler todos, mas uma parte importante as leio e os rapazes que trabalham comigo lêem, processam, repassam—me resumos e por aí me chegam queixas de diversos âmbitos: sociais, econômicos, populares. Ou esse contato com pequenos grupos como o que tivemos em Las Malvinas, com uns 60 dirigentes dos bairros, que informam, criticam, contribuem, entregam anteprojetos, idéias. Outras vezes, quando vou caminhando pela rua, faço perguntas.

228. Todos estes são mecanismos, alguns institucionais, outros pessoais; alguns conjunturais, mas devem ser muito mais estruturais.

229. Tenho consciência de que isto não pode se limitar a ações pessoais, espasmódicas. Deve ser um processo contínuo, com uma metodologia para diagnosticar, avaliar, inspecionar. É preciso organizar um escritório que seja eficaz na detecção de problemas e no acompanhamento das instruções. Acho que essa é a melhor maneira que a gente pode ter para se inteirar no maior nível possível dessa realidade que o circunda, porque seria terrível que a gente seja enganado, que a gente acabe sendo um autista, que ache que tudo vai bem e acontece que o país está afundando.

— *E em relação à tua equipe de assessores, procuras te rodear de pessoas críticas? Aceitas facilmente a crítica?*

230. — Sim, naturalmente que sim, e faço questão de pedi-la. Não gosto de pessoas complacentes. Se há decisões que são tomadas e que não são compartilhadas por um ministro ou um funcionário, parece—me absolutamente correto que se levante, que se discuta, que se delibere para procurar a melhor opção.

3. A DIMENSÃO DA TRAIÇÃO

— *Não achas que a primeira coisa que é preciso levar em conta é que os militares não são um todo homogêneo? E acho que o que o golpe de 11 de abril revela justamente é que tu podes contar com o apoio da grande maioria da tropa, da suboficialidade e da oficialidade jovem. E que os que te traíram foram fundamentalmente membros do alto escalão, o setor mais permeável à ideologia das classes dominantes. É isso?*

231. — Sim, mas tampouco são todos os generais...

— *Quantos generais estiveram com o golpe?*

232. — Os realmente golpistas, que estavam planejando isso fazia tempo e que se somaram à operação de manipulação e de apoio ao golpe, não passam de 20% e talvez esteja sendo exagerado. E se tu analisas quase todos, um por um, conseguirás entender suas razões. Algumas são políticas, outras econômicas. Alguns por falta de compreensão do processo político. Outros influenciados por essa campanha persistente de que se o comunismo, de que se a guerrilha colombiana, de que se as milícias populares bolivarianas, de que se o plano para debilitar a Força Armada, etc. Alguns confundidos, outros comprometidos com isso.

233. De quase 100 generais esse grupinho não passa de 20, mesmo quando muitos apareceram no vídeo⁷⁹. Esse que leu o comunicado, sim estava na conspiração mas a maioria dos demais estava ali porque foram chamados, manipulados, disseram—lhes: “O Presidente mandou matar gente, vejam as imagens, e agora quer que nós saíamos à rua para continuar matando gente. Ele mesmo disse que maldito é o soldado que aponte as armas contra seu povo – frase de Bolívar – de modo que nós não vamos obedecer isso, vamos nos pronunciar institucionalmente”. E muitos caíram nesse jogo, nessa armadilha, nessa manipulação.

4. QUEM SÃO OS MILITARES GOLPISTAS

1) HOMENS DE PRIVILÉGIOS

—*Como caracterizarias o grupo de golpistas?*

234. – Quase todos do grupo conspirador são homens de privilégios, de contatos políticos com o entorno anterior, com a AD e COPEI, ou oficiais que fizeram fortunas, às vezes de duvidosa procedência em combinação com cães da guerra. Ali estavam “cães da guerra” metidos no golpe: o senhor Pérez Recao, vendedor de armas, de equipamentos militares.

235. Finalmente, eu continuo achando, mesmo com o que aconteceu, que a maioria, inclusive dos generais – gente de minha geração —, não foram participantes ativos do golpe.

—*Qual é tua análise do que ocorreu dentro das Forças Armadas? Como foi possível que militares de tua relativa confiança fossem ganhos para essa tentativa golpista?*

236. – A Venezuela está vivendo um conflito histórico – assim o catalogamos —, um conflito terminal, uma guerra que termina e uma guerra que começa: é uma ruptura com o passado. E isto não pode deixar de fora um setor que tem múltiplas interações: históricas, sociais, econômicas, psicológicas, etc., com toda a sociedade e com os setores que a compõem. Então a Força Armada faz tempo vem sentido o impacto do estremecimento nacional, não é um setor isolado do acontecer nacional.

237. E dentro desse contexto, um grupo de militares certamente formados com aqueles critérios de democracia foram cooptados, foram convencidos por grupos de civis, de políticos, grupos empresariais golpistas. São pessoas que passaram um, duas e mais de duas décadas imersos em um processo e com influências externas que geravam interesses individuais ou grupais muito semelhantes aos interesses destes setores civis, políticos ou empresariais. Alguns desses militares que se comprometeram, que foram os promotores do golpe, pertenceram durante vários anos a grupos que foram se formando e sendo amparados no poder estabelecido, foram se enchendo de privilégios ou assumindo posições de privilégio. E quando chega a nossa Revolução e se instala o nosso governo, começam a perder privilégios como, por exemplo, o controle da instituição

⁷⁹. Refere—se ao vídeo em que se anuncia a renúncia de Chávez e a Carmona como novo presidente.

armada, o controle de contratos de compras militares. Não é estranho, por isso, que um dos golpistas que está nos Estados Unidos agora – e está quase demonstrado que estava por trás do senhor Carmona —, é um senhor chamado Isaac Pérez Recao que, durante muitos anos, fez negócios vendendo armas: fuzis, granadas, veículos blindados à Força Armada. Este senhor fez amizade, por exemplo, com um dos generais que estava em Washington. No dia do golpe esse general⁸⁰ veio de Washington no avião de Pérez Recao e aqui se uniu aos golpistas, inclusive introduziu armas de guerra – mas não da Força Armada Venezuelana – no Forte Tiuna para assumir lá o controle de alguns espaços.

238. Outros vinham se projetando como possíveis chefes militares porque vinham se associando aos partidos que governaram o país durante muito tempo. Aspiravam ser generais de Divisão, chefes militares, chefes do Exército, chefes da Força Armada, mas seus planos não se deram. E foi então que começaram a se encher de rancores: “Chávez ascendeu outro e não me ascendeu”, “Chávez está dando os cargos a seus amigos e não a nós que vínhamos sendo projetados”, e que se a meritocracia e todos estes contos.

239. Esses foram basicamente – com algumas exceções – os militares que se transformaram nos motores da conspiração e, além disso, manipularam um grupo de oficiais.

5. TRABALHO FEITO PELOS GOLPISTAS DENTRO DO CORPO DE OFICIAIS

240. Ontem à noite⁸¹ eu conversei com quatro generais da Força Aérea a quem decidimos não levar a julgamento – estive falando um por um com muitos generais; quase todas as semanas falo com algum grupo – e então me explicava um deles que um dos generais golpistas lhe diz que se apresente ao comando aqui na base da Carlota, e ele vem e se apresenta. E lhe dizem ali: “Olha, sabes o que está acontecendo? Olha essas imagens. Há uma passeata pacífica e olha o pessoal do Presidente, os Círculos Bolivarianos armados. E preste atenção, disparando, matando estas pessoas”, e lhe mostravam aquelas imagens que todo o mundo viu. “O Presidente ficou louco e nos está pedindo que saíamos para continuar massacrando a população, mas nós não vamos fazer isso, estás de acordo?” Pois sim, estou de acordo, não quero matar pessoas. É horrível isso que está acontecendo!” E lhe disseram mais: Olha, o Presidente renunciou e há um vazio de poder e estamos fazendo um documento, vamos pronuncia—lo perante o país”. E vem uma câmara de televisão e um dos generais lê o documento. Manipularam—no com mentiras e ele caiu no erro. Disse—me: “Fui um tolo, mas nunca mais vão me enganar!” Eu acredito nele porque temos identificados aqueles que foram verdadeiramente os promotores e sabemos que houve outro grupo que foi enganado, manipulado, o grupo que pertence basicamente à minha geração.

⁸⁰. Enrique Medina Gómez.

⁸¹. 12 de junho de 2002.

241. Além disso é um dado favorável o fato de que no dia seguinte alguns deles tenham começado a reagir, a pensar com mais calma, a olhar a realidade e a assumir posições. Isso antes de eu retornar. Esclareço—te isto porque qualquer um poderia pensar que foi no meu retorno que voltaram a pular para o lado de cá. Não, não, embora alguns tenha feito. Foi no dia seguinte que a maioria reagiu quando se deu conta de que eu não havia renunciado. Começam a se pronunciar alguns de maneira muito firme, outros de maneira mais reservada, mas no final das contas foram esse pronunciamentos, acompanhando a reação popular, que permitiram que a situação se revertesse.

242. Um dos generais golpistas, por exemplo, foi chefe da Casa Militar de Caldera e muito amigo do genro de Caldera. Outro dos golpistas é um general da reserva, mas que estava ativo quando eu ganhei as eleições e tratou de preparar um golpe de Estado contra mim, mas não pode, não teve força para lança—lo naquele dezembro de 98. Quer dizer, há uma diversidade de razões, algumas individuais, outras políticas, que foram agrupando estes militares e aproximando—os de partidos políticos como Ação Democrática, COPEI, setores empresariais, vendedores de armas, etc., meios de comunicação com certo poder. Eles conseguiram pegar carona em um momento conflituoso alimentado de fora, preparado em parte por um conflito como o da Pdvsa, um conflito interno de luta de setores, de luta de poderes internos. Foi sobre esse cenário golpista que vinham já preparando desde há certo tempo que se deram os fatos ocorridos em 11 de abril.

6. POR QUE UM ATITUDE TÃO BENEVOLENTE? DEBILIDADE OU FORTALEZA?

— *Tu dizes que decidiste não leva—los a julgamento. Qual é a razão que te leva a Ter uma atitude benevolente? Porque debes saber que existe tanto fora como dentro da Venezuela a preocupação de que aqui não se pune ninguém; que apesar de ser um governo que levantou com grande força a luta contra a corrupção, não se julgou, no entanto, nenhum corrupto, havendo provas evidentes de corrupção. E a mesma coisa no caso do golpe. Entendo que em setores da tropa e da suboficialidade que estão absolutamente com o processo não se entende esta atitude do governo. Tampou se entende que hajas nomeado o general Rincón, que anunciou tua renúncia, como ministro da Defesa. Tudo isto dá a impressão de debilidade e não de fortaleza. Há quem pense que a correlação de forças dentro das Forças Armadas é tão desfavorável para ti que não restou outra possibilidade a não ser conciliar. Que podes dizer a respeito?*

1) QUAL É O CONCEITO DE FORTALEZA?

243. — Haverá muitas maneiras de ler uma realidade como esta. Se é debilidade ou fortaleza depende de como se conceba a debilidade e de como se conceba a fortaleza. Ao nosso retorno logo após o golpe de Estado de 11 de abril, tínhamos vários opções. Uma era vir mostrar força do ponto de vista tradicional, entendido isto com a execução de ações contundentes, como um batalhão de tanques que ataca, que vai avançando e destruindo posições e derrubando um muro após o outro e ocupando espaços. Alguns concebem a fortaleza dessa maneira, é uma concepção respeitável. Eu não a estou menosprezando, mas não deixa de ser uma concepção que não é

exatamente válida para todas as situações. Imagino que os nazis quando iam para Leningrado iam com essa concepção de fortaleza: vamos avançar até o coração do inimigo e arrasa—lo. Há outra concepção de fortaleza. Veja aí, tu vêes esses bambus⁸², é uma imagem que utilizam os chineses: bambu se enverga, não se quebra, diferentemente de outras árvores aparentemente muito mais fortes que se quebram. Acho que desde sempre tive essa concepção da fortaleza: a fortaleza da flexibilidade, a fortaleza da manobra, a fortaleza da inteligência e não a da força bruta, quer dizer, a de demonstrar a primeira de mudança sinais de força mas que muitas vezes não agüentam um espaço de tempo determinado.

2) AS OPÇÕES

244. – Voltando ao que te dizia, quando retornei tinha várias opções. Uma delas era demonstrar fortaleza no sentido indicado antes: se houvésemos metido um grupo de pessoas na prisão haveria sido interpretado como fortaleza, mas não o fizemos. Uns se foram do país, outros estão em sua casa, alguns com restrições de movimento e outros sem restrições, apenas são intimados semanalmente a comparecer a um tribunal porque estão em processo de investigações.

245. Eu lembro, Marta, que quando nós fizemos a nossa rebelião nos meteram presos – como se diz aqui – “Raimundo e todo mundo”. Éramos como 300, não cabíamos nos cárceres, tiveram que inventar prisões. Na prisão onde eu estava puseram até minas ao redor porque havia o temor de que me fossem resgatar. Não nos deixavam falar ao país porque se temia que disséssemos a verdade. Para que nos visitassem mulher, filhos e familiares era preciso fazer uma lista e manda—la com uma semana de antecedência ao Ministério da Defesa para que autorizassem sua entrada. Pablo Medina, com certeza, propôs nesse tempo que nos interpelassem no Congresso e responderam: “Como sabem, esses golpistas não devem falar”! Tivemos que fazer uma entrevista em Yare com José Vicente Rangel e saiu a fita cassete escondida, clandestina, mas o governo se inteirou e mandou fechar o programa. Vasculharam minha casa, levaram até roupa de criança, um dinheirinho que tinha minha primeira esposa. Eu perguntaria: era essa uma demonstração de força? No fundo era uma demonstração de uma grande debilidade. A mim não me dá nenhum temor nem me tira o frio que Carmona Estanga haja estado acho que quinze ou dezesseis horas na Assembléia Nacional, interpelado, e que tenha feito uma transmissão ao vivo pela televisão e rádio para todo o país. E que o general tal ou almirante tal digam sua verdade. Acho que ficaram muito mal vistos alguns deles quando, por exemplo, disseram: “Aqui não houve golpe”. O povo ria. Não houve golpe? E Carmona Estanga dizendo: “Aqui houve um vazio de poder e me chamaram uns militares e eu me juramentei. Isso nem ele mesmo acredita. Fez algo ridículo. O povo se dá conta, eu acho que foi uma lição, uma pedagogia. Agora não te nego que pode haver gente, sobretudo gente jovem muito impulsiva, que pode pensar que isso é debilidade e que esse senhor

⁸². Refere—se aos bambus do jardim de La Casona, residência presidencial em Caracas, lugar onde transcorria este parte da entrevista.

não deveria estar falando por aí, que deveria estar encerrado lá em Yare onde me detiveram. Talvez tu mesma compartilhes essa posição.

246. Agora quero te deixar claro que não é que os golpistas estejam perdoados, não Marta, se está aplicando a Constituição.

247. – Nós decidimos nos transformar em um partido político, meter—nos em eleições, instalar—nos como governo, convocar uma Constituinte, reconhecer agora cinco poderes e elaborar esta Constituição, que contém elementos como esse de que um general, um almirante – a Constituição não estabelecer exceções –, para que possa ser julgado tem que ser submetido primeiro perante um julgamento de mérito. Quer dizer, decidimos aceitar as regras do jogo que estabelecemos e é isso o que se está fazendo.

248. O Procurador Geral da República já elaborou um pré—julgamento de mérito. Isso não se pode fazer de um dia para outro, porque se pode derrubar o julgamento se não estiver bem sustentado. É preciso elaborar documentos, entrevistar pessoas. A mim me entrevistaram procuradores durante cinco horas e entrevistaram muitíssima gente. Em seguida o Procurador Geral, de acordo com o prazo estatuído pela Constituição, entregou um longo documento ao Tribunal Supremo de Justiça e este o está agora revisando para ver se há méritos para julgar esses senhores.

249. Se não se cumpre com isso simplesmente estaríamos violando a Constituição. Claro que a Procuradoria também adotou algumas medidas, estabeleceu algumas restrições: não podem sair do país, tem que se apresentar, não podem emitir opiniões públicas, não podem participar de concentrações.

250. Se se considera como um ato de debilidade o cumprimento da Constituição, imagina o que isso significaria!

251. Agora se a Constituição é demasiado permissiva em alguns artigos – e já vimos detectando vulnerabilidades – haveria que revisa—la, ver se se fazem nela alguns retoques. Isso é tão válido como quando se constrói uma casa e se descobre que está debilitada uma de suas colunas e se decide fortalece—la. Há gente já pensando em solicitar emendas para fortalecer alguns elementos da Constituição. Esse é o processo constituinte e isso é válido. Também a oposição, por outro lado, está pedindo emendas, e é válido que o façam, que recolham assinaturas, que vão lá, depois haverá que ir a referendo.

7. DEFERENTES NÍVEIS DE RESPONSABILIDADE

252. – Então há diferentes níveis de responsabilidade, há um primeiro grupo de militares: os golpistas de verdade, de verdade, que estão submetidos a esse pré—julgamento de mérito. Há outro grupo que decidimos, com base em um estudo bem consistente, não mandar a julgamento, mas submete—lo a uma figura que está na Lei Orgânica da Força Armada que se chama “Conselho de Investigação”.

1) MILITARES SUBMETIDOS A CONSELHO DE INVESTIGAÇÃO

—Quando dizes “decidimos”, o que significa?

253. – Falo no plural porque não sou só eu, eu recebo recomendações dos comandos militares e de outras fontes que me dão informações de inteligência, que fazem investigações e eu me encarrego de conseguir outras informações. Assim, vamos consolidando informações para nos aproximar da verdade sobre a situação de tal o qual militar. Este Conselho de Investigação também é uma coisa séria que não pode ser feito de um dia para o outro, tu não podes dar de baixa um militar que tem já uma graduação, uns direitos, sem fundamentação. A Constituição estabelece o devido processo e o direito à defesa. Tu tens que dar o direito a ele para que se defenda, se não continuaríamos caindo em atitudes como as de Carlos Andrés Pérez. Este deu baixa a uns militares assim, sem julgamento nem investigação, tiravam—nos inclusive descalços, tiravam—lhes as armas e tudo, uma humilhação e aí pagaram os justos pelos pecadores. Muitos justos e uns poucos pecadores, no caso aquele nosso.

254. Esses senhores que estão sendo submetidos a Conselho de Investigação já estão na fase final. Faz como cinco dias assinei uma recomendação para dar baixa de dois almirantes: um que estava comandando a Infantaria da Marinha, em Carúpano, no Oriente, e outro que estava por aqui em Caracas. Consideramos que cometeram falta grave, não delito, porque se o Conselho de Investigação determina que houve delito ou presunção de delito então vai pela via do pré—julgamento de mérito que é mais demorado. O Conselho de Investigação é mais rápido porque a aplicação de punições depende do Comandante em Chefe. Há como quinze generais e almirantes do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e da Guarda Nacional submetidos a Conselho de Investigação agora mesmo, aí decidiremos se vamos manda—los a julgamento, prende—los por uns dias, adverti—los verbalmente ou dar—lhes baixa da Instituição.

2) ADVERTÊNCIA VERBAL

255. – O que eu estou fazendo com alguns é que os faço sentarem—se aqui e falo com eles duas ou três horas e lhes digo: “Tu cometeste um erro”. Além disso lhes digo: “Bem olhe vai—te e continua em teu cargo, mas tens que tomar consciência de que cometeste um erro e que se aqui se repetir uma situação parecida espero que não voltes a cometer...”. Quer dizer, é uma sanção moral. Isso está previsto em nossas leis e regulamentos militares, é o que se chama uma “advertência verbal”. Eu vi aqui um general chorando dizer: “Porra, Hugo, me enganaram, por que fui tão ingênuo!” E sei que me disse isso de verdade e me disse: “Olha como têm sofrido os meus filhos, porque saí na imprensa e meus filhos te querem muito”. Inclusive me dei ao trabalho de defender alguns deles publicamente para ressarcir um pouco aquele dano moral de um homem que tem vinte e tantos anos na Força Armada, já um senhor que tem netos e que se sente um soldado e que se sente magoado porque o enganaram e lhe disseram que Chávez havia renunciado e que Chávez matou um pouco de gente. E então ele disse: “Como pude acreditar nisso, por que, meu Deus, não desconfiei e pensei que era um engano! Não acreditei no meu

superior que me alertou e acreditei no outro que me chamou por telefone, e acreditei na televisão e em toda essa campanha, como acreditaram muitos no mundo”.

256. Eu acho que seria uma grande injustiça que esses oficiais manipulados e enganados estivessem na prisão. Porque além disso boa parte deles a única coisa que fizeram foi que, ao serem chamados, apresentaram—se em seus comandos e os pararam aí e apareceu um jornalista ou uma jornalista com uma câmara, e então um deles, o golpista, começou a ler e ele aí parado.

3) EVITAR CAÇA ÀS BRUXAS

257. – Em seguida ao golpe realizamos transferências de militares, e o justo é que as decisões tenham relação direta com o nível de gravidade do implicado. E nisso estivemos agindo com muito cuidado. Seria terrível que se desencadeasse uma caça às bruxas na Força Armada.

258. A mim me disse algum oficial: “olhe, veja esta foto, estivemos analisando—a, o coronel Moreno no dia que o senhor chegou não está com a boina vermelha, o que tem é um gorro verde. Por que tirou a boina vermelha e colocou o gorro verde? Poderia indicar que ele já não queria se parecer com o boina vermelha”. Esclareço—te que este coronel Moreno é chefe da Casa Militar e esteve comigo até o último minuto no dia do golpe. Eu lhe respondi: “Olha, cuidado com o que tu estás pensando, se aqui vamos nos coloca a duvidar todos de todos, vamos ficar loucos. Esse coronel arriscou a vida nesse dia. Tu não podes saber porque não estavas. E sabes por que esse coronel está com esse gorro, esse coronel Moreno e os soldados que comandava andavam com gorro verde, todos? Porque eles, dentro do plano tático para retomar o Palácio, decidiram tirar a boina vermelha, porque com ela eram alvos facilmente detectáveis, enquanto que com o gorro verde os militares que os viam não sabiam com quem estavam. Tiraram o sinal que os identificava com o pessoal do regimento de Chávez e da Guarda Presidencial de Chávez”. O rapaz de boa fé estava duvidando do coronel Moreno, mas imagine que por uma foto mal interpretada ou por uma fofoca ou por um comentário, se comece a questionar sem razão alguns militares!

259. Outro me disse: “Olha, que o coronel tal foi para casa, ninguém o viu por aqui no dia que estávamos planejando a retomada do Palácio”. Acontece que esse coronel estava em outro local fazendo outras coordenações, quer dizer, a gente pode ser guiado pelo impulso, por observações preliminares e desencadear – em um meio além do mais complicado e tão sensível como a Força Armada – uma caça às bruxas.

8. POR QUE NOMEIA O GENERAL RINCÓN MINISTRO DA DEFESA

—Podes me explicar por que nomeaste Ministro da Defesa o general que anunciou ao país que tu havias renunciado, o general Rincón? Isso ninguém entende.

260. Ninguém entende?

—Ninguém. Como é possível que alguém que disse que tu renunciaste não havendo renunciado possa contar com tua confiança?

261. – Há muitas versões, mas eu sei sim a verdade. Talvez só eu saiba exatamente. Eu sei o que o levou a dizer isso. Ele não é culpado mas vítima de uma situação na qual eu estou implicado e, por isso, talvez seja eu que o entenda, quem sabe mais ninguém o entende. Eu me sentiria mal se houvesse removido Rincón.

1) PENSA EM RENUNCIAR COM QUATRO CONDIÇÕES

—*Por que? Tiveste uma atitude ambígua em algum momento?*

262. – Não diria ambígua, mas que houve um momento no qual efetivamente começamos a discutir o tema da possibilidade da renúncia. Isso foi quando me dei conta que havíamos perdido quase toda a força militar que tínhamos em mãos para poder resistir ou nos mobilizar para outro local. Então chamei José Vicente, William Lara, o Presidente da Assembléia, que estavam aí no Palácio, e outras pessoas, outros ministros e lhe pedi que fossem para o gabinete. Então examinamos a Constituição e começamos a pensar na possibilidade da renúncia. E eu disse ao grupo: “Eu sou capaz de renunciar mas se se cumprem quatro condições. A primeira era de que se respeitasse a integridade física de todos os homens, mulheres, povo, governo; integridade física e respeito aos direitos humanos. A segunda: que se respeitasse a Constituição, quer dizer, que se eu renunciava tinha que ser perante a Assembléia Nacional e o vice—presidente devia assumir a Presidência da República até que se convocasse novas eleições. A terceira condição era falar ao vivo ao país. E a quarta: que me acompanhassem todos os funcionários do meu governo e esses rapazes que me custodiaram durante anos. Sabia que não iam aceitar isso, porque esse era um grupo de choque que eu ia ter em mãos.

263. Então os emissários – o general Hurtado Sucre, Ministro da Infra—estrutura e o general Rosendo – vão para o Forte Tiuna e falam com os golpistas e retornam dizendo que sim, que lá aceitaram as condições.

2) CHÁVEZ COMUNICA A RINCÓN SUA DECISÃO DE RENUNCIAR

264. – Eu havia autorizado ao general Rincón, que havia estado comigo toda a tarde e a noite, para que se fosse ao Forte Tiuna a indagar o que é o que aquela gente queria de verdade. Nesse momento ele estava lá. No meio dessas circunstâncias ele me chama e me diz: “Presidente, olhe, aqui estão exigindo sua renúncia e estão me pressionando para que eu também renuncie, mas disse que eu assumo a decisão que o senhor tomar”. Então eu lhe digo: “Olha Lucas, aqui chegou Rosendo e chegou Hurtado e disseram que lá aceitaram as condições que eu estou exigindo para essa possível renúncia. Diz a eles que sim, que vou renunciar”. Eu lhe dei como uma luz verde. Ele sai dizendo o que eu disse. O que disse é: “O Presidente aceitou a renúncia e eu também, com o alto comando coloco meu cargo à ordem”. Assim é que eu estou completamente seguro de que ele disse o que eu lhe havia transmitido por telefone.

3) RINCÓN DESCONHECE A MUDANÇA DA SITUAÇÃO

265. —O que aconteceu aos 10, 20 minutos? Que lá ele dá essa declaração e se vai dali, mas aos poucos minutos nos chega a informação de que não, de que já não aceitam nenhuma condição. Eu estava quase seguro de que não iam aceita—las, era uma forma de ganhar tempo e isso. Agora estavam exigindo que eu me fosse para lá preso e se não o fazia ameaçavam em vir atacar o Palácio. Em poucos minutos a situação havia mudado.

266. E o desenlace foi esse: aceitei ir preso.

267. Lucas saiu, foi levar sua família a algum lugar e no Sábado retornou ao Forte Tiuna e se somou a García Carneiro e esse grupo de generais que estiveram ali retomando o fio das coisas. De que se pode acusa—lo, então?

4) INFORMOU—SE SOBRE ISTO

—*Informou—se sobre isto, porque, que eu saiba, esta informação não chegou ao exterior?*

268. — Isto eu expliquei, acho, também à comissão especial política da Assembléia Nacional que investiga os fatos ocorridos durante o golpe de abril, quando foi me entrevistar no Palácio. Eu o havia dito antes, quando o nomeie ministro da Defesa, para assegura—lo, para fortalece—lo. Por outro lado é um homem que esteve comigo desde o início do governo. Foi chefe da Casa Militar, foi ministro de minha secretaria, foi comandante do Exército e em seguida inspetor da Força Armada. E, bom, o nomeio Ministro da Defesa porque diante da nova situação que se dá ao nosso retorno, que exige um diálogo político, o homem de mais experiência que tenho no gabinete é José Vicente Rangel e por isso o passei de Ministro da Defesa a Vice—presidente. Mas há alguns que parece que não entendem isto.

9. LIÇÕES DO GOLPE MILITAR

—*Poderias sintetizar—me as lições que tu tiraste do recente golpe militar? Quando conversávamos tu me explicavas que no Forte Tiuna estavam localizados os comandos golpistas em um edifício e em outro mais afastado estavam os regimentos e ali estava o general García Carneiro, um homem fiel a ti, junto a sua tropa. Dizias—me que este havia sido chamado para outro edifício mas que não havia querido se apresentar para não abandonar a tropa, embora finalmente, já que lhe disseram que iam conversar contigo em Miraflores, conseguiram convence—lo, com o que essa tropa ficou sem comando e disso e aproveitaram alguns chefes militares golpistas para controla—la através do uso da hierarquia e do engano.*

269. — Dizia—te que eu tratei de respeitar sempre a chamada linha de comando. As instruções do comandante em chefe eram dadas sempre através dos altos chefes militares. Agora, dada a situação que ocorreu, que eu te demonstrava, de García Carneiro, e a dificuldade que tive para poder conversar com ele e com outros generais das guarnições militares que se mantiveram fiéis.

Com o general Baduel⁸³, por exemplo, apenas pude conversar em uma ocasião, em seguida perdi o contato. Não pude estabelecer—lo: nos haviam sabotado as linhas de telefone do Palácio.

270. Pois bem, trata—se de tomar isso como uma lição para estabelecer mecanismos muito mais flexíveis, mais seguros, de comunicação e de contato direto, desde o comandante em chefe até os comandantes de unidades operativas, os que têm em suas mãos as armas, os que comandam os homens das forças armadas.

271. Não se trata de desconhecer os altos comandos, só que em um conflito interno ou um conflito externo, um alto comando militar pode desaparecer por muitas razões, ser capturado, ser eliminado fisicamente inclusive, devendo o chefe máximo ter a capacidade, os canais de comunicação, para não perder jamais algo que é fundamental, o comando militar direto sobre as unidades do exército. E isso foi vulnerado no dia 11 de abril. E disso se valeram os golpistas para manipular comandantes de unidades, para neutralizar outras unidades, para enganar chefes militares que só recebiam a informação que lhes davam estes setores de altos comandos, que os iam desorientando, desinformando, confundindo, enganando, manipulando.

272. Essa é então uma lição: o contato muito mais direto com a oficialidade média, com os chefes, com os oficiais e também com as tropas.

—Tu acreditas contar com o apoio absolutamente majoritário nestes setores?

273. — Sim, absolutamente majoritário. E poderia te demonstrar isso.

—E os altos comandos como vêem isto?

274. — Como não se trata de desconfiança, mas de se preparar para todas as eventualidades, não devem ver isso mal, embora pudesse haver algum ciúme. No entanto, a prédica, a discussão, o procurar eliminar qualquer tipo de ciúme, tem sido minha preocupação.

10. RADICALIZAÇÃO DO PROCESSO E FORÇA ARMADA

—Não achas que na medida em que o processo revolucionário se radicalize será cada vez mais difícil contar com o apoio majoritário de um corpo cuja formação está muito influenciada pelos valores das classes dominantes e que, portanto, é muito permeável às campanhas que os setores reacionários realizam contra teu governo, como demonstraram os últimos acontecimentos?

275. — Sim, eu acho que isso é normal. E acho que em qualquer exemplo que possamos tomar de qualquer lugar do mundo isso ocorre. Se aplicamos, inclusive, as leis da física a uns nadadores que vão cruzando o rio Orinoco, haverá que diga: “já não posso mais”, por razões físicas. O mesmo ocorre em um grupo de alpinistas, haverá alguns que por debilidade, por um acidente, vão ficando para trás. Se isto ocorre em nível físico, ocorre mais ainda em um processo tão complexo no qual influi não somente o físico, que não é nem sequer o mais importante, mas o cultural, o ideológico,

⁸³. General Raúl Baduel, chefe da 41ª Brigada Blindada de Pára—quedistas de Valencia.

muitas vezes o material, o econômico. Há pessoas que te acompanham sim em uma fase – e o temos vivido ao longo deste processo, que para mim tem, Marta, quase vinte e cinco anos, desde que eu comecei de maneira firme, séria, a organizar pequenos grupos —, mas que em seguida vão ficando no caminho por diversas razões. Eu sempre tratei de ser nisso agradecido, inclusive agradecer ao que fica porque ele ajudou em uma etapa. Que não seja capaz de seguir em frente não é razão para condena—lo. Não, simplesmente por diversas razões ficou ali ou parou ou se afastou.

276. Muitos oficiais que ajudaram bastante na etapa pré—insurrecional não chegaram à insurreição, mas não há que deixar de reconhecer seu trabalho ali. Claro, aqui não estou falando dos traidores, mas de gente que ficou para trás por razões diversas.

277. No cárcere, por exemplo, há gente que ficou, ou melhor dito, não quis seguir em frente. Quantos oficiais? Muitos oficiais, companheiros de armas que ao saírem da prisão me disseram: “Olhe meu comandante, ou olha Hugo, eu vou para casa. Tenha a mulher lá, tenho os filhos, tenho que trabalhar para sustenta—los”. Eu jamais tive a reação de condena—los, todo o contrário.

278. Olha, Marta, lembro uma vez que comigo andavam quatro rapazes, em uma época em que compramos *cambures*⁸⁴ (espécie de banana) para nos alimentar, comíamos pão, *cambur* (espécie de banana) e uma pepsi cola ou um café. Não tínhamos nem um centavo e tudo o que tínhamos era para a família que estava por lá longe, para os filhos pequenos, a mulher. Uma madrugada, quando eu dormia em um *chincorro*⁸⁵ e eles em um colchão onde não cabiam todos, no corredor de uma cada onde um senhor muito corajoso nos permitia estar porque ninguém se atrevia a que Chávez dormisse em sua casa, senti que um deles estava chorando. Aproximo—me, pensei que estava sonhando, e quando lhe pergunto o que acontece, responde—me: “É que minha mulher me telefonou hoje, está comendo bolachas com sardinhas”. Então eu disse a esse rapaz: “Bem, tu reconheces que eu sou o chefe”. “Sim”. “Vou te dar uma ordem: amanhã não quero te ver aqui. Volte para onde está tua mulher, procura um trabalho onde alguém possa te pagar algo, eu não possa te pagar nada”. O tipo não queria ir, mas lhe ordenei que se fosse.

279. Já eu como Presidente voltou um dia e trabalhou um tempo conosco aqui. Em seguida está trabalhando em outras coisas, mas digamos que seguiu seu caminho. A maioria foi procurar o que fazer, onde trabalhar, claro, se eram rapazes jovens, com mulher, com filhos. E então alguns muito radicais diziam: “Não, esses são traidores, são fracos”. E eu acho que são humanos, nem todos são como nós que deixamos mulher e filho; não nos importa dormir onde for; temos expectativa muito grade, talvez tenhamos uma força superior que nos arrasta mais do que a eles.

280. Então, o que quero te dizer é que estou de acordo com o que dizes. Considero normal, que à medida em que o processo vai exigindo mais, requer de gente com maior consciência, capacidade,

⁸⁴. Espécie de banana

⁸⁵. Rede de dormir

fortaleza, força; e há pessoas que têm seu limite: e chegam até aqui. E repare, aí a gente se surpreende pela lado negativo, mas também pela lado positivo: há pessoas que às vezes a gente tem a impressão de que não vão chegar mais além de uma linha determinada e passam essa linha e a outra e seguem em frente e deixam muitos para trás.

281. E eu acho que no nosso caso essa constatação de gente que avança e avança, é maior em quantidade e significação do que a outra parte. Temos um povo que avançou depois do 4 de fevereiro muito mais além do que a gente houvesse pensado. Quando lembro como me sentia em 92 quando chamei à rendição. Que vergonha! “Se houvéssemos lutado até morrer” — pensava eu sozinho em uma cela. Claro, estava isolado da realidade e não conhecia a explosão afetiva, emocional, emotiva que aquele gesto desse grupo de militares havia gerado nessa população. Isso jamais havíamos calculado. E isto que vimos em Las Malvinas anteontem⁸⁶, essa é uma paixão, uma paixão que despertou desde então na maioria dessas pessoas. Por isso te digo que há gente que demonstra que pode ir muito mais do que pudesse haver—se pensado. Os que se vão ficando o fazem por conta gotas, por pequenos grupos.

—Terias que estar atento também a isso, quer dizer, assim como foste sensível com aquele rapaz e o mandaste para sua casa, tratar de detectar que já uma determinada pessoa chegou a seu limite e tomar uma decisão em relação a ela antes de que se quebre, não?

282. — Às vezes não é fácil, haveria que estar atento para desenvolver ainda mais a percepção, o instinto. Eu gozo de um bom instinto e me arrependo às vezes de não haver levado em consideração esse instinto. Costumo levar muito em consideração o instinto estratégico, mas às vezes o pequeno instinto sobre uma individualidade não levo em conta. Isso me ocorreu antes de 11 de abril, tratei para que não continue ocorrendo.

11. ATITUDE DIANTE DE SETORES MILITARES RADICALIZADOS

—Por outro lado, soube que uma importante camada de oficiais jovens que esteve à frente das tarefas sociais da Revolução se radicalizou e exige a adoção de medidas mais drásticas contra a corrupção, pede acelerar o ritmo das transformações, não entende tua atitude conciliadora com os generais que estiveram envolvidos com o golpe. Estou bem informada? Como avalias a atitude deles? Como encaminha—la? Que se pode esperar deles?

283. — Eu acho que cresceu esse setor ou esse fenômeno de radicalização de setores militares a favor do processo revolucionário e cresceu não só em número, mas em intensidade. Pergunta—me como enfrentar essa situação. O que trato é de exercer liderança: me reuni com alguns dos que pressionam, que se incomodam porque não há presos, não só militares mas civis e porque os meios de comunicação continuam fazendo o que fazem: desrespeitando, inventando, tergiversando.

⁸⁶. Refere—se a sua visita a um bairro popular em 20 de junho de 2002.

284. Trato de fazer—lhes compreender que estamos fazendo, até onde podemos, o esforço para conservar a opção estratégica que escolhemos e que esse povo apoiou por uma grande maioria.

285. Tenho claro que um processo de degeneração desta situação poderia trazer como consequência o crescimento ou o maior peso desses atores. E é uma das coisas que alguns setores de oposição não medem.

—*No sentido de que podem tirar Chávez, mas o processo vai continuar?*

286. — Claro, Chávez pode sair, bem, Chávez não é só Chávez. Eles às vezes tendem a simplificar o problema. Esta situação que vivemos despertou correntes e sentimentos bastante radicais. Estou seguro de que no hipótese negada de que eu me dobre diante da reação, estes setores passariam por cima de mim e surgiriam novas lideranças. E isso me tranqüiliza, Marta. Acima de todas estas preocupações estruturais, políticas, de falhas, eu estou seguro de que este processo já não tem volta atrás. Este movimento de mudança, de reestruturação, de Revolução, não vai se deter. Agora, que tome outro curso, isso sim poderia acontecer.

287. Ei disse isso publicamente, não é um comentário aqui só para ti, para tua publicação. Não, eu o disse e às vezes se tergiversou como se fosse uma ameaça que eu estou lançando. Não, eu o digo como conclusão e agora depois do que ocorreu o digo com maior certeza.

288. Aqui posso tomar uma citação sobre o pensamento de John Kennedy a respeito, em que este dizia que se não fossem feitas as revoluções pacíficas aqui, nestes países, viriam as revoluções violentas, e foi quando nasceu a Aliança para o Progresso. Eu li isso em teu livro e, além disso, em seu contexto⁸⁷, que eu imaginava, mas desconhecia.

289. Agora, eu estou convencido de que, se aqui nós fracassássemos neste esforço de fazer mudanças profundas no aspecto político, econômico e social, por esta via, virão outras vias, Marta, virão outras vias. Talvez violentas, talvez militares e talvez cívico—militares, mas isto foi tomando uma força própria. Eu ponho o exemplo do rio: um rio tu podes represar, mas não o podes deter; se não lhe dás escoadouro vai derrubar a represa, ou procura um leito por outro lado e muda seu curso, mas vai sempre para o mar.

CAPÍTULO QUARTO: LENTO AVANÇO PARA UMA ECONOMIA ALTERNATIVA

1. CONTRA—REVOLUÇÃO SEM REVOLUÇÃO

—*Tu tens sustentado que sem uma Revolução a Venezuela não pode sair da profunda crise que tem vivido nas últimas décadas. E que para conseguir realizar as transformações sócio—*

⁸⁷. Refere—se ao parágrafo “A resposta dos Estados Unidos”, parágrafos 31 a 36, e especificamente ao parágrafo 32 do livro: “La izquierda en el umbral del Siglo XXI. Haciendo posible lo imposible” de Marta Harnecker, Siglo XXI editores Espanha, 3ªed. 2000.

econômicas profundas que necessita o país, necessitava—se previamente realizar mudanças importantes no aparato político—institucional. Já analisamos as mudanças realizadas nesta esfera: os grandes ganhos e também as sérias travas que foram surgindo no caminho. Acreditas que é possível na atual situação avançar na transformação da estrutura sócioeconômica que consideras a essência do processo revolucionário? Porque há quem defenda que o processo Revolucionário Bolivariano não é só inédito por haver sido capaz de reverter o golpe militar de 11 de abril e te devolver o poder em menos de 48 horas, mas também porque existe uma contra—revolução sem que haja existido realmente uma Revolução, entendendo por esta uma transformação sócioeconômica da qual tu falavas. Achas que é justo esse questionamento? E se não o compartilhas, quais foram os passos revolucionários que teu governo deu nesta esfera? Que papel desempenha neste sentido o forte impulso ao movimento cooperativo que se está dando a partir do governo?

290. – Esta é uma pergunta provocadora, não? A propósito disto estava lembrando o que disse algum dirigente africano: “O papel de uma Revolução é despertar a consciência do coletivo e coloca—la em marcha, o demais vem como consequência”. Não acho que isto seja absolutamente assim mas acredito sim que isso é algo do que tem conseguido a Revolução. Esse despertar, essa emoção, esse desejo de participar e essa participação ativa de muitíssima gente, algo que antes não se via aqui. É que há que comparar a situação que se vivia há uma década e a situação de hoje para ver os passos que se têm dado.

291. Um passo importante que nós demos logo no início do governo foi a definição do rumo, e não só sua definição, Marta, mas todo esse processo educativo, pedagógico, participativo em que uma grande maioria de nosso povo assume a Constituição como sua Constituição, conhecia—a, embora não totalmente ainda. Eu continuo insistindo em que é preciso le—la, discuti—la, analisa—la, interpreta—la, ama—la.

292. Acho que nos 200 anos de vida republicana da Venezuela jamais um povo sentiu tão sua uma Constituição como esta. E acho que esse é um passo importantíssimo de uma Revolução, não só no aspecto ideológico: conseguir semear a concepção bolivariana na alma de um povo até tal ponto em que os oligarcas que antes se chamavam bolivarianos agora não querem ser chamados assim. Eles haviam seqüestrado Bolívar, agora Bolívar é do povo. Eu acho que – repito – esse é um passo importantíssimo. E é algo que está transcendendo nossos fronteiras. Tu vêes agora plataformas bolivarianas na Espanha, Alemanha, França, Senegal, Argentina, Estados Unidos, Londres, Canadá e outros países da Europa.

293. A reivindicação da essência da nação, que estava deturpada, é uma conquista revolucionária que tem uma conotação prática de soberania, de auto—estima, de vontade e união coletiva. Lembro da expressão de Camus em *El hombre rebelde*: “Eu me rebelo, logo nós somos”. Aqui se recuperou o “nós somos”, porque havia um individualismo espantoso, um desânimo coletivo. Tenho a imagem desse 4 de fevereiro de 1992, eu com um fuzil e uns binóculos olhando: onde está o povo? Havia uma indiferença coletiva e olha o que aconteceu dez anos depois. O mundo viu

um povo sair com coragem para defender sua Constituição sua Revolução imperfeito. Há alguém que diz que o perfeito é inimigo do bom.

294. Isso é um sinal revolucionário, por isso essa pergunta que tu me estás fazendo de como a ausência de uma Revolução pode haver gerado uma contra—revolução , isso foi dito por Petkoff, li—o em uma manchete do jornal *Tal Qual*, mas Petkoff e os revolucionários que andavam com ele, quando eram revolucionários, nunca foram capazes de semear na alma popular, no ente coletivo nacional, uma idéia que unisse. Não chegaram às massas. Esta Revolução chegou às massas. Aqui há gente que inclusive está disposta a morrer por isto. Mesmo com dúvidas, mesmo com imperfeições, mesmo com fome, por isso é que eu não acredito nesse ditado que diz: “Amor com fome não dura”. Esse ditado não é aplicável a uma Revolução e aqui concretamente não é aplicável. Essa gente que saiu para defender esta Revolução tem fome. Dura o amor mesmo com fome, claro, para sempre seguramente não dura.

295. Não é verdade que aqui não haja Revolução. Aqui há uma Revolução. Houve uma mudança na estrutura político—jurídica. Que essa estrutura seja imperfeita, que está viciada, que está ameaçada, que é muito incipiente, tudo isso é verdade, mas existe uma nova estrutura nascente que é preciso cuidar, potencializar, fortalecer. No aspecto jurídico a nova Constituição é muito sólida, adquiriu uma solidez impressionante e isso foi reconhecido por diversas corrente e setores do mundo como uma Constituição modelo sobre a democracia. No Canadá, quando assinamos a Cláusula democrática⁸⁸ nós levantamos a mão e dissemos: “nós assinamos isto mas temos um voto de ressalva no tema da democracia representativa, nós acreditamos na participativa”. E se gerou um debate inclusive em nível internacional.

296. Bem, esse é um elemento. Agora, quando vamos ao fundo da questão, à essência da estrutura socioeconômica do país, avançamos muito pouco, mas é que essa estrutura tem uma natureza diferente da estrutura político—jurídica. Se nós conseguimos mudar a Constituição, quer dizer, a estrutura jurídica, e em dois anos fazer nascer uma nova estrutura política contida na Constituição, sobre a qual ainda é preciso trabalhar muito, insisto nisso, seria uma ilusão pensar que em dois ou três anos poderíamos realizar mudanças essenciais na estrutura sócioeconômica e mais ainda levando em conta que o processo é pacífico e que está aferrado à Constituição até mais além do imaginável.

297. Se aqui houvéssemos triunfado pelas armas, ou mesmo sem haver triunfado pelas armas, se depois de um triunfo eleitoral houvéssemos tomado o caminho da violência ou da ditadura e houvéssemos começado a prender gente, a colocar toda a oligarquia na prisão, a expropriar roupas e moradias, casas e riquezas, a estatizar bancos, bom, não sei o que haveria acontecido. Mas a nossa estratégia era outra: vamos apertar o botão da transformação político—jurídica, conduzamos a economia com calma. Gerar perturbações em ambas as estruturas talvez houvesse sido impraticável. Trata—se de fases previstas assim. A primeira fase não é que esteja concluída

⁸⁸. Na III Cúpula sobre a ALCA em Quebec, abril de 2001.

mas que ultrapassou um ponto de não retorno, assim o creio, Marta, refiro—me à estrutura político—jurídica. Essa Constituição vai estar aí durante bastante tempo, porque inclusive para mudar uma palavrinha dela vão ter que consultar o povo. Antes, as emendas da Constituição eram decididas pelos partidos pelas conveniências no Congresso. Agora não, é preciso realizar um referendo popular: é preciso realizar um debate, explicar por quê se faz necessária essa emenda.

298. Agora, na ordem econômico—social avançamos pouco mas estamos orientados corretamente. Se não fosse assim não teria havido golpe aqui, porque esta oposição, esta oligarquia, estes setores contra—revolucionários vinham jogando para que esse projeto se apagasse, se desviasse, para que eles pudessem neutraliza—lo, para que eu me vendesse, me entregasse, me rendesse, e talvez tenham pensado: “Bom, não importa uma Constituição a mais”, mas logo que viram as leis habilitantes do ano 2001, quando aprovamos a Lei de Terras, a Lei de Pesca, a Lei de Hidrocarburetos, a Lei de Microfinanças, a Lei de Bancos e outras leis de conteúdo social, então a contra—revolução ideológica, jurídica, e agora econômica e social percebeu que o projeto continua pressionando para aprofundar, que nós continuamos movendo as alavancas para aprofundar.

299. Isso explica a resposta que nos deram. Por que um dos primeiros decretos contra—revolucionários foi o de anular as leis habilitantes? Porque se sentiram tocados pela aplicação de algumas dessas leis. A aplicação das leis habilitantes está sendo perturbada por diferentes manifestações da direita: atos públicos queimando as leis, a greve de 10 de dezembro, paralisações, o Golpe de Estado de 11 de abril, as pressões através dos meios de comunicação para que as leis sejam anuladas ou modificadas na Assembléia Nacional ou o Tribunal Supremo as elimine, porque ali ainda temos juizes comprometidos com interesses contrários aos que estabelece a Constituição.

300. O processo é lento, é complexo, é dificultoso, mas aí andam os camponeses com sua lei. Vão lhes tirar? Dificilmente, porque estão dispostos a brigar por ela, a defendê—la e estão dispostos a pressionar por ela, e eu lhes digo: “Pressionem, pressionem—nos, exijam que seja cumprida”. “Pressionem os juizes, vocês são os donos do poder. “Nunca antes na Venezuela houve uma lei como essa que permitisse a organização comunitária, que desse prioridade às mulheres para a concessão de terras.

— *Esclarece—me uma coisa, trata—se de uma Lei habilitante que habilita o executivo a elaborar leis diversas ou são leis habilitantes?*

301. – O Conselho de Ministros faz a lei, o Presidente a aprova, notifica—se à Assembléia Nacional e passa a se transformar em lei.

302. Assim se fez a Lei de Orçamento, mas estão pendentes uma série de outras leis sociais.

303. Na verdade é uma Lei que habilita, mas nós colocamos o carimbo de habilitante a todas as leis aprovadas.

304. São leis verdadeiramente revolucionárias, Marta, não tão radicais como alguns quiseram, mas é preciso tratar de encontrar um ponto de consenso mínimo sem entregar os princípios da Revolução. Esse é muitas vezes um ponto difícil de conseguir.

2. A DÍVIDA EXTERNA: UMA PROMESSA DESCUMPRIDA

—Dizem que tu prometeste na campanha eleitoral que teu governo não ia pagar a dívida externa, mas soube que a estão pagando. Muitas gente de esquerda não concebe que um governo possa ser considerado revolucionário se continua pagando a dívida, quando com esse dinheiro poderiam ser resolvidos tantos problemas materiais do povo. O que podes dizer a respeito?

305. — Ouço esta preocupação com muita atenção, mas quero te esclarecer que nunca dissemos na campanha eleitoral que não íamos pagar a dívida. Havia o rumor, comentários de imprensa, etc. Sim, dissemos que proporíamos um esquema para reestruturar a dívida externa e nisso não se pode avançar e é preciso reconhece—lo.

—Por que não se pode avançar?

306. Bem, porque para conseguir isso se requer da vontade dos credores. É preciso se sentar com os bancos dos países aos quais deve e então estabelecer os mecanismos de reestruturação da dívida respectiva. Isso por um lado.

307. Por outro, estivemos aqui em tantos conflitos que não nos deram o tempo para discutir esse tema em profundidade com os credores.

308. Agora, em relação à tua pergunta, não acho que um processo revolucionário deva, necessariamente, para ser revolucionário, ignorar compromissos como o da dívida externa. Ou outros assumidos com instituições, corporações ou países do mundo.

309. Não acho que o tema da dívida seja o elemento central para qualificar de revolucionária ou não uma proposta. Neste sentido eu acho que se trata de ver o que neste momento se pode fazer. Tua frase aparece outra vez: “a arte de tornar possível no amanhã o que hoje pareceria impossível”.

310. Se o nosso governo houvesse se negado a pagar a dívida externa, isso sem dúvida teria economizado uma quantidade importante de recursos: uns 8 ou 10 bilhões de dólares. Podíamos haver decidido não pagar essa dívida para aplica—la em projetos de desenvolvimento. Se isso fosse assim simples ninguém poderia deixar de aplaudir essa decisão. Trataria—se de um gesto revolucionário antineoliberal e todas estas coisas.

311. Mas, o que haveria ocorrido se houvéssemos adotado essa política? Isso seguramente haveria originado problemas em diversas áreas: o investimento internacional, por exemplo, seguramente haveria sido detido. Como sabes adquirimos novos endividamentos em projetos para o desenvolvimento do país como o da Faixa do Orinoco, uma represa que estamos projetando no Estado de Zulia. O contrato que assinamos há pouco para intensificar a produção de alumínio com

uma empresa francesa de muito peso mundial que se chama Pechiney, o acordo com os chineses para instalar a fábrica China Petroleum Co., uma fábrica de orimulsão⁸⁹ no Orinoco para produzir 4 milhões de toneladas do gás na Plataforma Deltana. Todos estes investimentos significam milhares de milhões de dólares e vêm pelo mesmo mecanismo, são todos investimentos produtivos, mas no final das contas, traduzem—se em dívidas que contrai o Estado venezuelano porque o que é o que faz essa empresa francesa: pede empréstimo ao banco, obtém—no e vem investi—lo aqui. E o mesmo fazem também as outras empresas: contraem empréstimos em bancos, quer sejam públicos ou privados. Quase todos privados.

312. Se nós houvésemos deixado de pagar a dívida economizando esses recursos para destina—lo a investimentos sociais e econômicos, o mais seguro, Marta, é que nenhum desses projetos tivessem vida, porque seguramente qualquer empresa petroleira, gasífera, mineira, madeireira ou o que for, vai a um banco pedir empréstimos e quando lhe perguntam: “para investi—lo onde?”, começam os computadores a procurar dados. “Ah, não, mas a Venezuela não paga a dívida! Como vou emprestar para ti para investir em um país que não paga a dívida?” O mais seguro é que esses projetos estariam todos congelados. O que devemos nos perguntar é como enfrentar esta situação a partir desta modesta posição, em um mundo como o atual, com variáveis tão pesadas como o financiamento internacional.

313. Agora, o que eu diria aos revolucionários: primeiro, bem—vinda seja a crítica. Mas do que se trata é de colocar na balança o que se obteria a favor e contra. E eu acho que nestes anos que temos vivido de transição política acelerada, de mudanças políticas, de perturbação interna e externa, pela OPEP, o petróleo, as conspirações, a economia, a sociedade, a constituinte, as eleições, as outras eleições, com todas essas perturbações, se houvésemos acrescentado uma mais nesse complexo sistema de furacões – poderíamos dizer—lo – se podia correr o risco de tornar intermináveis a onda na qual a gente vem navegando.

314. Agora, se tu me dizes que o contexto mundial, ou pelo menos o regional começa a mudar, e que um grupo maior de países começa a se aproximar de uma posição que nos permita amanhã ou depois de amanhã ter uma correlação de forças mais favorável. Se aqui surgisse por vontade política de líderes dispostos a enfrentar conjuntamente o risco e a explicar ao mundo sua decisão, de organizar uma OPAE da dívida – permita—me a expressão: Organização de Países Altamente Endividados, estou inventando um nome aqui —, onde deveria estar a Argentina, o México, o Brasil, a Venezuela, etc., e nos sentássemos aqui nesta mesa cinco ou seis presidentes para tomar uma decisão e comunica—la ao mundo: “Convocamos para uma reunião os donos dos bancos A, B, C e D aos quais, entre nós devemos, talvez, cem bilhões de dólares e lhes disséssemos: “Bem, senhores, tomamos uma decisão em nome de nossos 200 ou 300 milhões de habitantes que nos pressionam e que nos elegeram para governar por eles. Nós queremos pagar a dívida, mas não

⁸⁹. Combustível de caldeira para produzir eletricidade que substitua o *fuel oil*.

assim como a estamos pagando. Exigimos mudar o esquema de pagamento. “Eu acho que nessas condições, com uma correlação de força muito mais favorável, isso sim se poderia conseguir.

315. Poderíamos dizer: não pagamos a dívida, assim, de maneira taxativa: eu prefiro uma via de conciliação. Então, quais são as vias de conciliação? Pois há muitas. Uma delas o chamado Fundo Humanitário Internacional: façamos um acordo de que a porcentagem xis dessa dívida que lhe devemos, mas que já a pagamos três vezes e continuamos devendo – um mecanismo eterno, como disse Fidel —, coloquemo—no em um fundo a ser administrado por um grupo de pessoas que elejamos nas Nações Unidas. Para que? Para lutar contra a pobreza em nossos próprios países e outros países irmãos.

316. Outro mecanismo é pagar a dívida em um prazo maior, exigir um período de carência de vários anos, colocar condicionantes. Assim fazemos nós aqui com os pobres: damos—lhes créditos mas está estatuído que uma pessoa não deve pagar mais do que 30% da sua renda familiar mensal. Se tu ganhas cem dólares mensais, não vais pagar mais do que trinta dólares. E fazemos isso porque temos que zelar pela vida dessa pessoa.

317. Elaborar programas especiais para gerar recursos entre todos de outras mil maneiras e que isso seja válido.

318. Presta atenção em todo este detalhe que discutíamos há pouco em uma reunião de presidentes. Dizia algum Presidente da América do Sul: parou e falou bem, com clareza, disse: bem, como é que os países desenvolvidos, ou os bancos, ou o Fundo Monetário Internacional, ou o Banco Mundial nos empresta dinheiro, por exemplo, para fazer estradas e rodovias e isso é incorporado com dívida no montante da dívida global. Por outro lado, esses mesmos organismos outorgam aos países desenvolvidos um empréstimo para rodovias e obra sociais e não é dívida. Aplicam—lhe outro procedimento, como ajuda para o desenvolvimento e talvez pagam uma parte, outra não, porque é ajuda para o seu povo. Em compensação, a nós, os países pobres, encravam—nos os juros: dívida externa. Depois que esse cavalheiro falou eu pedi a palavra e disse: “Sabem os senhores por que nos fazem isso? Porque nós não temos a coragem de nos opor, a culpa é nossa, porque se nós deixássemos de ficar chorando e tomássemos decisões políticas em nome dos nossos povos, ou saíssemos daqui com o compromisso de fazer um referendo em cada país para ver o que opinam os nossos povos e depois de dois meses viéssemos aqui com os resultados desse referendo para tomar uma decisão amparada pela decisão dos nossos povos, então o mundo começaria a mudar. Mas nós ficamos aqui somente para falar e saímos para fazer uma foto e não tomamos nenhuma decisão. Não nos atrevemos a desafiar o mundo. E enquanto não o fazamos como um todo, não vamos poder Ter um desenvolvimento próprio”.

319. Disso se trata o modelo de integração que eu proponho, a ALBA, ou como for chamado. Vamos nos integrar também olhando quais são os problemas mais graves que temos todos em comum: a moradia é um? Vamos ver como fazemos para solucionar este problema em todos os nossos países. Algo podemos fazer juntos para além do que cada um faz por sua conta.

320. A miséria, o desemprego, a dívida, vamos aplicar então um esquema conjunto para dizer ao mundo: aqui estamos nós, temos um problema em comum, queremos trata—lo desta maneira com os senhores, vamos dialogar. Mas se atuamos cada um por sua conta, não conseguiremos nada.

321. Dizia também outro Presidente sul—americano há uns meses atrás: que a Argentina cumpriu a receita⁹⁰ neoliberal ao pé da letra. Foi o país que melhor a cumpriu e aí está. E na hora da crise o Fundo Monetário a deixou só porque aparentemente não tem a importância geopolítica que têm outros lugares do mundo.

322. Ah! Mas se o tratamento do problema argentino o assumíssemos entre todos, se fizéssemos uma convenção assim como em uma guerra: se agredem um estão agredindo—nos a todos, que é o que expunha Bolívar quando se referia a um só exército. E a Santa Aliança retornar e atacar o Equador, é uma guerra contra todos nós, não contra o Equador apenas. Se isso fosse aplicado nas Malvinas, por exemplo, os ingleses não haveriam recuperado essas ilhas argentinas.

323. Agora, eis aí elementos como para discutir, mas bem a fundo e pensar em um modelo de integração que ataque junto os problemas como a dívida. Enquanto isto não for conseguido a gente tem que navegar nestas águas, porque sozinho é bastante difícil. Não é que a gente no se atreva. Trata—se da viabilidade de decisões política que podem afetar muito mais uma situação do que continuar pagando a dívida, como até agora temos feito.

3. PLANO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO 2001—2007

—Entendo que conseguiram elaborar um plano de desenvolvimento econômico para seis anos...

324. De fato, nós contamos com um Plano de Desenvolvimento Econômico 2001—2007 elaborado pelo governo nacional para dar as diretrizes estratégicas do desenvolvimento econômico do país. Este plano foi trabalhado por uma equipe dirigida por Giordani e foi consultado com muita gente, entre outros com os governadores. Logo ao ser aprovado no Conselho de Ministros o enviamos à Assembléia Nacional como manda a Constituição e ali, depois de vários meses de debate com todas as frações políticas, aprovaram—no.

—Como se compatibiliza este plano nacional com o processo de descentralização?

325. Produz—se uma contradição para a qual é preciso encontrar solução e a única possível está estabelecida na nossa Constituição, ou pelo menos uma das soluções é o planejamento democrático, participativo, de discussão plena.

326. Acusaram—nos de ser inimigos da centralização, mas realmente não o somos, agora sim somos da descentralização desintegradora. Um dos 5 eixos estratégicos do projeto nacional de desenvolvimento é precisamente a descentralização desconcentrada. Quer dizer, nós

⁹⁰ Tarefa

acrescentamos o termo “desconcentrada” ao conceito de descentralização dentro do modelo federal.

—*Por que “descentralizada?”*

327. Porque estabelecemos como elemento central dessa descentralização a descentralização do poder e por esse poder entenda—se poder político, poder econômico, poder social.

328. Levando em conta que o que se gerou com a descentralização vamos chama—la de neoliberal ou de velho cunho, foi a criação de centros de poder nos estados. Os governadores se transformaram em verdadeiros caudilhos locais, em donos quase absolutos dos poderes regionais e, ao mesmo tempo em que se apoderavam de todo o poder, negavam a participação nesse nível às comunidades. Eles entendiam e alguns continuam entendendo a descentralização mas até o seu nível, de seu nível para baixo, em relação às comunidades, não descentralizam nada.

329. A descentralização neoliberal parece acreditar que, assim como estima que uma mão invisível como a do mercado no terreno econômico, vai solucionar de maneira mágica as desigualdades, as diferenças e vai regular automaticamente a distribuição das riquezas. A mesma coisa aconteceria com a descentralização: uma mão invisível se encarregaria de compensar as diferenças regionais e de regular automaticamente tudo aquilo. Isso jamais será assim.

— *Entendo que existem experiências em nível mundial nas quais se pensou ter um fundo, chamemo—lo de solidário, para que uma determinada quantidade de recursos dos governos estaduais e municipais das regiões mais ricas possam se voltar para as mais pobres...*

330. — Bom, nossa Constituição prevê um fundo nesse sentido. A idéia é que o Conselho Federal de Governo conte com um fundo interterritorial para a descentralização cujo objetivo é desempenhar um pouco esse papel que tu apontavas, uma espécie de regulador de voltagem das diferenças, um homogeneizador, que permita ajudar da melhor maneira possível as regiões mais deprimidas.

331. Os fundos que herdamos: o FIDES⁹¹, a LAES⁹², favorecem sempre as regiões que têm um maior nível de desenvolvimento, não as mais deprimidas.

332. Mas nisto fomos muito lentos. Já deveríamos Ter uma lei nova do Conselho Federal de Governo — que deve ser presidido pelo Vice—presidente — que considere um fundo compensatório que permita destinar uma porcentagem de fundos comuns para ajudar as regiões mais deprimidas, de forma tal que o país vá se equilibrando um pouco melhor. Com os atuais mecanismos ao governo nacional não lhe resta mais do que tratar de dirigir um maior esforço em relação às zonas mais deprimidas através dos recursos dos entes descentralizados, dos

⁹¹. Fundo Intergovernamental para a Descentralização.

⁹². Lei de Concessões Econômicas Especiais do produto da receita petroleira para as regiões.

Ministérios. Oferecer uma contribuição especial a Estados como Denta Amacuro, Apure, Trujillo, Sucre, onde a pobreza é muito mais alta do que nos resto do país.

333. Temos então um plano econômico nacional e por isso eu insistia na última reunião de governadores e prefeitos nesta opinião e tenho que continuar insistindo: não pode existir um plano isolado para um território que não contemple a concepção nacional de desenvolvimento.

334. Eu insistia ontem que nós somos um só governo com vários níveis de governo. O governo do país deve ser só um, deve haver um sistema de governo e o que nos une entre outras coisas – além do que a alguns nos une a ideologia, a amizade, mas isso não é o mais importante, portanto um plano para todo o país.

335. Há muitos governadores e prefeitos, mesmo dos nossos, que se deixaram levar por uma inércia, pela problemática conjuntural e às vezes perdem o sentido estratégico ou não o captaram.

4. O CAPITALISMO É HUMANIZÁVEL?

— *Passando para outro tema, tu disseste que o processo revolucionário bolivariano pretende ser uma proposta alternativa ao neoliberalismo. Trata—se, segundo disseste, de um “projeto revolucionário antineoliberal”, de um modelo econômico “humanista, autogestionário, endógeno fundamentalmente, mas que não se feche ao mundo, que satisfaça as necessidades básicas da população⁹³”, no qual o desenvolvimento humano seja mais importante do que o desenvolvimento econômico mesmo⁹⁴. Quer isso dizer que tu consideras que o sistema capitalista é reformável, humanizável?*

336. — Eu acho que visto como capitalismo, como sistema econômico isolado ou descontextualizado de outros componentes como o social, o ideológico e político, o capitalismo puro, não é pois humanizável.

337. Quando conversava aqui com Meszarós, o economista marxista húngaro, e lhe dizia: “Bem, critica—nos”, ele me respondeu: “Não, eu não tenho nada que critica—los, os senhores estão em uma etapa de transição e acho que não e o problema unicamente da Venezuela. É impossível que um país por si só vá pretender se desprender com um modelo alternativo e chegar até onde chegou, aconteceria o que aconteceu com Napoleão quando quis invadir a Rússia e ficaram as unidades no caminho.

⁹³. Heinz Dieterich, *Hugo Chávez...*, Op.cit. p.47

⁹⁴. Hugo Chávez, *Intervenção sobre o Plano Extraordinário de Investimentos*, 15 set 2000, p.4.

338. Então isto é algo dentro da concepção que tu expões. Não é que nós estejamos defendendo a política como a arte do possível, não, mas a arte de tornar possível amanhã o que hoje parece impossível. Para a Venezuela é possível transcender neste momento o modelo capitalista plantado até os tutanos, não só na Venezuela mas no mundo e, sobretudo, no contorno latino—americano no qual estamos e com países com os quais temos relações de dependência e de interdependência, em alguns casos muito forte: Colômbia, Brasil, o Caribe, Estados Unidos?

339. Mas tu me perguntavas se o capitalismo é humanizável. Respondo—te: acho que o capitalismo não é humanizável visto nos marcos do mais puro substrato capitalista – um capitalismo selvagem como o qualifica João Paulo II – não é humanizável.

340. Mas no caso venezuelano, com um governo como este, com uma Constituição como esta, com um povo que despertou como o nosso, com uma correlação de forças como a que temos, sim é humanizável. Acho que nestes três anos lhe demos mais do que algum toque. Nós estamos nos marcos de um sistema capitalista, não o transformamos, seria mentira dizer isso, mas Marta, nós diminuimos a desnutrição infantil em 10%, diminuimos a mortalidade infantil, entre outras coisas vacinamos todas as crianças contra a hepatite B, vacina que vem de Cuba. Destinamos um orçamento muito maior para a educação – passamos de menos de 3% para mais de 6% —, o acesso à água potável aumentou muito. Então esses são toques de humanização dentro do modelo capitalista. Claro, como uma etapa transitória.

—Acho que os desafios que estabelece o mundo globalizado aos processos revolucionários são enormes e que até agora nenhum movimento revolucionário pode dizer que tem já elaborada a alternativa para a atual sociedade, por isso não me estranha que exponhas que no terreno econômico é necessário inventar e costumas lembrar que Simón Rodríguez dizia: “Ou inventamos ou erramos”.

341. – Marta, seria uma audácia minha ter uma definição própria quando vejo reconhecidos intelectuais como Meszarós e outros que estão estudando o tema. De nossa parte, nós estamos tratando de orientar muito modestamente algumas luzes para onde pudéssemos ir: uma economia alternativa ao capitalismo desumanizado.

CAPÍTULO QUINTO: UMA POLÍTICA INTERNACIONAL INDEPENDENTE E SOBERANA

1. POLÍTICA INTERNACIONAL

— Consciente dos perigos que significa uma excessiva dependência venezuelana dos Estados Unidos para um processo revolucionário que entra em contradição com as políticas neoliberais que esse país pretende impor a todo o continente, e com a visão de caminhar para um mundo multipolar, tu vens criando e aprofundando relações com outros países grandes do mundo. Vários deles estão dando apoio econômico e político, como é o caso da China e da Rússia. Também tens boas relações com o Canadá, Brasil, México. Pode—se dizer que levaste adiante uma verdadeira

*ofensiva no campo internacional. Impulsionaste processos de integração sul—americanos e caribenhos, privilegiaste a relação com os sócios da Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP), jogando um papel crucial em seu renascimento e, mais recentemente, em haver propiciado uma banda de preços para o petróleo que flutue entre 22 e 28 dólares, idéia que foi acolhida favoravelmente por quase todos os países desenvolvidos. Estreitaste, ao mesmo tempo, os vínculos com Cuba e com os fóruns de nações em vias de desenvolvimento, como o **Grupo dos 15** de cooperação Sul—Sul e o **Grupo dos 77**, que reúne mais de 120 nações em vias de desenvolvimento, havendo sido eleito presidente em ambas as entidades. Estabeleceste também um compromisso de fornecer a 11 países centro—americanos e caribenhos um tratamento preferencial na venda de petróleo, como um gesto de cooperação. E em um convênio assinado com Cuba te comprometeste a fornecer à ilha até 53 mil barris diários de petróleo em condições especiais de pagamento e a colaborar na recuperação da refinaria de Cienfuegos. Por sua vez, Cuba se comprometeu a oferecer à Venezuela uma série de serviços: médicos, venda de medicamentos genéricos, assistência técnica nos setores agrícola, turístico e esportes. Por outro lado, no Cone Sul, procuraste uma aliança com o Brasil para se opor à ALCA e ingressar como membro no Mercosul. Tudo isto reflete que tu, seguindo Bolívar, entendes perfeitamente que não haverá futuro para os nossos países se não se realiza algum processo de integração. Por isso é que diante da ALCA estás propondo outro tipo de integração, a ALBA (Aliança Bolivariana das Américas). Em que consistiria este processo de integração? Avançou—se em seu formato concreto? Que países o apoiariam?*

342. – Trata—se de retomar a idéia originária de Bolívar – que não foi só de Bolívar, foi de outros também —, quem expôs no Congresso do Panamá, a idéia de conformar uma Liga de Nações: uma União de Repúblicas.

343. Na Carta de Jamaica em 1815, o Libertador estava dizendo que haveria que formar deste novo mundo uma só grande nação, forte. Mas foi no Congresso do Panamá onde ele concretiza aquela idéia com uma ação política, depois de haver libertado após 14 anos de guerra cinco países. E propõe uma Liga de Nações, uma Liga de Repúblicas e um só Exército. Inclusive, chegou a estabelecer a quantidade de tropas que cada república deveria aportar em função de seu tamanho. À Nova Granada, Colômbia naquele tempo, ele destinava uma quantidade importante, ao México outra, mas à América Central menos: havia uma idéia do respeito às diferenças das repúblicas que já estavam nascendo. Mas a idéia era ter um só exército, uma só marinha, um só modelo econômico.

344. Ele falava da idéia de formar um só corpo político para negociar em condições de igualdade, em paz e em guerra, com as outras três partes do mundo. Bolívar visualizava então o mundo como um mundo pluripolar. E pensava, e fez tudo o que pode para que na sul da América, incluindo o Caribe, claro a América Central, se consumasse um pólo de força.

345. Voltar a essa idéia é o que nós estabelecemos. Por isso a ALBA. Haveria que retomar esses documentos, haveria que revisa—los de novo. Bolívar se chocou muito com os Estados Unidos. Teve conflitos duros. Em uma ocasião deteve duas fragatas, dois barcos norte—americanos aqui

no Orinoco, que vinham trazer armas para os espanhóis. E ele dizia: Que irmãos são estes, que até a Europa nos reconhece a independência e eles não reconheceram ainda?

346. E em uma ocasião, seguramente resultado desses enfrentamentos, ele escreve em uma de suas cartas um pensamento profético: “Os Estados Unidos da América do Norte parecem destinados pela providência para desgraçar a América de misérias em nome da liberdade”. Isso foi em 1824—25. Imagina que senso tinha do que vinha! Quem sabe quantas outras cartas escreveu sobre esta idéia e que ainda não são conhecidas. Muitas cartas de Bolívar se perderam, foram queimadas, outras afundaram no mar no naufrágio de um historiador que as carregava.

347. Ele não apenas tinha razões para ter dúvidas sobre o comportamento futuro daquela grande nação que já estava se consolidando, mas também tinha apreensões sobre a Europa, a Santa Aliança que ameaçava voltar a retomar as colônias sul—americanas. Para fazer frente a qualquer ameaça externa havia que conformar esse corpo político.

348. Para fazer algo novo haveria que começar por reconhecer o fracasso dos modelos de integração do século XX montados quase todos nos marcos do capitalismo neoliberal, da integração pelo alto, de elites e recolocar o tema. Por isso nós propomos a ALBA.

349. Tu me perguntas se se desenvolveu com mais profundidade esta idéia. Não, acho que essa é uma responsabilidade que temos nós como país e proponentes da idéia, de leva—la adiante através dos contatos com todos esses grupos e correntes alternativas que há no continente e em outras partes do mundo: o Fórum Social Mundial, por exemplo, os movimentos alternativos em cada país. Devemos procurar a maneira de ir trabalhando o tema da integração.

2. ELEMENTOS ESTRATÉGICOS DA INTEGRAÇÃO

350. Eu levanto alguns elementos estratégicos.

351. Uma das primeiras coisas que expus é a de colocar a cavalaria à frente. O que quero dizer com isso? Tu sabes que na guerra a cavalaria vai à frente. Quem viu a cavalaria na retaguarda? É a artilharia que vai sempre na retaguarda: os grandes canhões pesados que disparam a longas distâncias. Eu comparo a artilharia com a economia e a cavalaria com a política. Então, resultado do modelo neoliberal, nós temos invertida a equação: os cavalos estão atrás e os grandes canhões ou pequenos, adiante. É preciso inverter. É preciso retomar a política. Requer—se de decisões de Estado, de estadistas, de políticos com visão macro.

352. Estou convencido da necessidade de avançar em uma integração real, que não seja mera poesia nem meras palavras. Uma integração econômica que não seja essa de “eu te vendo tal coisa tu me compras tal coisa”, das tarifas, das zonas de livre comércio. Isso a quem favorece? Favorece principalmente as transnacionais, as elites de cada país que comercializariam um pouco mais, um pouco menos. Mas o que ocorre com os povos, com as cadeias produtivas reais?

353. Olha, poderíamos chegar a acordos interessantes com a Colômbia. Por exemplo: a Venezuela produz alumínio e bom alumínio aí na Guiana e nós exportamos bastante alumínio como matéria prima para a Europa, Estados Unidos. Por sua vez, a Colômbia desenvolveu de uma maneira mais ou menos importante, muito mais do que nós, o que é o processamento águas abaixo do alumínio, mas este país lhe compra alumínio da Europa ou de outros países. Que bom seria que a Venezuela e a Colômbia formassem uma cadeia produtiva para que entre ambos pudéssemos produzir tudo o que possamos de alumínio e seus derivados para vendê-lo ao mundo! Esse é um exemplo de uma integração diferente.

354. Outra idéia que tenho é a de formar uma empresa petroleira dos países da América do Sul. E porque não pensar também no México? A Petroamérica. A Venezuela, país petroleiro dos maiores do mundo, a Colômbia, produtor de uns 700 mil barris diários, apesar de a situação interna impedir explorar e extrair o petróleo em algumas zonas onde há muita violência. O Equador também tem petróleo, mas sobretudo gás, e o Peru da mesma forma. A Bolívia tem principalmente gás. Os cinco países libertador por Bolívar são países energéticos: têm gás, petróleo. E acrescentemos a isso o Brasil, que não é um país petroleiro mas tem petróleo, tem gás e tem uma produção importante, embora seja para seu consumo interno. O México também produz e está lá encima. Trinidad e Tobago, que está muito próximo de nós é grande produtor de gás líquido. Por que não se pode formar uma Petroamérica, uma espécie de OPEP aqui? Mas aí vem a questão da cavalaria: onde estão os cavalos? Quem toma a decisão?

355. Levantou—se a idéia e até agora não houve resposta, salvo do Brasil. Com este país estamos elaborando papéis e reuniões, mas não houve mais resposta de nenhum outro país do continente.

356. Aí tens os projetos de polpa para o papel. A Venezuela a importa e a Colômbia também. Mas nós temos aqui 660 hectares de pinheiro Caribe para produzir toda a polpa que necessitamos os dois países. É preciso tratar de instalar uma fábrica para produzi-la e elaborar o papel.

357. Temos rios, esses rios que nos inundam, uma força da natureza. Mas também aí falta o trabalho do controle das águas, que até agora não se fez: canais e tantas coisas. Então, que grande riqueza temos. Por exemplo, o rio Meta, que passa pelos dois países, que não é tão grande como o Orinoco, mas cai nele o Orinoco. Em ambos os lados desse rio há uma gigantesca savana com potencial pecuário enorme.

358. Que grandes projetos poderíamos fazer em comum! Mas é preciso então começar a definir o modelo de integração.

359. Nós propusemos várias vezes na Comunidade Andina fazer uma reunião de presidentes, mas somente política. Esta idéia foi aprovada em Cartagena, em 1999, mas a reunião foi sabotada. Imagino que a alguém não interessa que os presidentes da América do Sul falemos de integração política. Eu propus que não falássemos de coisas técnicas nem de documentos, de chanceleres, nem de livre comércio, mas de política. Não se fez. Esse primeiro ano não se fez porque na verdade faltou coordenação. Não vou dizer que foi sabotagem, mas no segundo ano, sim,

sabotaram a reunião. Voltamos a insistir em Lima sobre o ponto acordado que não se havia cumprido e propus data, porque havíamos ficado em propor uma data e nunca houve um acordo. Propus para 9—10 de dezembro, data em honra ao Marechal Sucre e à Batalha de Ayacucho, em Cumaná, o berço de Sucre na Venezuela.

360. Logo após a aprovação da idéia começamos a trabalhar esse documento sobre o futuro político da integração para a Cúpula. E o que aconteceu? Estávamos há poucos meses da reunião e haviam sido feitas reuniões de chanceleres, vice—chanceleres, mas começam a acontecer coisas estranhas na América do Sul em torno de Chávez. Primeiro fui à Bolívia para uma visita oficial de dois dias e houve uma manifestação popular de apoio, Marta, coisa que a mim me surpreendeu muitíssimo. Foi a primeira manifestação assim, muito forte, de apoio popular que eu senti em outro país. Isso foi no ano 2000. Passamos dois dias ali. Houve uma certa incomodidade no governo por todas estas coisas, não manifestadas diretamente. Eu parti da Bolívia e íamos para Brasília, claro, para uma reunião sul—americana. O certo é que aos poucos dias começam a circular versões de que eu me reunia na Bolívia em segredo com uns dirigentes indígenas, com um senhor Quispe, e que eu estava financiando a tomada de estradas nas zonas cocaleiras. Poucas semanas depois houve vários mortos e teve que se decretar o estado de sitio, bem, o culpado era Chávez porque veio aqui, incendiou isto, reuniu—se com Quispe, mandou—lhe dinheiro, não sei se armas...Um pouco o que ocorreu aqui com o Caracaço: 20 dias antes havia estado Fidel Castro na chamada coroação de Carlos Andrés Pérez, e tu sabes o que nos diziam a nós, militares, que a culpa da explosão do Caracaço era de Fidel Castro, porque havia vindo e havia deixado duzentos cubanos nos morros de Caracas que eram os que haviam alentado tudo isso.

361. Bom, então na Bolívia, resultado disto, Bánzer – que descansa em paz – disse que não vinha porque Chávez andava estimulando essa ações. No caso do Equador, às poucas semanas começou a circular a versão de que Chávez estava apoiando Lucio Gutiérrez e outros militares com dinheiro e armas para um golpe contra Novoa, que Chávez andava buscando a internacionalização desses movimentos militares. Novoa me disse que não vinha. No Peru estava o senhor Paniagua como Presidente, ele supostamente não podia sair do Peru, mas em seu lugar sempre mandava Pérez de Cuéllar. Disseram que tampouco vinham porque segundo as notícias que eles tinham aqui estava escondido Vladimiro Montesinos. Montaram todo um caso. Pastrana havia dito que vinha sim apesar das versões que circulavam do apoio nosso à guerrilha, mas que vinha se os outros vinham. Assim é que tivemos que suspender a reunião.

362. Esse mesmo ano foi aqui a Cúpula da OPEP. E eu lembro que no Panteão Nacional, em 17 de dezembro do ano 2000, estavam os embaixadores dos nossos países. Aí quase nunca se diz uma palavra, mas depois de colocar a coroa, decidi dizer umas breves palavras, apenas disse: “Este ano, pai libertador, perante as tuas cinzas dizemos: esta América tua tão dividida, foi mais fácil reunir este ano em Caracas os chefes de Estado da OPEP que cruzaram mares, desertos e caminhos, do que os presidentes dos países libertados por ti”. Aí a deixei e nada mais.

363. E bem, transformei—me em um chato porque as tenho cantado em todas essas cúpulas que estivemos fazendo, reclamando que se cumpra o que se promete e vou continuar fazendo: é importante que nós assumamos a discussão política da integração.

364. Tu me perguntas que países apoiariam esta iniciativa. Neste momento acho que nenhum país da América do Sul. Só Fidel me disse que contasse com Cuba.

365. Alguns chefes de Estado, principalmente os do Caribe Oriental, que estavam na reunião, manifestaram agrado. Mas, repito, faltou—nos proponentes da idéia, desenvolve—la mais. Haverá que trabalhar muito duro nisso, porque me parece que é uma alternativa.

366. Eu estou seguro de que a ALCA não é o caminho, não é o caminho. Então haveria que definir qual é esse outro caminho. Acho que Bolívar nos pode ajudar muito nisso.

—Que pensas da possibilidade de se fazer um plebiscito contra a ALCA ou uma consulta popular, mais do que uma coisa demasiado legal, isso que fizeram lá no Brasil com a dívida externa, porque no fundo do que se trata é de elevar o nível de consciência política da população?

367. — Eu acho que isso deveria concluir em algo formal, legal, constitucional. Nós temos a vantagem de que a Constituição Bolivariana prevê que, diante de qualquer tema ou acontecimento transcendental para o país, o Presidente é quem poderá convocar o referendo consultivo, ou seja, tem mais peso. Mas, estou sim de acordo contigo, em que antes desse referendo constitucional é imprescindível todo esse debate, todos esses movimentos, consultas, consultas, fóruns, oficinas, etc.

—E que as pessoas do povo relacionem o tema da ALCA com sua vida cotidiana, ou seja, fazer um trabalho de educação popular, casa por casa. Uma das coisas que eu gosto das consultas é que te permite dar tarefa a muita gente e especialmente a muitos jovens que na América Latina — não te digo que seja este o caso da Venezuela —, querem fazer algo e não têm espaço, que não querem militância política, não querem se meter em um partido, mas que estão dispostos a realizar tarefas concretas nas quais se sintam úteis. Imagina estudantes indo aos setores populares para explicar—lhes as conseqüências da ALCA, o choque deste tratado com o projeto bolivariano da ALBA e com o que vocês estão tentando fazer a partir deste país. Poderia se transformar ao mesmo tempo em uma campanha de solidariedade à Venezuela.

368. É uma excelente idéia, estávamos debatendo há uns dias contigo o tema dos partidos e essa seria uma tarefa importantíssima para ser assumida por muitos setores sociais e pelos partidos políticos que apoiam este processo. Haveria que levantar isso como uma bandeira. Até agora não se fez. Teríamos que trabalhar muito mais a idéia da ALBA a partir das idéias que vim adiantando em discursos e conversações com alguns dirigentes políticos.

369. Levantei — como te dizia —, a idéia de criar a Petroamérica, com isto das economias complementares, com a integração das universidades, a integração cultural, o tratamento do desenvolvimento de zonas fronteiriças comuns. Há uma série de elementos, inclusive há algumas idéias do modelo de integração existente que estão em marcha com as pernas quebradas — para

dize—lo assim —, e que poderiam ser úteis: trabalhos técnicos da CEPAL⁹⁵, da ALADI⁹⁶, do SELA⁹⁷. Há instituições que têm trabalhos elaborados de integração que poderiam muito bem contribuir. Quase todas foram satanizadas pelo neoliberalismo.

370. Os presidentes sul—americanos deveríamos dar um mandato ao SELA, à ALADI, à CEPAL, para que nos apresentem aos presidentes – aos dirigentes políticos, não aos técnicos – em um tempo prudente, um plano de longo prazo de integração real, concreta. Poderia—se fazer uma comissão. Temos os técnicos para elaborar propostas de integração. O tempo, quando se quer se acha, a vontade política é a que falta para fazer largar a cavalaria. Eu espero que na medida em que vão mudando as situações políticas em alguns países deste continente estas propostas tenham mais apoio nesse nível de presidentes. Enquanto isso, haverá que trabalhar muito mais em nível dos grupos sociais, dos partidos políticos, para que isso vá tomando colar a partir de baixo e tenha força própria.

— *Não iam se integrar vocês ao Mercosul?*

371. – Marta, não havia passado nem oito dias da minha eleição, eu estava em Brasília e disse ali: “A Venezuela quer se integrar ao Mercosul”. O Presidente Cardoso deu de imediato instruções a sua equipe para que ajudasse a Venezuela. Mas isso gerou reações opostas na Comunidade Andina de Nações de que a Venezuela quer romper a unidade da CAN para se incorporar ao Mercosul. Nós esclarecemos em uma viagem que fiz a Bogotá meses depois que o que propúnhamos era que a Venezuela se incorporasse ao Mercosul como uma via para acelerar a união de ambos os blocos. Depois de muitas reuniões acordamos que íamos apoiar a aliança dos dois blocos, mas sempre dissemos que se essa aliança não avança com o ritmo que necessitamos, sobretudo quando temos o tema da ALCA aí na curva da esquina, a Venezuela continuará insistindo em sua incorporação ao Mercosul.

3. SOBRE O TERRORISMO

— *Sabemos tua posição em relação aos acontecimentos de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos e à campanha antiterrorista lançada pelo governo norte—americano. Gostaríamos, no entanto, que te estendesse sobre este tema tão importante para o movimento revolucionário mundial. Que entendes por atividades terroristas? Não achas que é terrorismo de Estado a guerra desencadeada pelos Estados Unidos contra o povo do Afeganistão e a atual agressão de Israel ao povo palestino?*

372. — Olha, a posição nossa se aproxima muito à que a China manifestou em seu momento, e de alguma maneira também a Rússia. A França também manifestou algumas opiniões parecidas com

⁹⁵. Comissão Econômica para a América Latina.

⁹⁶. Associação Latino—americana de Integração.

⁹⁷. Sistema Econômico Latino—americano

as nossas. Naturalmente que nós não nos opomos a uma luta contra o terrorismo. Quem pode se opor? Mas primeiro dizemos – o que eu disse aquela vez e que gerou em Washington uma reação dura – que não se pode lutar contra o terrorismo com mais terrorismo. E isso não o disse só eu. Já o havia dito Javier Pérez de Cuéllar. Kofi Anan, o Papa, e Fidel emitiu um comunicado muito preciso nesses dias.

373. Nós estamos dispostos a lutar contra o terrorismo interno, externo, onde quer que se localize, mas dissemos: “respeitando a autodeterminação dos povos, a soberania dos Estados, o direito internacional público, as convenções das Nações Unidas, os direitos humanos dos povos”. Essa é nossa posição e eu acho que é uma posição com grande fortaleza ética, política e jurídica. Que alguns não goste, bom, não gostará, mas é nossa posição e, naturalmente que a mantemos e a conservaremos sempre.

374. Lamentavelmente se quis pintar este tema em preto e branco, tratando—o com um maniqueísmo total. Eu lembro que, naquele giro que fiz pela Europa no ano passado, esse foi o tema que saía em todos os lados, porque estava recente o 11 de setembro. Conversando com Tony Blair, apesar de que conhecemos a posição da Grã Bretanha nesse sentido, ele manifestou que haveria que fazer uma espécie de aliança mundial para lutar contra as causas do terrorismo, não apenas contra seus efeitos e eu aplaudi essa idéia. E propus que o Grupo dos 77 e o Grupo dos 8 nos reuníssemos para analisar a fundo o problema. Mas isso não foi possível.

375. Agora, em relação a perseguir os terroristas, bem, sim, vamos persegui—los. A nós nos pediram colaboração e modestamente temos feito o que pudemos: colocamos nossas polícias para investigar, fazer acompanhamento de pessoas, de contas bancárias ou informações que pudessem ajudar na luta contra o terrorismo. Tudo isso o fazemos e continuaremos fazendo. Mas, repito, nos marcos do respeito a essas leis internacionais, direitos humanos...

— *Que dizes a respeito da tendência a associar o terrorismo com guerrilha?*

376. – Olha, eu acho que pode haver movimentos guerrilheiros ou subversivos que se aproximem de um movimento terrorista. Eu acredito sim que um movimento subversivo que coloque uma bomba no centro de uma cidade e aquela bomba causa danos a gente inocente, crianças inclusive, estudantes, um policial que está aí parado na esquina, realiza um ato terrorista. Se eu fosse guerrilheiro não estaria de acordo com essa coisa, evitaria causar dano à população civil: explodir torres elétricas para deixar sem energia elétrica um povoado: imagina tu quantos problemas sociais, econômicos pode causar isso a um povo. Eu acho que esses são atos terroristas.

— *Mas em uma guerra não se justificam? Ou seja, qual é a diferença entre a guerra de guerrilha e uma guerra regular? Porque a guerra...*

377. Na guerra regular se fazem coisas como essas e mais: bombardeiam cidades, deixou—se cair bombas atômicas sobre uma cidade, por exemplo, no quadro de uma guerra regular. Mas deixemos a guerra regular e vamos à guerra irregular. Acho que te comentava há dias atrás, lembrando velhas leituras de quando eu era muito jovem, que a guerra irregular deve procurar ganhar a motivação popular e rete—la. Eu não acho que um movimento guerrilheiro, para ganhar

a motivação popular tenha que estar explodindo torres, colocando bombas, fazendo ações que muito mais causam dano à população. Eu acho que isso gera danos ao movimento que o faz. Claro, isto foi assim desde que a história é história, mas mesmo quando haja sido assim, eu, inclusive como soldado, sempre acreditei que é uma degeneração. Se eu fosse guerrilheiro seria incapaz de colocar uma bomba em uma esquina. Como vou saber quem vem no momento em que essa bomba explode? E se vêm quatro crianças da escola cantando felizes. Quem me dá o direito de colocar uma bomba ali sem saber a quem vou atingir. E se é gente inocente?

378. Olha, por esse enorme respeito que para mim merece a vida humana, entreguei—me nas duas ocasiões: em 4 de fevereiro de 1992, aqui no Museu Histórico, diante do risco de que a população civil desarmada sofresse os efeitos de um enfrentamento aqui em Caracas. Essa foi uma das razões principais que me levou a entregar as armas nesse momento. Podia ver aqueles favelas que rodeiam o museu militar e sabia que estavam preparando um bombardeio com um ataque por terra, para nos cercar e bem, imaginei todas aquelas casas que estavam mesmo ali. Eu apontava e via crianças olhando pela janela...Eu via essa gente e dizia: “Eles não tem culpa disso, nem sabem o que está acontecendo”. E depois, passados dez anos, dava—se novamente em Caracas uma situação muito diferente, mas que também pode produzir enfrentamentos e mortes.

—Olha, a propósito do que falas de te entregar, tenho uma mensagem de uma mulher que soube que eu vinha te entrevistar e me disse: “Diga—lhe a Chávez, por favor, que as mulheres deste país pedimos que não renuncie mais, porque nós sabemos que ele tem um coração tão grande que não quer mortes. Se ele renuncia vai haver muitas mortes. Por favor, diga—lhe que não renuncie, que esse é o medo de muitas mães”. Repare que dizia que estavam dispostas a morrer e a que morram seus filhos, de tal maneira que este processo siga em frente.

379. — Marta, essa é uma mensagem bem profunda para mim. Eu sei que muita gente pensa isso e te digo para que o escrevas. “Eu me rendi em 4 de fevereiro de 1992 como às dez da manhã, mas se ocorre uma terceira vez eu não estou seguro de que me renda, apesar do que possa ocorrer. Isso para que tu o digas a essa preocupada mãe, ou as mães e jovens e a muita gente que me escreve recadinhos: “Chávez, Chávez, não saias outras vez, não nos faz isso de novo”.

380. Mas, voltando ao tema do terrorismo e da guerrilha, quero te esclarecer que no caso da Colômbia nós não caímos nisso de acusar a guerrilha colombiana de terrorista. Agora se a guerrilha colombiana coloca bombas ou tal coisa..., bem, sim, é um ato que eu considero que é uma degeneração da guerra. Mas nem sequer isso nos pode levar a estar classificando tal ou qual movimento como terrorista, porque achamos que não nos corresponde fazer—lo. Agora, achamos que o que ocorre na Colômbia tem raízes políticas. É preciso encontrar soluções políticas, é preciso encontrar soluções de diálogo, de negociação para a paz. Se nós acusássemos a guerrilha colombiana como terrorista, estaríamos fechando o caminho para uma possível participação nossa como mediadores — que é o que aspiramos, se assim decidirem as partes enfrentadas — nesse momento de busca de um diálogo, da paz. O que pediríamos, sim, não só à guerrilha, a todos os fatores envolvidos neste caso da Colômbia, é que não utilizem ações que causam dano à população civil.

381. Esse é nossa posição a respeito do terrorismo, além disso insisto na concepção de lutar contra as causas.

382. O mundo como vai – tenho dito – não é viável. Se se ampliar a diferença entre ricos e pobres, entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, se cada dia há mais miséria, mais fome, mais morte, bem, esse é outro tipo de terrorismo. Há terrorismo de diverso tipo: a fome é um deles. E contra esse terrorismo é preciso lutar e eu acho que com mais razão do que contra os outros terrorismo violentos.

383. Que bom seria que o mundo se desse conta disto cada dia mais e houvesse maior vontade para cooperar para o desenvolvimento humano, como pede as Nações Unidas, a FAO! O Secretário Geral da FAO dizia em Roma que a ajuda do mundo desenvolvido à agricultura e à produção de alimentos no mundo pobre, em vez de se intensificar havia diminuído. Os programas de desenvolvimento ou de combate contra doenças terríveis como a AIDS, contra a desnutrição, tudo isso diminuiu muito mais com o neoliberalismo.

384. Então, se continuamos nessa direção e cada dia a cifra de pobres cresce mais na América Latina, no Caribe, África, Ásia, para onde vai o mundo? O mundo vai para um desastre, um colapso terrorista.

— Não achas que – como diz Samir Amin, economista egípcio e presidente do Fórum Mundial de Alternativas – em lugar de propiciar uma frente unida contra o terrorismo, como o fazem os Estados Unidos, haveria que propiciar uma frente mundial contra a guerra e a injustiça social que poderia reunir militantes do Sul e do Norte com objetivos precisos: tentar impedir as guerras em preparação e desmascarar as campanhas que pretendem satanizar ao qualificar de terroristas tanto os movimentos de libertação nacional e de combate contra a exploração e a miséria no Terceiro Mundo, como os movimentos antiglobalização nos países do Norte?

385. – Eu estaria muito de acordo com esta proposta. Nós expusemos em várias cúpulas internacionais a idéia da criação de um Fundo Humanitário Internacional, reduzindo o gasto militar. Disso se falou há muito tempo, mas onde está a vontade política para leva—lo à prática?

386. Eu preferiria, por exemplo, que desses quase US\$ 5 bilhões que este ano a Venezuela vai pagar – já pagamos a metade – pudéssemos investir a metade não só para o nosso povo, mas também para os povos mais pobres do nosso entorno geopolítico. Imagino um programa especial que não seria conduzido pela Venezuela, um fundo humanitário para a produção de alimentos para as crianças desnutridas, para os países mais pobres, o Haiti por exemplo, os países do Caribe, da América Central, da América do Sul, programas especiais de vacinação contra as doenças.. Falo—te só do caso da Venezuela, mas se uma porcentagem da dívida do Brasil, do México, da Argentina e dos países que estamos endividados, pudesse se orientar neste sentido, eu não acho que isso vá desbancar a economia mundial: todo o contrário. Acho que povos com maiores níveis de desenvolvimento terão maior capacidade para se incorporar aos processos econômicos e dar consistência a essa economia produtiva.

387. No ano passado propusemos no Canadá, na Cúpula das Américas⁹⁸, diante de todos os presidentes do continente, a exceção de Fidel, que como tu sabes não participou porque foi excluído “democraticamente” que, reconhecendo a gravidade da situação social do continente, decretássemos ali no Canadá, em Quebec, uma emergência social no Continente. Pedi que isto se fizesse ali mesmo. Descartei a idéia de nomear uma comissão para que dentro de um ano nos apresente um informe. Eu acho que não é preciso fazer nenhum estudo nem diagnóstico. É uma realidade que está à vista: a fome, o desemprego, a miséria e tudo isso desequilibra as democracia, é um desequilíbrio político, econômico, social, uma espécie de terrorismo também. Ninguém respondeu, mas nem sequer para me contradizer. Porque como seria bom que alguém parasse e dissesse: “Não estou de acordo com isso”. “Ah, muito bem, diz—me por quê, o que propões então? Mas não...

388. O modelo neoliberal causou muito dano. Acredita—se que a abertura dos mercados, que os investimentos internacionais são a solução. Às vezes a gente se indigna quando ouve alguns chefes de Estado europeus que a ajuda da América Latina tinha que depender de que fôssemos nós primeiro capazes de acabar com a corrupção. Como se eles não tivessem corrupção lá. E que devíamos diminuir o tamanho dos nossos Estados, uma condições indignantes, quer dizer, é como condicionar com o impossível.

4. INGERÊNCIA NORTE—AMERICANA: ESCRITÓRIO PARA A TRANSIÇÃO

— *E falando de política internacional, o que podes me dizer do que saiu no jornal El Nacional em relação a que os Estados Unidos pretendem abrir em Caracas um escritório para a transição?*

389. – Olha Marta, nós estamos averiguando primeiro do que se trata antes de adotar uma posição, porque nos inteiramos basicamente pela imprensa e acho que qualquer um pode entender que temos bastante razões para duvidas das grandes manchetes da imprensa opositora. Poderia ser uma intriga jornalística para que nós reagíssemos, agora que viemos dando passos delicados, com muita cautela, para não complicar mais as relações com os Estados Unidos.

390. Estamos, portanto, indagando. Pedimos ao governo dos Estados Unidos, através de sua embaixada, que esclareça. Estamos procurando informação por outras vias. Eles deram algumas explicações mas ainda não o suficientemente detalhadas. O diário *Últimas Notícias* – um dos mais objetivos que temos – de Terça—feira 23 de julho, quer dizer, de hoje, diz a respeito (leio): “Esclarecimento: A embaixada dos Estados Unidos em Caracas confirmou ontem que o governo norte—americano está considerando a possibilidade de abrir um *escritório para iniciativas para a transição*, e esclareceu que seu objetivo é o de *fortalecer a democracia*. O adido de imprensa da sede diplomática norte—americana, John Low, disse que a iniciativa está sendo considerada em Washington diante da complicada situação política que vive a Venezuela. *Esta é uma iniciativa que vem sendo considerada desde há meses, é uma possibilidade que se inscreve nos programas*

⁹⁸. Abril de 200.

internacionais de fortalecimento das instituições democráticas – asseverou Low —. *Se o escritório se abre, será de uma maneira pública e vai trabalhar com o governo, a oposição, as organizações não—governamentais e os cidadãos [...].* Esclareceu que o nome do escritório se deve à atividade que desenvolveu em suas origens para cooperar na transição que levaram adiante os países que tinham regimes comunistas para sistemas democráticos”.

391. Que atitude devemos adotar diante disto? Primeiro, devemos olhá—lo com atenção, com cuidado, com calma, com paciência. Devemos indagar a fundo. Até agora estão esclarecendo que é só uma possibilidade. Agora, posso te dizer que hoje mesmo encomendei ao chanceler Chaderton a tarefa – e já a cumpriu – de fazer ver ao governo dos Estados Unidos através de sua embaixada em Caracas, que a nós nos parece que uma iniciativa deste tipo, se se desse, não ajudaria o nosso esforço para diminuir as tensões internas, de procurar alternativas de solução para o país, para o que demonstramos amplitude de sobra.

392. Por outro lado, é sabido que estamos dispostos a dialogar. Dialogamos com governos de muitas partes do mundo, convidamos o Centro Carter, as Nações Unidas a nos visitar. Dissemos que pode vir aqui quem quiser, sempre que respeite a nossa soberania e venha cooperar.

393. Agora, por que eu digo e dissemos ao governo dos Estados Unidos que na nossa opinião e diante destas primeiras informações, acreditamos que isto não ajuda? Por que geraria, como já começou a gerar em alguns setores de oposição, a idéia, a percepção de que esse governo os estaria apoiando. Foi essa sensação de se sentir apoiados o que os alentou a fazer o que fizeram em 11 de abril. Quando naqueles meses iam para Washington setores da oposição e eram recebidos em diversos escritórios, não sei se de transição ou não. Eu manifestei várias vezes a embaixadores anteriores e ao atual, e o fiz também quando visitei esse país, que me parecia muito arriscado a boa acolhida que estavam dando lá a gente que estava conspirando aqui, que isso era muito arriscado porque poderia fazer acreditar a eles e outras pessoas, incluindo a nós como governo, de que lá estavam apoiando e dando luz verde para iniciativas como essa.

394. Isto de Escritório de Transição poderia gerar o mesmo efeito. E o mais negativo é que isso ocorre em um momento em que há algumas razões objetivas para se sentir otimista. Há alguns setores de oposição que vem refletindo sobre a necessidade de evitar saídas que pudessem ser traumáticas ou saídas para além da Constituição e isso poderia ir isolando os setores mais radicalizados da extrema direita e da contra—revolução. Nessa direção apontam os nossos esforços de diálogo, de retificação em algumas coisas e a cooperação de algumas figuras e entidades internacionais.

395. Então, o estabelecimento de um escritório como o que se está propondo, com o nome e os antecedentes que tem, poderia muito mais ser lenha seca para uma fogueira que queremos apagar.

396. Isto é o que podemos dizer até a data de hoje, 23 de julho.

397. Mas se mais adiante isto chegasse a se concretizar, nós teríamos também que concretizar a nossa posição e levar esse debate, primeiro ao país, a nossas instituições – já começaram a surgir porta-vozes da oposição aplaudindo a proposta, mas também, naturalmente, há setores que começam a se manifestar contra essa proposta – e inclusive para além da Venezuela.

398. Por outro lado, aqui já está em marcha uma transição. A Venezuela está vivendo um processo de transição, desde há três anos, de um modelo político, econômico e social para outro modelo que está indicado na Constituição Nacional. Essa é a nossa transição. Agora, se o governo dos Estados Unidos quer ter mais presença na Venezuela para apoiá-la, que é a única que eu reconheço, bem-vindo seja. Se o governo dos Estados Unidos quer instalar em Caracas uns assessores, umas equipes para nos ajudar no programa de microcréditos para os pobres, na construção de moradias para as classes despossuídas, na aplicação da Lei de Terras, bem-vindo seja. E o será ele e qualquer outro governo.

399. Se ao governo dos Estados Unidos interesse o petróleo venezuelano, a melhor maneira de continuar obtendo—o seria apoiar o nosso governo, podemos lhe assegurar que poderá contar com o nosso petróleo. É de mútuo interesse continuar mantendo esse intercâmbio comercial. Pelo contrário, uma desestabilização política no país só levaria a que esse fornecimento deixasse de estar assegurado. Imaginas o que ocorreria se aqui se desse outro golpe contra Chávez, seja militar ou institucional, como agora estão pretendendo levar adiante? Este país se transformaria em um estopim. Se na Colômbia há zonas afetadas pela presença da guerrilha, se se produzem sabotagens nos oleodutos, o que aconteceria aqui com todo um povo e um exército que vêm na figura de Chávez encarnada a esperança?

400. Quero que saibas, Marta, que não temos nenhum interesse em complicar as relações com os Estados Unidos, em arruiná-las, nem muito menos em rompê-las. Isso sim, levantaremos sempre o tema da soberania, da independência, e este questionamento o fazemos, não só para os Estados Unidos mas para todos os países do mundo.

CAPÍTULO SEXTO: CAMADAS MÉDIAS, ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL E DIÁLOGO

I. O QUE ACONTECE COM AS CAMADAS MÉDIAS

1) ESTRATÉGIA DA DIREITA: ISOLAR OS GOVERNOS POPULARES DAS CAMADAS MÉDIAS

— *No Chile de Allende uma das principais causas da derrota foi o fato da direita, através de uma estratégia e táticas anti-allendistas muito hábeis – entre elas a desestabilização econômica (fuga de capitais) e a desestabilização político-social, nas quais os meios de comunicação desempenharam um papel muito importante, conseguiu cooptar importantes setores das camadas médias, conseguido isolar os setores populares mais radicalizados. Não achas que algo semelhante*

está ocorrendo na Venezuela e que seria importantíssimo conquistar para o processo bolivariano as chamadas camadas médias intelectuais e profissionais que, embora numericamente pouco significativas, são qualitativamente muito importantes, porque, ganhas para a Revolução, poderiam proporcionar um sem número de quadros bem preparados para enfrentar os enormes desafios econômicos e sociais que se avizinham? Achas que se tem tido uma estratégia correta com relação a estes setores que, segundo me informaram, em sua maior parte hoje não apoiam o processo revolucionário? O que haveria que fazer para reconquistá-los? Ouvi dizer que tu te rodeias dos leais, que a questão da lealdade é muito importante para ti e que muitas vezes estas pessoas são muito leais mas pouco eficientes e de alguma maneira formam um cerco ao teu redor que impede que outra gente possa colaborar com o processo. Por outro lado, há quem sustente que existem muitas pessoas pertencentes às camadas médias com muita sensibilidade social, que querem ajudar os setores populares mais necessitados, que não querem Chávez mas estariam dispostos a trabalhar em projetos destinados a melhorar as condições de vida do povo, mas que sentem que não há espaços para eles, que estão subutilizados. Como fazer para integrar essa gente?

2) ATITUDES QUE AFASTAM ESTES SETORES MÉDIOS

401. – Não vou negar que possa haver setores – vamos chama—los leais ou chavistas – que tenham atitudes sectárias e tendem a criar esses muros que pudessem isolar o processo e o governo de importantes setores médios. Mas não acho que seja a marca predominante das equipes de governo, das equipes que me rodeiam e me tem rodeado. Se alguém analisasse a composição dos gabinetes que vem passando pelo governo, poderia se dar conta de que a maioria não é compostas por figuras do partido [MVR].

3) CONSCIÊNCIA DA NECESSIDADE DA ALIANÇA

402. Nós temos consciência da necessidade da integração de diversos setores ao processo revolucionário. Inclusive – como te disse —, antes de ser governo vínhamos trabalhando com o documento que chamávamos “mapa estratégico”.

403. Daí nasceu o Movimento V República, a aliança com outros partidos, fundamentalmente de centro, de direita, e pequenos grupos que se incorporaram também. E para além dessas alianças com partidos políticos, tínhamos outro espaço ao qual chamávamos o polinômio de poder, “el popo”, — embora eu tenha inventado o termo, nunca gostei, mas assim ficou – com a visão estratégica orientada para a busca de alianças com setores das igrejas, empresariais, intelectuais, acadêmicos, profissionais, etc. Desde então vimos fazendo esforços para aglutinar esses setores, mas não fomos muito exitosos e necessitamos sê—lo. Claro, isto é como jogar xadrez, eu tenho minhas peças, armo meu jogo mentalmente e as chamo, mas lá na frente tenho o adversário que tem muita força, muito poder para influir sobre esses setores, principalmente conta com o poder midiático, que influi muitíssimo nas camadas médias. Aí é onde atingem os impactos desse bombardeio midiático que não é novo, já tem mais de dez anos. A campanha de satanização começou tão logo ocorreu o 4 de fevereiro de 1992 e, em vez de diminuir de intensidade,

intensificou—se contra mim diretamente, contra o nosso projeto, nossa tentativa de formar esse bloco amplo que denominamos de “polinômio de poder” e que estava dirigido a orienta—lo para esses setores médios, intelectuais, alguns os chamam mal de “pensantes”, um termo bastante...

— *Pejorativo para o resto?*

404. Sim, porque todos pensamos. Tentamos – não poucas vezes – de nos unir a um forte setor da classe média, dos intelectuais, mas não tivemos êxito. A estratégia do adversário pode mais, embora nós também cometemos erros.

405. Voltando à tua demonstração de que eu me rodeio de leais, acho que a crítica não se refere a que sejam leais, mas a que não são setores duros, chavismo duro – como o chamam —, que se fecha para os demais.

406. Mas acontece que costumam me criticar pelo contrário. Dizem que fui muito amplo na hora de escolher as equipes e eu acho que o faço porque tenho muito metido lá dentro essa idéia do polinômio de poder. Por exemplo: em meu primeiro gabinete entraram figuras como Alfredo Peña, que agora é o Prefeito Maior de Caracas e adversário visceral, não só meu mas do projeto. Por que entrou Alfredo Peña no governo? Foi um erro de quem? Foi meu. E o nomeie nada mais nada menos do que Ministro da Secretaria. Por quê? Precisamente porque era um jornalista, um homem de televisão de muitos anos, com bastante conexão com alguns setores dessas classes médias e pensei que ia me servir como canal de comunicação, de enlace, com diversos setores, incluindo os meios de comunicação.

407. Se revisas outros nomes encontrarás alguns professores universitários prestigiosos, como por exemplo, Héctor Navarro, que dirigiu Escolas de Pós—graduação durante anos na Universidade Central. Foi Ministro da Educação três anos e agora Ministro da Educação Superior. Através dele chegou ao governo muita gente que eu nem conhecia, como María Hanson, uma mulher muito dinâmica que foi vice—ministra de Gestão Educativa. Deles foi a idéia do projeto de Escolas Bolivarianas. María havia sido membro da direção da Federação de Associações de Professores Universitários da Venezuela com uma série de contatos, inter—relações. Carlos Lanz, ex—guerrilheiro, um homem de esquerda, escritor, também trabalha nesse ministério. Eles fizeram algo que aqui nunca se havia feito: chamaram—no de Constituinte Educativa. Realizaram centenas de reuniões nas escolas com os pais e representantes, professores e alunos para propor e apresentar o Projeto Educativo Nacional (PEN). Daí surgiu o projeto de Escola Bolivariana e outras idéias nas quais participaram muita gente do setor educativo.

408. Se continuamos analisando esse primeiro gabinete tu poderás conseguir outro personagem, escritor, planejador: Jorge Giordani, de quem já te falei antes, passou três anos como Ministro do Planejamento e Desenvolvimento.

409. Outro exemplo é o do Ministério do Meio Ambiente que dirige Ana Elisa Osorio, uma mulher de uma grande trajetória universitária, médico especialista na área social. A este ministério também se incorporou gente de muita experiência em matéria ambientalista, etc.

410. Então, ao longo deste anos se foram formando diversas equipes nas quais participaram bastante gente que são “leais” no sentido que tu demonstravas. Talvez esta não seja a palavra adequada para qualificar essas pessoas, mas a de gente fechada, sectária. Ainda as temos e eu quero que essas atitudes sejam superadas.

411. Mas para além do governo, em espaços como a Assembléia Constituinte, deu—se uma avalanche de novas caras. Muitos dos novos parlamentares não tinham trajetória política. Aí se inseriram setores de acadêmicos, jornalistas, escritores, cantores, poetas. O governo largou muito melhor com uma grande abertura, não foi um governo que chegou fechando—se.

412. Mas quando começamos a perceber que, valendo—se dessa abertura, as forças adversárias penetram, tratam de se infiltrar, de desviar o processo, neutraliza—lo, então a gente começa a fechar. E isso me aconteceu até, inclusive, com figuras como Luis Miquilena, um homem que esteve duro ali, trabalhando durante todos estes anos, com muita habilidade política, com muitos contatos com diversos setores, um homem de quase oitenta anos, com muita experiência. Mas em seguida percebemos que ele não compartilhava a real intenção, os objetivos, a estratégia revolucionária que nos anima. E então essa gente veio saindo e a gente começou a pensar que talvez seja preciso fechar um pouco a mão. Talvez isso venha nos últimos tempos, principalmente quando aflorou uma conspiração, uma tentativa de nos infiltrar.

413. Em todo caso, aceito que fomos pouco exitosos nesse plano ou programa de polinômio de poder e é preciso revisar as razões. Trata—se de erros nossos? Não nego que esteja presente esse fator que apontavas. Mas também é preciso levar em conta que antes de que nós chegássemos ao governo, uma boa parte dos mais brilhantes intelectuais havia assumido posições entreguistas, para dizer o mínimo. Isto é confirmado por um livro que escreveu Néstor Francis, um bom jornalista venezuelano de esquerda: “O antichavismo e a estupidez ilustrada”, no qual faz uma série de análises bem interessantes sobre a atitude desse setores ilustrados.

414. Mas eu acho que o principal fator, o mais demolidor, é o midiático.

4) DOCUMENTO DE INTELLECTUAIS

— *Li um interessante documento de um grupo de intelectuais, entre eles, Edgardo Lander: **Um diálogo para a inclusão social e o aprofundamento da democracia**, publicado em maio de 2002, que apoia o processo, mas que formula críticas. Penso que os fatos do 11 de abril abriram os olhos de muita gente e que hoje existem melhores condições para o diálogo com setores médios, especialmente com os intelectuais. Segundo soube tu leste o documento e chamaste alguns de seus autores pensando em te reunir com eles, coisa que não ocorreu até agora.*

415. — E verdade, tenho pendente essa entrevista, escapuliu—nos em duas oportunidades, mas pedi a José Vicente Rangel que se reunisse com eles e assim o fez. Eu tenho que vê—los. Essa é uma falha nossa não haver sabido aproveitar as contribuições de grupos de intelectuais.

5) ASSESSORIA ESTRANGEIRA

— *E a propósito de profissionais, a mim me surpreende que haja tão poucos quadros revolucionários estrangeiros colaborando com o processo. Lembro quantos profissionais chilenos chegaram para apoiar o processo cubano, e o mesmo ocorreu com a Nicarágua. Haverão os tempos mudado tanto ou será que não souberam motivar e procurar esse apoio? Pensando um pouco na estratégia comunicacional de vocês e em seus muitos defeitos que tu reconheces, há gente tão boa em jornalismo em outros países que pudesse estar disposta a colaborar.*

416. – Bem, eu acho que aí há falhas de ambas as partes, em primeiro lugar, falhas nossas. Mas também teve impacto em nível internacional o tratamento midiático que nos deu em geral e a mim em particular.

417. Se eu fosse um intelectual de esquerda de qualquer país da América Latina, ao olhar este processo de longe é possível que pudesse abrigar alguma prevenção. Governa o país um militar, um militar que além do mais pretendeu dar um golpe, e bem, todo esse cúmulo de lendas ou teses que surgiram. Por exemplo, associaram—nos muitíssimo e isso percorreu pelo continente, com os cara pintada⁹⁹ da Argentina. Eu lembro que chegando a Buenos Aires, a primeira vez que fui, as manchetes diziam: “Chegou o cara pintado venezuelano”. Os setores de esquerda, os intelectuais, estavam ausentes.

418. Agora, repara que a primeira pessoa que rompe com isso é Fidel.

419. Empenhamo—nos na Colômbia com setores sociais, políticos, mas fui difícil, éramos rejeitados porque nos associam com a guerrilha, com os movimentos armados. Fomos à reunião do Fórum de São Paulo em El Salvador e, bom, conhecemos e saudamos bastante gente, mas uma boa parte pensava: Cuidado, chegou um coronel golpista!

420. Fiz bastante esforços, viajei pelo continente, conheci muita gente nos anos 94—95 e consegui fazer alguns contatos importantes, mas em seguida isso não se concretizou em quase nada. Não foi fácil devido aos preconceitos, à falta de equipamentos, de recursos, às vezes não tínhamos nem para o telefone, cortavam—nos. Mais de uma vez tivemos que trabalhar em escritórios emprestados. Claro, também havia uma falta de visão do importante que era este aspecto. Estou seguro que isso nos afetou.

421. Fui em uma ocasião ao México, consegui conversar com Cuauhtémoc Cárdenas, que havia sido recém eleito Prefeito do Distrito Federal do México, mas igualmente não se concretizou nada, porque o PRD mexicano foi um dos que mais se opôs em San Salvador à nossa integração ao Fórum de São Paulo. Senti—me ali como em uma inquisição. Pediram—me que fizesse uma carta para que eles considerassem a nossa inclusão, mas nunca a mandamos porque na verdade eu senti muita frieza ali.

⁹⁹. Grupo militar fascistóide da Argentina

422. Mas a situação mudou muito depois do golpe de 11 de abril. Despertou—se uma grande simpatia internacional pelo nosso processo. Acho que a reação golpista da direita foi para muita gente a melhor prova de que algo sério estávamos tentando fazer em nosso país. Ao mesmo tempo, nós assumimos maior consciência da importância dos contatos e do apoio internacional. Tu pudeste ver em Caracas a afluência de personalidades e a quantidade de fóruns, oficinas, seminários que estão tendo lugar.

423. Mas continuamos com muitas falhas neste processo apesar de que temos uma direção internacional no Movimento V República, uma direção internacional no Comando Político da Revolução. Falta—nos também uma chancelaria mais dinâmica que leve adiante esse trabalho de contatos em nome do governo.

424. Há muitos funcionários velhos nas embaixadas que não cumprem esta tarefa e, ao contrário, muitas vezes sabotam ou obstaculizam esses contatos com grupos políticos e setores intelectuais amigos deste processo.

II. FALHAS NA ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL

1) COMO ENFRENTAR A CAMPANHA MUDIÁTICA OPOSITORA

425. Esse é um dos nossos desafios atuais: como avançar e nos consolidar nesses espaços. E temos que ver como enfrentamos a poderosa ação dos meios de comunicação opositores que desfiguram as nossas intenção, que nos satanizam.

426. Publicam em primeira página, por exemplo, fotos dos setores culturais protestando porque não lhes chegam os recursos e então dizem alguns intelectuais: “Chávez não se interessa em nada a cultura, nega—lhe recursos”. Essa estratégia é aplicada em todos os cenários. Em compensação, informa—se muito pouco ou nada do esforço cultural popular que se está fazendo. Tu viste aquele modelo de escolhinha em Porto Cruz, diferente das do passado¹⁰⁰, as criancinhas com roupas adequadas para seus bailes típicos. Têm agora um espaço para bailar, um espaço digno para jogar, para pensar, para estudar. Estivemos construindo centros culturais comunitários em casarios, povoados, bairros populares onde há um centro de computação com o acesso a Internet totalmente gratuito para a população ou onde há espaços para a dança, para o teatro popular, instalações bem modernas administradas pelo governo de acordo com os governos locais. Todas estas são ações em prol da cultura e o país quase não as percebe.

¹⁰⁰. Refere—se a uma escola que foi inaugurada em um ato que eu assisti em 13 de julho de 2002.

2) FALHAS PRÓPRIAS

427. Mas também é correto que nós falhamos muito na estratégia comunicacional. Eu ando como com uma obsessão comunicacional, às vezes sou duro com os que me acompanham porque falhamos na hora de prever coisas. Por exemplo, esta manhã falei com meu pai, o governador do Estado Barinas e então me dizia: “Bem, Hugo, ontem entregamos cinquenta tratores” do programa que o Governo Nacional assinou com o governo do Brasil. Ali a maquinaria agrícola – tratores, arados, semeadoras – estava totalmente destroçada e desde há muito tempo não havia um apoio contundente do governo aos pequenos e médios produtores. E então eu perguntava ao meu pai: “Trouxeste—me algum vídeo? Firmaram isso? Porque o país não sabe que se está entregando tratores novos e modernos aos produtores do campo”.

428. Muito poucos sabem que realizamos um plano de moradias bastante exitoso, orientando uma boa parte deles para os setores médios, e outra parte para os setores de renda mais baixa. Fizemos um projeto no ano retrasado para fabricar um veículo chamado popular. Foi um convênio com as montadoras e os bancos e se bateu o recorde de venda. E isso a quem favoreceu? Principalmente aos setores médios. Em tudo isto repito, houve falhas comunicacionais nossas: não fomos capazes, por diversas razões, de conseguir que esses profissionais, intelectuais e o país em geral percebam tudo o que estamos fazendo em benefício de muita gente e, em boa medida, desses setores.

— *Posso te interromper?*

429. — Sim claro, eu tendo a falar muito.

— *Na época de Allende tivemos o mesmo problema no Chile. Por um lado a oposição se jogou para não perder o controle dos meios de comunicação. Uma das três condições que colocou a Democracia Cristã para apoiar Allende foi não tocar nos meios de comunicação – esses que informavam de maneira deformante —; as outras duas foram: Não tocar nas forças armadas e na Educação. Quando o governo quis fazer uma educação mais democrática, mais orientada para o social, houve uma reação incrível da direita. Por outro lado, a esquerda e a gente progressista estava acostumada a fazer imprensa de oposição e não sabia fazer uma imprensa capaz de informar e dar conta de tudo o que o governo fazia.*

430. — Estamos tentando tirar dois jornais que refletem as ações e iniciativas que estão sendo postas em marcha por nosso governo e que o resto da imprensa ignora ou relega a pequenas notícias em espaços internos, marginais muitas vezes. Um bom jornal teria sem dúvida um impacto muito positivo nesses setores.

3) A CONSTITUIÇÃO BOLIVARIANA NA ERA DA INFORMAÇÃO

— *Mas, voltando à situação venezuelana, eu não entendo como havendo feito uma nova Constituição na era da informação, não haja normas que permitam controlar os meios de comunicação opositores, porque eu vejo que esta imprensa é absolutamente antidemocrática, ou*

seja, uma imprensa que não é objetiva, que não ajuda o país, que promove a desestabilização e o golpe. Acho que não conheci outro país em que haja tal libertinagem nas comunicações.

431. – Na Constituição ficou inserido o termo de “informação veraz”. Isso se aprovou depois de um grande debate. Os meios de comunicação e seus representantes políticos não puderam impedir que esse termo permanecesse. Por outro lado, o Tribunal Supremo de Justiça emitiu um comunicado no ano passado ratificando o princípio constitucional da informação veraz, afirmando que os meios de comunicação estão obrigados a respeitá-lo. E agora está em marcha um projeto de lei – e é uma das coisas que eles querer barrar –, a Lei de Conteúdo, que ao ser aprovado vai estabelecer em um nível muito mais detalhado normas, regras para concretizar o que a Constituição determina como informação veraz e isso despertou o furibundo ataque do ano passado.

432. Ou seja, não é que tenhamos uma absoluta carência em nível legal de instrumentos para regular essa libertinagem que não é nova, vem de longe mas que, principalmente, desencadeou-se sem limites nos últimos três anos.

433. Agora, eu te falava de um dilema no qual vimos navegando: como conseguir que a imprensa, a televisão, a rádio e quem os dirige, administra ou utiliza, entrem nesse quadro constitucional, legal e além disso ético.

434. Tratamos de estabelecer um diálogo, de influenciar de diversas maneiras, mas sem dúvida não atingimos esse objetivo. O que ocorreu ultimamente nos demonstra que não há ali nenhuma disposição em moderar, em se enquadrar na constituição. Estão fazendo uma resistência feroz com o apoio internacional que inclui até funcionários da OEA.

435. Sabemos que há muita gente que nos reclama: “É preciso apertar a mão em relação aos meios de comunicação, é preciso fazê-los entrar na linha”. A esta altura eu acho que o único caminho que nos resta é a coerção, naturalmente entendida nos marcos jurídicos. Há uma nova lei de telecomunicações que fizemos no ano 2000, no quadro da Lei Habilitante, que estabelece punições aos meios de comunicação. Há uma instância que se chama CONATEL (Conselho Nacional de Telecomunicações), que esteve impondo multas, abrindo procedimentos administrativos que algumas vezes conduziram a punições menores, apesar de que tem havido mais do que suficientes razões para aplicar medidas severas e não as aplicamos. Mas é bom que se saiba que não renunciamos à possibilidade de fazê-lo.

4) OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIOS

— Soube que há uma proliferação de meios de comunicação comunitários em todo o país e que estes são instrumentos muito importantes tanto para dar a conhecer a verdade sobre o processo como para ajudar na organização dessas comunidades. Que avaliação tens deste fenômeno?

436. – Estes meios comunitários são muito importantes para nos contrapormos à campanha de distorção de emissoras e jornais privados. Não podemos ficar calados diante da utilização desses meios privados para envenenar a mente da população.

5) COMUNICANDO—SE DIRETAMENTE COM O POVO

— *Inteirei—me de que começou a se gestar um boicote popular em relação aos jornais e canais de televisão que se lançaram contra o sistema democrático e que este foi efetivo até o ponto em que os donos dos principais jornais opositores acusados de golpistas como: El Nacional e El Universal, assim como a rede Globovisión decidiram reconhecer que houve uma diminuição notável em suas vendas e em seu rating. Por exemplo, o colunista do El Nacional, Miguel Salazar, confessou que a tiragem desse jornal havia se reduzido significativamente, situação que qualifiquei como “preocupante”, levando em conta a venda histórica deste jornal. Por sua vez, o canal Gobovisión deveu admitir que o rating dos principais horários nas últimas semanas diminuiu entre 3 e 5 pontos. Soube também que, somado ao boicote jornalístico, fez—se também um chamamento a não consumir os produtos ou as marcas dos anunciantes em tais meios e se fez circular uma listagem com seus nomes. Sempre me pareceu muito interessante o papel que podem desempenhar os consumidores organizados para se confrontar com determinadas políticas. E isto seria uma mostra disso. Mas como temos pouco tempo prefiro não me deter neste tema e gostaria que me falasses do teu programa dos domingos. Por que não explicas como surgiu o programa **Alô Presidente**, o que te fez pensar em fazer este programa, como o tens ido desenvolvendo e mudando e o balanço que fazes dele.*

437. – A idéia nasceu ao começar o nosso governo, resultado da debilidade comunicacional nossa.

—*Foi uma idéia que te ocorreu?*

438. – Surgiu dentro da equipe que havia trabalhado comigo durante a campanha eleitoral, um pequeno grupo de três ou quatro pessoas, quando avaliávamos a terrível debilidade comunicacional que tínhamos. Ali surgiu a estratégia de usar o presidente Chávez como comunicador, dado o peso que tinha – isto me custa dizer, mas é assim –, sua figura no processo e, sobretudo, no começo do governo.

439. Começamos fazendo um jornal que se chamava *El correo del Presidente*. Era um bom jornal, mas fracassou.

— *Por que fracassou?*

440. – Embora tinha um bom formato, uma boa mensagem, era muito “governista”¹⁰¹ e, além disso, houve falhas de distribuição e depois na gerência. Durou vários meses e cumpriu uma tarefa importante.

¹⁰¹. Oficialista.

—*Quantos exemplares tiravam?*

441. – Não lembro bem, mas eram como 20 mil.

— Ah! Então era um jornal clandestino?

442. – Quase

—*Não chegava a toda a população...*

443. – Não chegava. Em seguida fizemos um programa de televisão semanal. *De frente com o Presidente*, ao vivo, todas as quintas—feiras à noite em um estúdio cheio de gente e a população perguntava, chamava por telefone. Não era ruim, mas começou a se tornar muito chato e a perder audiência. Acho que falhou o formato do programa, talvez com um novo formato..., mas a idéia continua sendo válida, eu sempre gostei dela.

444. Em seguida surgiu o *Alô Presidente* aos domingos. Eu tinha então dois programas, às quintas e aos domingos. Inicialmente eram só programas de rádio e consistiam fundamentalmente em ligações, uma avalanche de ligações telefônicas. Tratávamos de que as perguntas e as respostas fossem curtas, principalmente minhas respostas, porque tendo a me prolongar muito nas respostas. Além disso, sempre o fazíamos no mesmo local: a sede da Rádio Nacional da Venezuela, que fica em uma área muito populosa da cidade, onde moram setores de classe média.

445. Era aos domingos às nove da manhã e às vezes durava até às duas da tarde. Sua estratégia era a das chamadas telefônicas. Eu insistia muito: “Deixem que muita gente telefone”, não havia um roteiro. Eu chegava, sentava—me e dizia por exemplo: “Bom dia, hoje é o dia de São Barnabé, é Domingo, está chovendo e que tal, há ligações?”. O programa ia se desenvolvendo com base nos temas abordados nas ligações, quase todas eram de mulheres expondo problemas. Algumas criticavam, mas não muitas, porque então lhe caía em cima a avalanche de outras ligações defendendo o governo e, além disso, eu lhes respondia duro.

446. O programa durava como cinco horas e a metade do mesmo – isso se tornava acalorado e eu gostava muito —, havia o que chamamos: “A hora do chumbo” e era chumbo duro e ao mesmo tempo, atacando duro, duro...

— *A quem atacavas?*

447. A oposição, os meios de comunicação, alguém em particular que disse tal coisa. Era bem animado esse programa.

448. Desde que começou foram se somando muitíssimas emissoras, principalmente as regionais. Chegamos a ter até 100 emissoras em juntas ao sinal, era como se tivéssemos uma cadeia nacional de rádio.

449. Mas, o que aconteceu? Como fazíamos todos os domingos no mesmo local cujo edifício tinha uma única saída, eu comecei a sofrer porque era muita gente com pastas, papeizinhos, chorando. Quando a gente chegava ao lugar às 9 da manhã já estava o povo aí, amanheciam, vinham de

longe e os vizinhos começaram a se queixar porque não havia instalações e faziam suas necessidades por aí. Dormiam na porta das casas, traziam um colchão. Bem, aquilo era um fenômeno e foi crescendo, crescendo até que dissemos: “não, não, não podemos continuar fazendo esse programa aí: vamos mudar”.

450. Então começamos a fazer—lo em um estúdio pequeno em Miraflores, mas ali havia pouco calor humano, então me ocorreu começar a sair para diferentes lugares do país. E assim temos feito programas desde a Ilha de Aves¹⁰² até La Sabana. Temos percorrido todo o país.

451. O programa continuava sendo todos os domingos e eu levava um avião cheio de ministros e jornalistas para cada um desses lugares. Mas em um momento determinado, vou te confessar: resultado do cansaço, do esgotamento, porque era o domingo corrido e eu retornava daqueles confins à noite e segunda—feira continuávamos trabalhando, disse: “Vamos passa—lo para o Sábado, não posso continuar assim, vou me dedicar à família mesmo que seja por um momento no Domingo”. Mas quando o transferimos para o sábado a audiência caiu barbaramente, porque no sábado a população se levanta para ir ao mercado e outras coisas fora de casa. A queda da audiência foi tanta que os adversários começaram a explorar isso e diziam: “Deixaram de ouvir o Chávez seis milhões de pessoas”. E isso foi verdade, porque o programa era visto por muitíssima gente.

452. Quando vimos isso, reunimo—nos uma equipe de gente – ministros e outros funcionários –, para ver o que fazer porque não podíamos abandonar as batalhas comunicacionais: José Vicente Rangel, sua esposa Anita, que entende muito disso, Diosdado, que era Ministro da Secretaria, Teresita Maniglia¹⁰³. O primeiro que dissemos foi retornar aos domingos porque nesse dia a população fica mais em casa.

453. E os domingos que eu estou fora do país tratamos de montar um programa, grava—lo ou mandar uma mensagem. Fizemos programas Alô Presidente a partir da República Dominicana, a partir da Guatemala.

454. O segundo foi revisar o formato do programa e para isso chamamos uns técnicos. Aí foi quando se propôs combina—lo com televisão.

455. Tive que fazer um esforço para mudar um pouco o estilo e me acoplar aos requerimentos da televisão. Isso fez com que houvesse que diminuir o peso das ligações telefônicas no programa porque, claro, entendo, aos produtores de televisão não lhes parece muito atrativo que quando uma pessoa liga saia como imagem na tela o desenho de um telefone. Segundo eles isso afeta. Tive que lhes dizer: “Não me desnaturalizem o programa, as ligações são um aspecto fundamental da estratégia de comunicação”. Agora as intercalamos, temos um roteiro.

¹⁰². Esta ilha fica a 5000 km ao norte da linha costeira, próxima das Ilhas Virgens.

¹⁰³. Ex—vice—ministra de Gestão Comunicacional.

456. São programas muito longos, cinco, seis e sete horas. O recorde é de sete horas.

— *E por que tem que ser tão longo?*

457. Eu gosto que seja assim. Sei que outros não gostam. Fiz o esforço para reduzi—lo, mas a tendência – que afinal eu imponho (rir) – foi a de prolonga—lo. Anita Rangel se cansou e me passar papezinhos: vão vinte minutos, vão quarenta, sessenta... A audiência continua se mantendo muito alta, fizemos algumas pesquisas.

— *Alguns começam a vê—lo depois?*

458. – Sim, minha filha me disse uma vez: “Mas papai, até quando? Olha, eu me levantei, me banhei te ouvindo, fui com umas amigas fazer compras e aí estavas na televisão. E vimos no carro e ligamos o rádio e aí estás, chego em casa, tomo outro banho e tu ainda papai, até quando? Cinco horas aí, não te cansas?” A mim me agrada, eu desfruto muito. E além disso eu sinto que há correspondência no povo.

459. Uma senhora mandou uma carta na qual me diz que finalmente conseguiu como se livrar do marido aos domingos para ouvir o programa. Como o fez? Passando roupa. Ela inventou deixar toda a roupa para o Domingo. E faz umas trouxas grandes para que o marido não a leve para passear e se põe a passar desde o começo do programa. O televisor aí em frente e ela ouvindo a coisa.

460. Além disso, está o rádio que penetra muito. Tu vê até os jovens às vezes na praia ouvindo.

— *De que forma estruturaram o programa?*

461. – Combinamos o formato, já o temos muito mais organizado. Inicia—se com um vídeo recolhe algum aspecto importante da vida nacional, as crianças, a ecologia ou algum evento, tratando de que não seja diretamente político, muito mais cultural, de significação e importância para todos, muitas vezes histórico e às vezes relacionado com o dia. Em seguida vem um comentário que faço em relação com o vídeo e dou a entrada ao programa. Anteriormente havia um apresentador que acabou se juntando ao golpe, imagina! Quando se foi esse apresentador decidiu que eu mesmo fizesse esse papel, embora não seja jornalista, sou locutor, tenho meu título desde os quinze anos.

462. Há uma parte dedicada à agenda da semana, que agora tem o nome de Agenda Nacional. Antes do golpe de abril de 2002 nós anunciávamos a agenda da semana que ia chegar, eu agarrava minha agenda e lia: “Segunda—feira pela manhã vou estar em tal parte, terça à noite não sei onde...” Mas, por razões de segurança tive que suspender essas informações e nem sequer dizemos onde vai ser o próximo programa. Agora estou dando conta da agenda da semana já transcorrida.

463. Há uma sessão que se chama “Notícias Positivas”, porque diante da avalanche de coisas negativas que os meios de comunicação publicam, temos que dizer as coisas positivas que ocorrem no país.

— *Vi que essa parte estão repetindo no Canal 8¹⁰⁴ pela noite.*

464. — Essa é uma estratégia nova que traçou o Rafael Vargas¹⁰⁵ e a equipe que está na Secretaria e me surpreenderam gratamente. Disseram—me: “Olhe, fizemos uma vídeo resumo de uma hora do programa para passa—lo à noite no horários de maior audiência, porque cinco horas na televisão é muito tempo”.

465. Eu geralmente preparo o programa, às vezes vejo os vídeos, outros não tenho tempo e então chego, sento—me e começo a desenvolve—lo. No início não tinha uma equipe de produção, agora há uma e confio nela. Assim que terminamos o programa a equipe começa a trabalhar no próximo.

466. Bem, também tenho que te dizer que a situação política do país afeta o programa, a conjuntura faz com que às vezes mude o que foi planejado, cometi erros ou faço comentários que não estavam previstos.

— *Uma das críticas que ouvi é que tu anunciaste a demissão de gente que se inteira disso através do programa.*

467. — Esse é um dos erros mais graves que eu cometi e, além disso, com um apito... (rir)

— *Como com um apito...?*

468. — Estava bastante irritado porque não se destituía um pessoal da Pdvsa, um pessoal que devia ser de confiança e estava fazendo greve contra o governo. Finalmente os organismos correspondentes me enviaram a lista dos destituídos na manhã do domingo pouco antes do programa. Então agarrei um apito, foi um abuso de minha parte, nunca mais vou fazer isso, Marta, te juro, mas é que eu estava muito carregado com isso...

— *Isso não estava programado...*

469. — Então lhes digo: “Encontrem—me um apito” e digo: “Bem, senhora Marta Harnecker: está demitida”. E toco o apito. E assim com todos os da lista. Isso caiu como uma bomba nas camadas médias profissionais. Sentiram—se ofendidos como se eu os houvesse atacado.

— *Bem, independentemente de erros como esse e outros que sei que cometeste nesse programa, a opinião majoritária que recolhi é que **Alô Presidente** é uma verdadeira escola de educação popular para o povo venezuelano, que tu utilizaste essas horas semanais de contato com o povo para informa—lo das políticas do governo, para elevar seu nível de consciência política...*

470. — O que posso te dizer, Marta? Tem sido uma experiência maravilhosa!

¹⁰⁴. Canal estatal

¹⁰⁵. Ministro da Secretaria da Presidência.

III. DIÁLOGO TRUNCADO?

— *Passando a outro tema, logo depois do golpe de abril, tu propuseste abrir um processo de diálogo nacional com todas as forças políticas e setores sociais e o único que pediste foi que estas respeitassem a legislação vigente e, portanto, as novas regras do jogo propostas na nova Constituição. Mas dá a impressão de que este espírito de conciliação foi interpretado pelos inimigos do processo como uma debilidade do governo e que estes continuam apostando na tua queda e não em um diálogo construtivo. Isto me lembra quando Lênin e os bolcheviques adotaram uma série de medidas que respeitavam o funcionamento da propriedade privada e das empresas privadas e sua publicidade, supondo que a burguesia russa aceitaria conviver pacificamente dentro da Revolução. Mas, diante da estratégia benevolente da Revolução, aquela opôs uma estratégia de tudo ou nada, de guerra civil, e apostou em destruir o novo poder contando com o apoio da burguesia de outros países. Não achas que é isto o que pode estar ocorrendo na Venezuela? Pareceria que a estratégia é derrubar Chávez e não construir o país. Que balanço fazes do diálogo? Por que a visão que se tem de fora é que não avançava nada.*

471. — *Eu acho que o diálogo sim avançou e deu alguns resultados. Claro que há setores, como tu dizes, que se negam ao diálogo.*

—*Entre eles Miquilena.*

472. — *E muitos setores políticos: a Ação Democrática, o COPEI e outros. Mas repare que como sua negativa não tem sustentação real porque seria compreensível que alguém se negasse ao diálogo devido a que seus direitos foram desrespeitados, mas como nada disso ocorreu e nós demos demonstrações mais do que evidentes, não só em palavra mas nos fatos, de nossa disposição a dialogar, torna—se evidente que não têm uma razão firme para se oporem e que se trata muito mais de uma espécie de obsessão para defender privilégios, de tirar Chávez para tratar de refazer o pacto de Ponto Fixo ou outro semelhante que favoreçam as elites.*

473. *Ninguém pode negar que tivemos atitudes que a gente poderia chamar de retificação — vamos dar—lhe esse nome —, mudança de direção da Pdvs, mudança de ministros, anúncio de políticas, mesas de diálogo, o consenso de Anzoátegui¹⁰⁶, a decisão de transferir recursos para as regiões, o respeito aos direitos humanos no caso do julgamento dos golpistas. Por isso eu acho que é fácil desmascarar essa atitude.*

474. *Por outro lado, incorporaram—se a esse diálogo múltiplos setores da vida nacional. Além disso este foi se regionalizando e nele vieram participando dirigentes sociais, políticos, inclusive alguns governadores e dirigentes políticos da oposição, ainda quando as direções nacionais de seus partidos se negam ao diálogo. Eu estava falando por telefone recentemente, quando tu entravas, com o governador de Apure¹⁰⁷ — Estado que tem o problema agora das inundações —. Bom, lá*

¹⁰⁶. Conseguido com governadores de todo o país, em que havia vários da oposição.

¹⁰⁷. Terça—feira, 23 de julho de 2002.

temos ministros, aviões, militares, é algo que afeta o país, não me importa que esse governador seja da Ação Democrática e que seu partido esteja se negando ao diálogo. E o Governador me dizia: “Olha Presidente, aqui estou reunido com prefeitos, há gente da imprensa, estou lhes dizendo que estou sumamente agradecido pelo apoio do governo nacional e que estou disposto a trabalhar por vocês para solucionar todos estes problemas e encontrar uma saída para os problemas do país”. Esse é um governador da Ação Democrática”. E há outro, o de Monagas. A eles se somam prefeitos, dirigentes regionais do COPEI, da igreja: padres, bispos, presidentes de federações regionais de empresários mesmo pertencendo à Fedecámaras¹⁰⁸. Eles se somaram ao diálogo enquanto a cúpula da Fedecámaras se nega a participar. Em Fedeindústria¹⁰⁹, em Conindústria¹¹⁰ há empresários que vêem a realidade e que não querem se deixar manipular e que os levem a se somar a uma oposição política, mas que querem assumir suas tarefas de empresários. Vieram até aqui banqueiros para dizer: “Presidente, nós queremos trabalhar com o senhor para o problema das taxas de juros, do crédito, da recuperação econômica do país, não queremos que nos manipulem outra vez”. Eles se deram conta de que os utilizaram. Não acho que sejam totalmente inocentes, mas sim acredito que houve bastante manipulação ali, que levou alguma gente por temor, por pressão midiática, a não se negar ou a participar de alguma maneira no golpe.

475. O diálogo foi bombardeado pela imprensa desde o primeiro dia. Nada importou para a grande imprensa que nessa comissão de diálogo estejam figuras como Janet Kelly – uma catedrática norte-americana do IESA¹¹¹, que vive aqui há muito tempo, uma mulher crítica do governo, mas a mim me parece que foi uma crítica não visceral – ou adversários críticos viscerais como José Luis Betancourt, dos pecuaristas, que em seguida se retirou.

476. Eu acredito sim, Marta, que o diálogo deu alguns resultados.

477. Olhe bem o que aconteceu em 11 de julho, nessa nova marcha que convocaram. Ali se evidenciou uma divisão no grupo de pessoas que vieram encabeçando a oposição. No último dia – em 11 de julho à noite – houve um diálogo entre representantes do governo e esse grupo e, desde então já se via a divisão. Algumas pessoas deles reconheceram que o governo tinha razão, que essa marcha não podia ser levada até o Palácio de Miraflores a qualquer custo, rompendo barreiras policiais, militares, criando outro caos. E ao final aceitaram chegar até onde chegaram, a uma esquina por lá a várias quadras do Palácio, e se foram. Outro sintoma desta divisão se dá quando um grupo da oposição visceral decide ir para La Carlota, a base aérea de Caracas, logo

¹⁰⁸. Federação de Artesãos, Micros, Pequenos e Médios Industriais da Venezuela.

¹⁰⁹. Confederação Nacional de Industriais.

¹¹⁰. Confederação Venezuelana de Industriais.

¹¹¹. Instituto de Estudos Avançados de Administração.

após terminada a marcha. Alguns dirigentes dessa mesma oposição saíram criticando essa ação. E eu acho que isso não é alheio a todos estes esforços de diálogo que se veio fazendo.

CAPÍTULO SÉTIMO: UM PARTIDO À ALTURA DO PROCESSO

1. COMO SE CONSTRÓI FORÇA

— Tu me dizias que se se desata uma grande força social mas não se direciona, não se canaliza, pode terminar sendo destrutiva e às vezes até autodestrutiva, anárquica, como ocorreu em muitos países. Por outro lado, tens dito repetidamente que coincides com o que proponho em meu livro “La izquierda en el Siglo XXI. Haciendo posible lo imposible” sobre a política como arte de construir força para tornar possível, no futuro, o que parece impossível no imediato. Como concebes a construção dessa força?

1) O POVO É O COMBUSTÍVEL

478. — Dizíamos lá pelo ano 93 que o povo era o combustível da máquina da história e dizíamos também que não basta que em um território determinado haja 20 ou 40 milhões de pessoas, para que possamos dizer, do ponto de vista sociológico, sócio—político ou histórico, que aí há um povo. Para que haja um povo se requer uma espécie de sentimento comum. Algum historiador falava de beber na fonte comum ou de Ter um projeto comum, um sonho comum, ter um fio invisível que una a grande maioria dos cidadãos desse território.

479. Esse povo venezuelano durante muito tempo esteve sem consciência, esteve dividido, não tinha um projeto comum, era um povo sem esperança, sem rumo. Mais do que um povo éramos um conjunto de seres humanos, mas em seguida, resultado deste processo histórico que se deu em nosso país nas últimas décadas, veio—se formando um povo. Trata—se de um gigante que despertou.

2) O DESPERTAR DO POVO NÃO É SUFICIENTE

480. Agora, esse despertar não era suficiente. Era fundamental que o povo se organizasse, era fundamental unificar e fortalecer essa força popular inaudita que andava dispersa por mil caminhos para lhe dar um só caminho. Necessitávamos orientar o povo para que aumentasse seu nível organizativo, ideológico e sua capacidade de combate. Nesse momento tínhamos uma direção nacional formada no cárcere, mas não queríamos que se transformasse em cupulismo em que nós decidíssemos tudo, sem nos importar os demais. Procurávamos modelos de organização para transformar a organização popular em uma avalanche de baixo para cima.

481. — Ao sair da prisão começamos a desenvolver algumas teses organizativas para ajudar a que o movimento de apoio massivo mas disforme, tomasse corpo. Passamos horas discutindo, comparando modelos organizativos, realizamos oficinas, fóruns.

482. Uma equipe se pôs a revisar teses organizativas, modelos de diferentes tipos e nos apresentaram várias alternativas. Conseguimos avançar bastante embora inicialmente o MBR 200 fosse um movimento perseguido, quase ilegal, declarado subversivo, seus líderes eram vigiados, e muitas vezes detidos. Nesse momento decidimos criar os comitês bolivarianos como comitês de base. Estes eram pequenos grupos quase clandestinos. Percorríamos o país com essa proposta organizativa para os povoados, comunidades, bairros, etc. A idéia dos comitês foi retomada em seguida sob o nome de círculos bolivarianos durante o processo constituinte.

483. Essa tentativa de organização não era um partido e havia muita oposição a que se transformasse em partido.

— *Mas, qual era a estrutura desse movimento?*

484. — Havia coordenadorias regionais e uma coordenadoria nacional. A situação não permitia escolher de forma democrática a direção. Era um movimento *sui generis* em uma situação muito especial: os anos 94—96.

485. O que tratávamos de colocar em prática não eram idéias completamente originais, provinham de diversas experiências, da reflexão sobre erros cometidos por outros. Sabíamos que tínhamos que estar atentos a qualquer tendência ao inchamento, ao desconhecimento das bases. Queríamos gerar um processo que viesse realmente de baixo.

2. NECESSIDADE DE UM PARTIDO ELEITORAL

— *Como surge a idéia de criar o Movimento V República?*

486. — Aquilo de transformar o MBR 200 em Movimento V República (MVR) para enfrentar as eleições de 1998, foi todo um debate intenso e duro, porque o MBR 200 foi se radicalizando e quando no ano 1996 começamos a estabelecer a via eleitoral como possibilidade houve — como te contava — uma reação muito dura no movimento, que não era partido nem tinha estrutura partidária, nem havia ali inicialmente uma intenção eleitoral.

487. — Foi em uma Assembléia Nacional do MBR 200 — realizada em Valencia em 19 de abril de 1997 — quando se decide participar da luta eleitoral. A idéia é se manter o perfil e o projeto do MBR 200, mas fazer com que este Movimento se transforme no motor central de um movimento político eleitoral que em seguida se chamou Movimento V República. Nunca pensamos que o MBR 200 devia desaparecer, mas que devia se transformar na força impulsionadora do partido eleitoral.

— *Quando é criado exatamente o MVR?*

488. — O MVR é um partido que nasce em uma conjuntura tática bem determinada: as eleições para a Assembléia Constituinte em 1999 e participa do resto dos processos eleitorais de 2000. Da mesma forma, foi formado no calor de um processo, não se forjou na luta clandestina. Como nasceu em meio a uma avalanche (de apoio a Chávez), aí se montou muita gente interessada, ambiciosa, camaleões, etc. Sabíamos que isso podia acontecer, foi parte do risco assumido com consciência.

489. Mas como este foi um partido que nasceu para eleições, as pessoas se prepararam para isso em primeira instância, quer dizer, para o tático, e talvez esquecemos um pouco o estratégico. Por outro lado, boa parte dos nossos líderes fundamentais assumiram cargos: chegaram a ser governadores, prefeitos deputados, embaixadores e foram absorvidos pelas novas tarefas. Viram—se comprometidos com um sistema que absorve, que limita, tiveram que enfrentar os problemas do aparato burocrático.

490. A mim pessoalmente também me aconteceu isso. Desde 94 até 97 eu era um líder político que dedicava meu tempo a organizar o Movimento, a ler, a estudar, a orientar a estratégia, a ideologia, a doutrina, a tática, mas quando saio eleito presidente, de onde podia tirar tempo para estas tarefas? Tive que delegar quase totalmente o trabalho político—partidário, sendo presidente do partido como continuava e continuo sendo.

491. Resultado desta situação fomos sentindo que o MVR foi se burocratizando e se distanciando das massas. Havia como uma apatia, uma chatice, Marta. Começaram a surgir elementos preocupantes, por exemplo, as pessoas se queixavam muito nas regiões de que não havia dirigentes à altura das necessidades, de que havia muitas divisões internas, rivalidades.

492. Eu sentia que o Partido já não convocava, que já não servia para a nova situação estratégica na qual estávamos entrando: uma fase de aprofundamento do processo. Estou te falando de 2001, quando entramos na fase habilitante das leis transformadoras. Eu estava consciente de que com isso íamos aprofundar o processo e que logicamente ia gerar reação e, de fato, ocorreu. Eu sentia o Partido como quando tu tens um veículo e aperta o acelerador e não arranca. A isso é preciso acrescentar as contradições internas que foram surgindo.

493. Havia um frio mortal nos bairros, nas ruas. Frio nos atos nas regiões, muitas queixas da população sobre um partido sem contato com o povo. Eu o sentia, porque – como sabes – eu não me encerrei nunca em Miraflores¹¹². E isso me esfriava o sangue.

494. Nesse momento se dá no Partido uma discussão teórica: de que se é um partido de quadros ou um partido de massas.

495. Os prefeitos, os governadores, não estavam cumprindo seu papel porque todas as queixas chegavam até mim: que estou doente, que não tenho onde morar. Era um acúmulo de trabalho extraordinário que caía sobre os meus ombros. Tinha que me valer de uma série de equipes menores para atender problemas que deviam haver sido atendidos pelos prefeitos e governadores. Onde estavam os quadros do Partido que deviam ajudar esta gente?

496. Apesar de tudo isto, não podemos esquecer que o MVR cumpriu um papel muito importante em 1999 no combate constituinte, e em 2000 no processo de relegitimação de todas as autoridades. Conduziu sete campanhas eleitorais e as ganhamos todas.

3. ANÚNCIO DO RELANÇAMENTO DO MBR 200 SURPREENDE E AGITA

497. Motivado por esta situação preocupante na qual se encontrava o MVR, em 25 de abril de 2001 anunciei o relançamento do Movimento Bolivariano Revolucionário 200, idéia que vinha discutindo com grupos de pessoas fazia tempo.

— *Dizem que não consultaste ninguém antes de lançar esta idéia publicamente, é assim?*

498. — O anúncio o fiz como resultado de reflexões não consultados nem discutidas no Partido, estou de acordo. Agora, eu lembro que quando o disse todo mundo parou para aplaudir lá na Assembléia e essa gente é do Partido: deputados e outros dirigentes que estavam aí. O aspecto central do meu discurso era a necessidade de gerar um movimento de massas. Este anúncio tomou todo mundo de surpresa e, como sempre, a imprensa adversária começou a manipular: “Que Chávez decretou a morte do Movimento V República e agora vem o MBR—200, outra vez a coisa militar violenta”. Claro, isso foi assumido com preocupação por alguns. Na verdade não era minha intenção fazer desaparecer o MVR. Acho que uma parte importante dos dirigentes entendeu e assumiu a orientação que eu estava dando. Naquele momento eu lancei a orientação geral, mas logo lhes disse: “Esboçemos a metodologia, a tática, como fazer para reativar a organização popular, os círculos bolivarianos”.

499. Eu acho que esse trabalho que se iniciou desde então, com todas as imperfeições e contradições que teve, permitiu—nos dar uma resposta à greve geral convocada pela oposição em 10 de dezembro. Nesse dia houve uma resposta popular bastante importante.

500. Meu discurso terminou sendo uma sacudida, inclusive acho que obrigou o Partido a assumir o trabalho popular que havia quase abandonado. Por outro lado, revitalizou as bases populares e começou um processo entrecruzado.

1) RELANÇAR A V REPÚBLICA

501. Meses depois do relançamento do MBR 200, em 17 de dezembro desse ano, esclarecemos¹¹³ que esse fato não significava que o Movimento V República devia desaparecer, mas que, pelo contrário, havia que “relança—lo” e fortalece—lo para que se transformasse em um dos motores fundamentais para impulsionar e orientar esse movimento.

502. Esclarecemos que o MBR 200 não era um partido nem era patrimônio de nenhum partido, que era o próprio povo organizado defendendo e impulsionando a revolução. E colocamos o exemplo das gotas d’água. Eu dizia que cada um de nós é como uma gota d’água e unido a outras gotas formamos uma corrente e muitas correntes formam um grande rio. Um círculo bolivariano

¹¹². Palácio de Governo.

¹¹³. Hugo Chávez, **Relançamento do Movimento Bolivariano 200 e do juramento dos círculos bolivarianos**, Discurso de 17 de dezembro de 2001.

pode ser de sete pessoas, dez pessoas, 15 pessoas. Devem existir em cada esquina, em cada bairro, nas aldeias, nos campos petroleiros, nas fábricas, nas bodegas, nas escolas, nas escolas bolivarianas, nas escolas técnicas, nas fábricas, nos povoados indígenas. Em todas as partes deve haver círculos bolivarianos e devem se constituir redes sociais de círculos bolivarianos, e várias redes sociais vão formando uma corrente de círculos bolivarianos que vão se transformando como em um rio. As várias correntes devem ir formando as forças bolivarianas. Há muitas que já existem, mas é preciso fortalece—las muito mais, como por exemplo a força bolivariana dos trabalhadores. Existem forças bolivarianas das mulheres, da juventude e dos camponeses, e todas elas unidas formam o grande Movimento Bolivariano Revolucionário 200. É esse movimento que vai garantir, acima de todos os riscos e perigos, a consolidação do processo revolucionário.

503. Os núcleos básicos do MBR 200 são os círculos bolivarianos e as forças bolivarianas. Estas organizações, como te dizia, transcendem e transbordam os partidos.

504. As forças bolivarianas vieram nascendo no mesmo processo e vieram se agrupando por setores sociais, como te disse antes. Ali há militantes do V República, do PCV, do PPT, mas a maioria é gente sem partido. Porque essa é outra parte de nossa realidade, nosso povo foi se distanciando dos partidos e muitos tiveram dificuldades para aceitar o MVR porque o vêem como um partido a mais. Ainda lhes falta muito no que se refere à organização

505. Este processo levou muitas dinâmicas, há redes populares por todas as partes, há organizações culturais, há organizações ambientalistas, sindicatos. Como se organizaram sindicatos nos últimos anos! Especialmente no ano passado. Bom, os círculos bolivarianos não são mais do que uma manifestação do poder constituinte e organização, em movimento.

—Que tarefas concretas realizam os círculos bolivarianos?

506. — Assumem as mais diversas tarefas: trabalham, por exemplo, em sua comunidade: atendendo idosos, cuidando da ecologia, plantando árvores, nos bairros, garantindo a segurança da cidadania e a ordem pública, combatendo a delinqüência...

507. E quero te esclarecer que os Círculos Bolivarianos não são financiados pelo governo. Eu lhes propus que façam coletas, procurem algumas finanças entre eles mesmos, façam cooperativas de produção, de consumo. Que façam algo, que inventem, porque a força maior que tem um povo é seu próprio poder, sua inteligência, sua própria força.

—Por que a direita os tem satanizado tanto?

508. — Porque tomaram muita força e o que mais teme a direita é um povo organizado. Por isso realiza uma campanha sistemática contra eles, exerce uma espécie de terrorismo, acusando—os como grupos paramilitares violentes. Mas eu acho que essa campanha satanizadora ao invés de debilitar veio potencializa—los.

—Quero que me esclareças uma coisa, se o MBR 200 se transforma em V República e este partido é, como disseste, um partido de inundação ao qual chegaram muitos oportunistas, etc., se a

metade ou mais de seus membros não estão à altura das circunstâncias, se não são quadros que estão dispostos a se arriscar por esse processo – ao menos essa é a visão que eu recolhi na maior parte dos meios por onde me movi aqui na Venezuela —. Como é que esse partido vai ser o instrumento apto para conduzir o processo revolucionário?

509. – Eu não condenaria o Partido de forma tão drástica. Eu te diria que se nos colocamos a comparar os quadros dirigentes do que foi o MBR 200 até 97 e os quadros dirigentes do Movimento V República hoje, diria a ti que basicamente são os mesmos. Quer dizer, o que foi a direção nacional e muitas direções locais e regionais do Movimento continuam sendo hoje dirigentes do MVR. Em nível nacional: William Lara, Iris Varela, Cilia Flores, Pedro Carreño e muitos outros continuam sendo líderes fundamentais, e são os deputados mais duros, dos mais firmes. E os governadores: Reyes Reyes, Florencio Porras, Blanco La Cruz, que quando saiu da prisão se afastou, mas foi dos nossos no início, Hilmer Viloría, o de Trujillo e meu pai, que se meteu no Movimento desde que eu estava na prisão. Adán, meu irmão, Freddy Bernal e muitos dos quadros que trabalham com ele, o prefeito de Barquisimeto. Todos eles foram fundadores do Movimento e muitos outros que estão em posições de governo.

510. Quer dizer, o núcleo do MBR 200 se mantém no seio do Movimento V República e acho que foi o impulsionador fundamental do partido. Claro que em seguida chegaram figuras como Miquilena que assumiram bastante poder ali, mas veja como o corpo mesmo do que são as lideranças originais as foi rejeitando até que saíram.

511. Quer dizer, o MBR 200 como que teve ali seu núcleo para ser o impulso do Movimento V República. Claro, o que tu dizes é correto, chegaram aproveitadores, gente sem escrúpulos, sem ideologia, sem a concepção revolucionária, mas eu acho que o processo mesmo vai decantando, vai excluindo. Eu acho que depois do golpe – e essa é uma coisa positiva que ocorreu – surgiu um movimento para dentro de reflexão, de retificação, há como um impulso social que surge para além dos partidos.

4. UM CHEFE SEM ESTADO MAIOR

—Conversando contigo me dizias que tu eras um chefe sem estado maior, acho que a forma em que relançaste o MBR 200 é uma prova disso, mas entendo que quiseste formar esse estado maior, é assim ou não? Que tentativa fizeste nesse sentido nestes três anos? Consequistes trabalhar em equipe? Quem formou essas equipes?

512. – Confesso—te que eu sou um tipo difícil. Se tu trabalhasses comigo diretamente talvez brigáramos, perceberias que sou difícil para trabalhar. Essa é uma particularidade que tenho. E fiz esforços para melhorar nesse sentido.

— E por que é difícil trabalhar contigo?

513. – Eu acho que sou sumamente exigente. Muitas vezes reclamo muito duro, e essa exigência vai gerando distâncias – me distancio ou se distancia a outra parte – e isso não deveria ser porque eu teria que criar condições para que as pessoas retifiquem e possam melhorar o trabalho em

equipe. Eu gosto do trabalho em equipe, não gosto da solidão – acho que ninguém gosta – agora, os que trabalharam comigo sentiram o impacto de um chefe exigente, às vezes implacável quando se refere ao trabalho, sem limites de tempo, nem de dia, nem de hora. Acho que essa é uma dificuldade. Tive equipes, naturalmente, e tenho equipes. Às vezes, quando ocorre que algo sai mal, digo que não tenho equipe, mas tenho sim! Disse—te que não tinha estado maior, mas tenho sim e não só um mais vários: o Gabinete, o Conselho de Ministros, a equipe política do Partido, a equipe econômica e o Comando Político da Revolução. Isso não funcionou da forma como deveria funcionar por diversas razões, algumas eu acho que são estruturais.

514. – *Estruturais em que sentido?*

515. – Por exemplo, os ministros às vezes são absorvidos quase totalmente por seu espaço, por sua estrutura, por seus desafios, pela dinâmica de cada ministério, pelas falhas da estrutura do Estado e então às vezes custa Ter uma equipe integrada. Os ministros tendem a se isolar em seu próprio âmbito. Essa é uma das causas que explicam as dificuldades que temos, além de minhas próprias falhas.

—*Tu falhas?*

516. Eu costumo Ter uma dinâmica atropeladora, de agenda muito variável. Em uma ocasião me dizia alguém. “Tu tens que organizar de forma mais científica tua agenda, aplicar a ela alguma ciência”. Minha agenda tem uma dinâmica tão mutante que dificulta em grau importante que quem trabalha comigo possa levar uma agenda mais científica, mais programada. Às vezes o que está preparado para um dia o desbarato e o coloco de pernas para o ar. Não o faço por prazer, acho que muitas vezes se justificam as mudanças de agenda. Mas acho que nem sempre quem trabalha comigo compreende isto ou eu não sei explicar, e isso gera perturbações no trabalho da equipe.

517. Mas para além disso, Marta, eu acho que estamos em uma dinâmica envolvente e tudo isto gera dificuldades próprias, rotatividade de pessoas. Alguns me criticam, sei disso, pelas mudanças permanentes que faço, mas é que às vezes temos que avançar por erro e acerto. A Pdvs, por exemplo, teve cinco presidentes sem contar o atual, mas isso se deveu a que não havia encontrado alguém que pudesse assumir com êxito a responsabilidade técnica e política de dirigir uma entidade tão importante para o país como essa. Faz alguns meses nomeei Alí Rodríguez e tenho a certeza de que consegui encontrar a pessoa que precisava.

518. Mudei várias vezes ministros e vice—ministros. Às vezes demora que uma pessoa consiga ter as duas qualidades das que falava Maneiro: eficácia política e qualidade revolucionária, ou o que Matus designa como a tecnopolítica. Tu às vezes tens alguém muito bom como político, mas então, na hora da direção técnica ou da gerência de uma área específica. Começam a mostrar debilidades. Tive e tenho ministros e ministras maravilhosos. Tive outros, no entanto, que acreditei que iam fazer um bom trabalho e não o fizeram, seja por individualismo, ou porque queriam trabalhar só com a equipe com a qual estavam acostumados desde há anos, ou porque defendiam umas teses desde há muito tempo atrás e consideravam que havia chegado o

momento de coloca—la em ação, mas muitas vezes essa tese particular ou grupa, em uma área específica, não coincidia muito com a estratégia geral do governo, então começavam a haver choques com outros ministros ou diretores e inclusive com o próprio Presidente. Tive que tirar gente com toda a dor da minha alma, porque não entendem o projeto nem o processo que estamos vivendo. Tem uma ótica distinta, mais particular ou mais geral. Enfim há uma série de causas que explicam essa rotatividade que eu sei que é prejudicial.

— *Há quem diga que tu diriges muito militarmente*

519. – Isso é verdade. Talvez isso pudesse refletir um desejo firme de levar adiante algo importante, mas digamos que para as grande coisas de governo não acho que seja assim. Eu gosto muito de delegar. Dificilmente encontrarás um ministro que possa dizer que eu estou encima, bem mais se queixam de que eu os deixo muito sós ou não lhes atendo alguma coisa. Acho que me estilo é muito diferente do método militar clássico, que se limita a dar ordens e a passar por cima das pessoas. Eu delego bastante, se tu entrevistas as pessoas que trabalham comigo poderiam te ratificar o que estou te dizendo. Eu gosto de fazer isso em quase todas as áreas, para que seus responsáveis desenvolvam sua iniciativa. Acho que às vezes deleguei demasiado em pessoas como Miquilena ou em determinados grupos que adotaram decisões às vezes sem me consultar e quando me inteirei das decisões tomadas, às vezes já não há marcha atrás para corrigir alguma coisa que talvez não era mais conveniente. A área em que menos delego é na área militar.

5. O PARTIDO QUE O PROCESSO NECESSITA

— *Tu mencionaste o Comando Político da Revolução¹¹⁴ como um de teus estados maiores e explicaste – no momento em que o nomeaste, em janeiro deste ano –¹¹⁵, que tua idéia era que este comando articulasse os responsáveis por levar à frente o processo nas diferentes esferas do governo: governadores, prefeitos, ministros, deputados, etc., que então andava cada um por si. Defendias que esse comando conjunto era particularmente importante nesta fase política tão complicada que vocês estão vivendo, quando se procura aprofundar o processo revolucionário e a direita opõe uma tenaz resistência às mudanças. Apontavas a necessidade de planejar as batalhas*

¹¹⁴. O Comando Político da Revolução, instrumento político criado por Chávez para conduzir o processo revolucionário e juramentado em 10 de março de 2002 está formado por 41 membros em que há representantes dos diferentes partidos que me apoiam (MVR, PCV, MEP, MAS MAS, Liga Socialista) e de organizações populares (FBT, FBM, FBC, etc.). Dentro dele existe um diretório geral e um secretariado permanente. Tem um comandante geral que é neste momento Hugo Chávez. No diretório geral estão: William Lara (MBR 200), Aristóbulo Istúriz (PPT), Ismael García (MAS MAS), Freddy Bernal (MVR), María Cristina Iglesias (PPT), Emma Ortega (dirigente campesina), Luis Reyes Reyes (MBR 200), Diosdado Cabello (MBR 200), Nicolás Maduro (MVR), Rodrigo Cabezas (deputado independente pelo estado de Zulia) e Guillermo García Ponce (ex PCV), que foi designado chefe desse comando. A Secretaria Permanente está formada por María León (PCV) e Nora Uribe (jornalista independente). O resto dos membros está agrupado em 6 subdireções: Política Públicas e governabilidade; Organização e participação popular; Propaganda e comunicação social; Ideologia e cultura e Soberania e defesa nacional.

¹¹⁵. Hugo Chávez, *Juramento do Comando da Revolução na Sala Plenária do Parque Central de Caracas*, Venezuelana de Televisión (VTV), Caracas, 10 de janeiro de 2002.

para conduzir as forças populares à vitória. Estimavas que para conseguir esse objetivo era necessário que este comando tivesse claro o momento que se está vivendo, para onde se encaminha o processo, quais são as metas e objetivos da Revolução. Lembravas então que o projeto revolucionário tem cinco grandes eixos estratégicos: o eixo político, que se propõe a construir a democracia bolivariana, o econômico, que procura construir um modelo econômico produtivo, humanista, sustentável e diversificado e o social, que se propõe a pagar a dívida social e conseguir a justiça social: meta essencial e o fim supremo da Revolução, o territorial, que pretende a desconcentração do poder e o equilíbrio no desenvolvimento territorial e, por último, o internacional, que se orienta a fortalecer nossa soberania no quadro de um mundo pluripolar. Dizias que esses 5 grandes eixos do projeto nacional da Revolução foram aprovados pela Assembléia Nacional este ano e que do que se tratava então era de levá-lo à prática. Para cumprir estas tarefas com eficácia política insistias em que era necessário abandonar os interesses individuais, partidários, os sentimentos mesquinhos, de rivalidade entre partidos, entre grupos. Dizias que havia que assumir com firmeza o timão da nave revolucionária entre todos para levá-la para sua consolidação.

Com todo este projeto político, onde fica teu antipartidarismo?

520. – Eu critiquei atitudes de determinados partidos políticos, mas isto não significa que condene os partidos políticos, não. Pelo contrário, gostaria sim que houvesse um partido que esteja à altura do processo.

— *Como imaginas esse partido?*

521. – Acho que deve ser um partido apropriado ao processo revolucionário pelo qual lutamos e à realidade em que este está inserido.

522. – Assim como uma organização militar deve ser suficientemente flexível para se acoplar a uma realidade mutante – tu não podes ter uma unidade blindada que seja rígida, que não seja capaz de mudar, de se adequar a diferentes situações de combate seja na selva ou no deserto, no inverno ou no verão, que não possa se acoplar à realidade que se impõe a ti – um partido político deve ser capaz de se acoplar à realidade. Hoje, por exemplo, o partido, seja qual for, falemos do MVR, do PPT, do MAS MAS¹¹⁶, do PCV, qualquer deles, se se abre um momento eleitoral, deve ser capaz de se inclinar para ganhar as eleições, esse é o elemento definatório nesse momento. Mas passado o evento eleitoral o partido deve se dedicar a outras coisas.

523. Suponhamos que resultado da batalha eleitoral se ocuparam alguns espaços: uma prefeitura, um governo, uma junta paroquial. Acho que o partido deve transformar esses espaços em uma base de operações, em um instrumento para começar a aplicar ali alguns elementos de sua ideologia, de suas teses programáticas. Deveria começar a transformar a concepção e a *praxis* do governo. Colocar em prática uma forma de governar diferente. Pelo povo, para o povo e com o povo. Deve promover a participação popular. Dependendo do espaço que for, do nível que for, da

¹¹⁶. Fração do MAS (Movimento ao Socialismo) que continua apoiando Chávez

força com que se chegou a esse espaço, essa aplicação será mais superficial ou mais profunda. Desse ponto de vista nós, no nível da presidência, estamos aplicando muitos critérios que procedem de nossas concepções ideológicas. Os governos, as prefeituras devem fazer o mesmo.

524. Agora, há outros espaços onde a situação é diferente, no sentido de que não se conseguiu conquistar uma posição de poder. Aí o partido deve ser capaz de se acoplar às particularidades desse realidade. Em um município onde não governe, o partido deve se meter a fundo na organização popular, deve impulsionar ainda mais os movimentos populares, a consciência popular, a ideologia que o sustenta, a visão estratégica. Isto não quer dizer que nos espaços conquistados não deve também fazê-lo, mas nos primeiros é ainda mais importante.

525. Um partido deve ter claro seu mapa estratégico e deve navega-lo. Organização do movimento popular deve ser palavra de ordem de todos os dias, principalmente se é um partido revolucionário. E deve utilizar para isso todos os mecanismos de que disponha, esteja no governo ou não. E lembro que líamos na prisão algumas concepções gramscianas. Dizia Gramsci que um partido que aspire a dirigir a sociedade deve ser dirigente antes de chegar ao poder, entendendo por poder o que classicamente se entendeu por tal.

526. Não contamos com um partido ou uns partidos como esse, mas tampouco acredito, Marta, que possamos dizer que não temos nada disso, porque se não tivéssemos nada, esta realidade não seria como é hoje. E acho que há dirigentes políticos nossos em nível local e nacional – e não só do MVR – que estão fazendo muito bom trabalho.

527. Começamos a transitar de uns partidos atuando em um quadro eleitoral para uns partidos trabalhando por uma Revolução, por uma organização popular com uma ideologia clara, ajudando a impulsionar as massas através de quadros bem formados. Acho que é preciso afinar muito mais, trabalhar muito mais nisso, mas não acho que estejamos no zero, algo avançamos nesse sentido.

528. Talvez a solução para construir o instrumento político que necessitamos seja criar uma instância que vá além dos partidos e que proponha um movimento unitário, um bloco popular bolivariano. Acho que é parte do que estamos procurando.

1) O QUE FAZER COM OS QUADROS DE GOVERNO QUE NÃO PROMOVEM A PARTICIPAÇÃO

— *Tu insistes em que os quadros do partido no governo deveriam Ter como uma de suas tarefas fundamentais promover a participação popular, mas a população se queixa de que muitos desses quadros o que menos fazem é isso.*

529. É preciso funcionar com os que estejam. Logo virá a dinâmica social que solucionará isso e a dinâmica política também. Eu acho que a participação da população poderia oferecer soluções para estes problemas: que se este não trabalha, que se o outro não veio...Na medida em que a maioria da comunidade esteja participando, esses líderes ou dirigentes se verão obrigados a mudar ou serão rejeitados. Eu acredito nisso.

530. Na Constituição se fala das assembléias comunais cujas decisões terão carácter vinculante nos termos apontados pela Lei de Participação. É verdade que a lei ainda não foi aprovada, mas já no ano passado, em um município, acho que do Estado de Trujillo, a população fez uma assembléia e decidiram destituir o prefeito e foram à prefeitura com suas assinaturas. Embora aquilo que fizeram segundo a lei não era admissível, te conto isso porque reflete tudo o que este processo constituinte gerou na população no que se refere ao espírito de participação. Aqui há um espírito de participação solto, libertado por toda parte. As pessoas já não andam retidas, amarradas. Agora, esse espírito tomou corpo e acho que a maior parte das vezes não está tomando corpo no quadro exato do que diz a Constituição mas que há muitos mecanismos espontâneos. Aqui em Caracas, por exemplo, há umas mesas de água¹¹⁷, isso existia antes, mas agora se reativaram.

531. Agora, eu não acho que todos os prefeitos sejam indiferentes em relação à participação. Eu vi que se dá um impulso à participação em algumas prefeituras, por exemplo, aqui em Caracas com Freddy Bernal. Ele tem a idéia e lançou algumas políticas importantes de participação no nível de bairros, de programas, de projetos. Teve algumas experiências de brigadas juvenis, infantis, está impulsionando com grande força os comitês de terras urbanas. E, lá por Sucre, em Barquisimeto, e não sei em quantos outros lugares ocorre o mesmo.

532. Aqui em Caracas há dois projetos em marcha que poderíamos toma—los como projetos pilotos de participação – são os que eu vi, mas há muitos outros —: o de Las Malvinas e o Winche. Eu te comentei o de Las Malvinas, onde estivemos com o prefeito Freddy Bernal – pena que tu não foste —. Ali fizemos uma reunião primeiro com os líderes naturais dessa zona expondo problemas, entregando propostas, projetos, queixas, conquistas. Via—se neles muita mística. Em seguida fomos ver um dos trabalhos que está fazendo a comunidade com recursos administrados por eles mesmos através de cooperativas, de juntas de vizinhos, com o apoio do Plano Bolívar. Ali estavam recuperando o bairro, construindo áreas comuns, praticando esportes, têm uma estação de rádio comunitária, solicitaram permissão para outra. Dá—se uma atividade interessante de motivações e participação popular, embora ainda muito incipiente, porque falta muito em termos de método, de acompanhamento, mas há um impulso que não fica em pura teoria, que tem um impacto real que está começando a se concretizar.

533. O outro exemplo foi no Winche, no outro extremo da cidade, no Município de Sucre. Aí está como prefeito José Vicente Rangel. Essa é uma das zonas mais deprimidas, lá em Petare. Fizemos aí recentemente o programa “Alô Presidente”. E participou do programa uma senhora, a presidente do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade que existe tal lugar. E eu lhe perguntei: “Tu és a chefe?”. E ela me deu uma resposta extraordinária: “Não, eu não sou a chefe. Aqui não há nenhum chefe, Presidente. Aqui temos uma organização horizontal”. “Ah, muito bem!” – lhe digo —, olha como me deixaste frio! Explica—me um pouco”. “Bem, aqui não há

¹¹⁷. São meses de trabalho que agrupam técnicos e pessoas de um bairro interessadas em resolver os problemas da água em tal localidade.

chefes, há uma coordenadora, este é um Conselho de Desenvolvimento que existe há um ano. Aqui nunca vinha um prefeito nem ninguém e uma vez chegaram umas pessoas com uma camiseta da Prefeitura de Sucre e nos distribuíram uns folhetos e um cartaz convidando—nos para uma reunião. Fizemos uma assembléia e aí nos disseram que fôssemos nos reunindo para fazer o Conselho de Desenvolvimento, que eram instruções do prefeito, que este viria logo.

534. Na reunião que se fez para formar este conselho participaram umas 700 pessoas, uma quantidade importante para esse bairro, e foram elas que nomearam sua direção. Eles estão organizados com relação às moradias que estão sendo construídas. Opinam sobre seu traçado. Também foram eles os que procuraram a solução para algo gravíssimo como é o problema da água. Ali não têm água, um caminhão sobe a cada 20 dias para um jorrinho de água a cada família, que a guarda em um tonel. Eles descobriram que se podia fazer chegar a esse lugar a água de uma represa próxima. Sua iniciativa foi levada em consideração: o prefeito junto com o Plano Bolívar, o Plano Caracas e o Ministério do Meio Ambiente, fizeram um estudo e comprovaram que era sim fatível resolver o problema da água ali. Podia—se tirar água dessa represa para levá—la a esse bairro. A prefeitura já conta com recursos e entro de um ano se poderá concluir essa obra e esse bairro terá água.

535. E também terá escola, quadra esportiva. Estão pensando em como processar a mandioca, etc. Quer dizer, tu vês ali um delineamento constitucional posto em prática, a participação tornada realidade.

536. Há outros projetos na Paróquia 23 de janeiro, em Catia. São projetos que estão sendo implantados.

2) CONTROLE POPULAR, FAZER CHEGAR IDÉIAS

537. Temos que nos aproximar cada dia mais das organizações populares, ouvir cada dia mais suas críticas, suas contribuições, suas idéias, porque quem melhor do que elas para controlar a ação do governo em todos os níveis e por todas as partes. A mim me podem enganar, eu tenho só dois olhos, mas na medida em que todos os venezuelanos conscientes nos transformemos em controladores, vigilantes, tanto das obras menores que estão sendo feitas no município como das atividades que desenvolva o governo municipal. Que observem suas falhas, onde estão os infiltrados no governo municipal, no governo estadual, no governo nacional, onde estão os quinta—coluna. É preciso estar vigilantes porque há uma extraordinária capacidade de camaleonismo. Essa é uma das grandíssimas dificuldades quando se quer fazer as revoluções pacificamente.

538. Pedi às organizações populares que me façam chegar informações, principalmente recomendações sensatas e puras para ir tomando decisões de maneira progressiva, de maneira pontual e eficiente para ir solucionando os problemas.

539. É preciso passar do que diz a Constituição para os projetos concretos em cada área, e nada melhor do que a participação da comunidade organizada para oferecer idéias em educação, saúde, trabalho e tantas outras coisas.

540. Agora eu estou consciente, Marta, de que a nossa liderança deve contribuir muito mais e ter mais clareza para dar concretização e formas permanentes à participação popular.

6. CHÁVEZ POPULISTA?

— *A propósito da liderança que promove a participação popular, a ti costumam te acusar de populista, de caudilho, quando o que tu procuras é organizar o povo, proporcionar protagonismo à população, impulsionar o surgimento de lideranças locais, entender que uma das falhas mais importantes do processo foi não haver podido formar um comando estratégico único da Revolução, embora já se tenha avançado algo nesse terreno.*

Por outro lado, sei que não podes fechar os olhos diante do fato de que para este povo tu és um mito ou lenda, mas também sei que manifestaste que do que se trata é de transformar este mito em um movimento e não ao contrário. Não se trata de substituir o movimento por um caudilho ou um Messias, mas de transformar “uma massa que era imóvel, amorfa, em uma massa em movimento”. No entanto, não achas que há um estilo teu que propicia este mito, como por exemplo, o programa “Alô Presidente” ao qual te referiste anteriormente, no qual quem contata a pessoa de Chávez resolve seus problemas?

Por outro lado, eu sei que tu tens uma grande sensibilidade social. Quando te acompanhei ao programa “Alô Presidente”, ao ato de entrega da escolinha e ao centro médico em Puerto Cruz, vi como tratavas as pessoas, como te interessavas por seus problemas. Passaste várias horas nisso. Quando te via pensava que passaria se dedicasses todo esse tempo ou pelo menos parte dele a promover discussões com as comunidades organizadas e a estimular que a população discuta seus problemas e procure soluções; passar do vizinho que mendiga ao vizinho que decide, como se diz em um de nossos documentários. Eu lembro que em algum dos governos locais que eu estudei se recebia a população para que expusesse suas reivindicações mas sempre que o fizesse de maneira organizada de tal forma que a solução se revertesse em uma ação comunitária.

541. — Vou me defender, vamos tomar esse caso de hoje¹¹⁸. Não acho que minha atitude ali tenha sido contraditória com a idéia estratégica de construir uma força organizada, de conseguir a participação. Agora, acho sim que essa ação deve ser injetada de uma maneira mais afinada, com maior metodologia e é aí precisamente onde nos interessa muito essas experiências nas quais tu tens trabalhado e a mim, pessoalmente, me interessa melhorar métodos e ativar outros métodos complementares a este. Repito, isto não se choca com a idéia da participação, é uma maneira de tratar de leva—la à prática. Vou lembrar alguns dos casos de hoje. Descemos do helicóptero, tu

¹¹⁸. Refere—se à atividade em Puerto Cruz. Nessa mesma noite gravamos esta parte da entrevista.

talvez notaste que aí estavam esperando uns veículos para nos levar ao lugar do ato e eu decidi ir à pé. Via as pessoas que estavam ali esperando minha chegada desejosa de que a saudasse e não pude reter o impulso de falar com eles. Então uma visita programada para duas horas como era a de hoje, termina sendo todo o dia.

542. Mas sim, é preciso melhorar o método. Lembro que, quando veio Fidel e viu que o povo se aproximava e me passava bilhetinhos, me pedia coisas, disse à população: “Chávez não pode ser prefeito de toda a Venezuela, vocês vão mata—lo”.

543. Deixe—me te dizer, Marta, que aqui vieram jornalistas do mundo e alguns me acompanharam como tu estás fazendo. O que acontece é que agora mesmo tu estás chegando em um momento em que eu estou atuando quase como guerrilheiro social. Eu apareço aí às vezes sem avisar, inclusive esta manhã não sabiam se eu ia ou não ia chegar¹¹⁹.

544. Primeiro aquilo nos transbordava, nos tornávamos loucos com tantas reivindicações. Agora passamos a outra etapa, vimos desenvolvendo um método. Por aí anda um rapaz com um computador e processa as reivindicações e há um gabinete no Palácio onde trabalham quarenta pessoas: advogados, sociólogos, principalmente gente jovem, que vão reagrupando as reivindicações e vão selecionando casos de moradias, casos de agricultura, de emprego, casos de saúde. Então uma parte desses problemas vão se transformando em procedimentos de organização popular e eu insisto muito nisso. Tu viste esta manhã quando aquela senhora que tem a casa na quebrada, a gorda que limpa esse hospitalzinho, me expõe seu problema, que não é apenas dela, então eu propus que amanhã ou depois de amanhã fosse uma comissão da moradia, de agricultura, para que estudasse o problema que é comum a toda essa gente, porque estou seguro de que a maioria tem problemas parecidos. Então daí surgem projetos como o “Projeto Avispa”, do qual te falei antes.

545. Há um capitão de Fragata que é chefe do Projeto Bolívar na zona Litoral e com ele galei um momentinho. Eles se metem na comunidade e o ideal é que ouçam a comunidade, que averiguem o que é o que eles necessitam antes de elaborar o projeto. O hospitalzinho que vimos bem bonito é exemplo disso. Como a zona é quente, tem uma altura adequada e um pátio no centro para que haja ventilação, da mesma forma a escola. Já não é como antes quando se aplicava o mesmo modelo para as zonas frias e as zonas quentes. Agora se está levando em conta as particularidades de cada região. Eu não posso te garantir que a construção dessa obra haja estado impregnada em uma porcentagem importante de participação comunitária, mas por algumas coisas que vi e pelo que me disse o governador, acho que houve sim.

¹¹⁹. Em seguida ao golpe militar de 11 de abril de 2002 e às ameaças de morte por parte da reação, a segurança do presidente lhe expôs que restringisse ao máximo seus contatos públicos. Foi assim que durante mais de dois meses saiu muito pouco à rua. Um jovem oficial me dizia a respeito: “a segurança é pior do que os fascistas, está afastando o presidente de seu povo quando sua força está justamente nesse contato fluido que manteve com os setores populares”.

546. Foi um martelar meu no sentido de que é preciso motivar que a população expresse suas idéias, que o projeto deve ser elaborado de acordo com o que eles queiram e não que sejamos nós os que tracemos friamente um projeto, sobre um mapa, sobre um gráfico e vamos lá fazer isso. Não!, não!, vamos lá primeiro falar com a população.

547. Tu viste que ali estavam plantando nos morros. Não é que essa terra seja tão boa para a agricultura, mas eles dizem que é boa e isso quer dizer que é boa para eles. Então não se pode descartar, não podemos decretar de cima que aí não haja agricultura. Deve vir um técnico perguntar a eles o que produziram, mas também se deve fazer um estudo científico do solo para saber para o que é bom esse solo, se para arroz, caraota¹²⁰, patilla¹²¹. Então, com base nisso, lhes é dado um microcrédito. Às vezes não lhes é dado dinheiro porque as pessoas têm tanta necessidade que o gastaria em outras coisas, mas se lhes entregam alguns instrumentos de trabalho como a escardilla¹²², o barretón¹²³, um machado, uns facões para limpar o conuco¹²⁴, e lhe oferece um especialista agropecuário que lhe vá dar um curso para orienta—los para o cooperativismo. A Constituição fala que o regime sócio—econômico da Venezuela deve ter um forte conteúdo cooperativista e associativo e isso lhe dá uma carga que rompe com o individualismo e o neoliberalismo, o que dá um forte conteúdo socialista ao projeto. Nesse sentido nós temos que jogar tudo por tudo. Cooperativizar é socializar a economia, dar a ela um conteúdo social. Eu estou seguro de que em Puerto Cruz vão surgir as cooperativas agrícolas.

548. Hoje me pedia um senhor em uma carta um *rústico*¹²⁵ porque não pode levar ao povoado sua produção agrícola e a perde. O que eu disse aos responsáveis? Olhem, não podemos dar um *rústico* a esse senhor, mas podemos sim dar a uma cooperativa agrícola. É preciso procurar que ele se organize com outros em uma cooperativa e quando a registrarem vamos dar o *rústico*, não a ele como indivíduo, mas à cooperativa. E na melhor das hipóteses dar a ela, além disso, um microcrédito para que possam comercializar sua produção.

549. Deste método tu viste só uma parte, a primeira, o arranque, quando são captadas as angústias. E há angústias que são individuais como a do que tem câncer na bexiga e necessita uma operação, ou o menino que tem as pernas dobradas e não pode caminhar. Esses são casos particularmente muito dolorosos. Mas em relação ao aspecto econômico, tratamos de dar um conteúdo social às respostas e essa é uma orientação estratégica. Essa escola que foi inaugurada

¹²⁰. Fava ou feijão.

¹²¹. Melancia.

¹²². Enxada pequena de cabo curto.

¹²³. Picareta.

¹²⁴. Roça ou roçado ao redor da moradia onde o lavrador cultiva para seu consumo.

¹²⁵. Pequeno veículo preparado para transitar por caminhos íngremes, de montanha.

hoje, por exemplo, deve ser não só a escola para que as crianças vão estudar matemática ou computação, deve ser um centro de ação comunitária onde se vai fazer cultura. Os computadores não devem ser usados só pelos alunos dessa escola mas devem servir também aos jovens desse povoado. É uma Revolução que esses juvenzinhos, nesse pequeno povoado, tenham um computador. Já estão escrevendo coisinhas, já estão aprendendo algo. Esse hospitalzinho deve ser também um centro de ação comunitária.

550. Agora, em tua pergunta tu te referias ao mito Chávez e isso existe, embora eu nunca o tenha propiciado. Arias Cárdenas era um dos que me acusava de que eu fomentava o mito e eu lhe dizia que eu não tinha culpa do mito que se formou a partir de minha aparição na televisão trinta segundos quando disse “por enquanto”¹²⁶, e outra série de elementos que poderiam explicar esse fenômeno.

551. Quando saí da prisão uma das coisas que pensei é que se esse mito existia, eu ia destruí-lo. E a partir da Presidência venho desmistificando tudo isso. Não tem sido nada fácil. Durante os primeiros dias, meses de meu governo, o povo era uma avalanche de emoção e de paixão. Várias vezes ocorreu que eu chegava a me sentar em um banco de madeira ou debaixo de um toldinho por aí, não sei onde, ou na rua, e a população em avalanche derrubava cadeiras, soldados, tudo o que impedia chegar até a mim. Muitos o que queriam era me tocar, me entregar um papelzinho ou me dizer algo. E isso ainda ocorre em algumas partes. Como poderás imaginar, essas avalanches de gente impedem ou dificultam muito fazer uma assembléia mais ou menos ordenada. No entanto, eu estou de acordo contigo em que esse elemento faz falta pelo menos em minhas atividades mais restritas, nas reuniões de trabalho.

552. Eu não acho realmente que este atuar esteja produzindo um povo de mendigos. Não sinto isso assim porque nossa atitude não é a daqueles governantes que chegavam a um povoado com um saco de dinheiro, repartiam o dinheiro ou andavam com um saco de comida – isso sim era populismo —. Eu sou inimigo disso. Nós estamos compilando necessidades, processando-as. E esse processamento da informação nos permitirá ter uma base de dados de todas as pessoas às quais se dotou de moradias, de terra, de microcréditos, para poder avaliar três anos depois tudo o que dissemos e que grau de organização social vem ficando como resultado da nossa ação.

553. O Banco da Mulher, por exemplo, é dirigido por uma revolucionária muito boa, extraordinária mulher, se chama Nora Castañeda. Eu lembro que quando a dei posse lhe disse: “Nora, vou te destinar uma verba da Presidência para que comeces”. Me disse: “Não, não é preciso dinheiro agora, vamos começar a fazer cursos e oficinas”. Nesse banco não se dá crédito a nenhuma mulher que não tenha passado por uma instrução e, principalmente, por um trabalho social e comunitário.

¹²⁶. Frase que emprega quando aparece na TV quando chama à rendição no frustrado golpe de fevereiro de 1992. Seu gesto de assumir a responsabilidade pelo golpe e sua advertência de que as coisas podem mudar no futuro ficou gravado na memória popular e o transformou em uma figura carismática.

554. Estou pressionando para que também façamos a Revolução na moradia, quer dizer, para que demos maior carga social ao trabalho de moradia. Vamos chegar aos locais mais pobres e de classe média mais necessitada para organizar a as chamadas OCV (Organizações Comunitárias de Vivendas (Moradias). É preciso tratar de avançar muito mais nos projetos comunitários. Agora vou criar o Ministério da Habitação para separa—lo do Ministério da Infra—estrutura, que é um ministério gigantesco que se encarrega do transporte aquático, aéreo e transporte terrestre, moradias, bairros, etc.

555. Em Caracas há um bairro que se chama Las Malvinas – um bairro em cima de um morro no vale de Caracas – do qual me falaram maravilhas. É um projeto que estão levando em frente o general García Carneiro¹²⁷ com Nelson Merentes, ex—ministro de Ciência e Tecnologia, que também se preocupa muito com o aspecto social. Nele a comunidade se organizou para reparar ruas, reparar suas casas, inclusive estive insistindo em que encontrem espaços para fazer cultivos para que eles mesmos produzam pelo menos o que comem, que criem galinhas, que façam um pequeno galpão¹²⁸ e recebam uns cem pintinhos, que plantem tomates...

556. Quer dizer, eu acho que estamos orientados nessa direção, muitas pessoas não seguem a pista de todo o processo que se gera a partir de meu contato direto com o povo, que, com viram, não fica só em receber os papezinhos.

CAPÍTULO OITAVO: GOLPE DE 11 DE ABRIL

1. POR QUE CHÁVEZ DECIDE SE ENTREGAR

— *Agora que estamos realizando a entrevista no mesmo lugar em que estive detido durante o golpe de 11 de abril, poderias me contar tuas recordações mais importantes daquelas horas amargas?*

557. – Inicialmente nós havíamos pensado que tínhamos várias alternativas, inclusive nos mobilizar para Maracay, mas os tanques que eu havia mandado buscar cedo, que eram precisamente o poder de fogo, a mobilidade, o poder de choque, com que supúnhamos contar, tinham sido levados ao Forte Tiuna por pressões dos generais golpistas, de modo que ficamos sem mobilidade e com isso a opção Maracay se tornou para nós muito difícil. Depois de uma análise da situação e de discutir com alguns companheiros, decidi finalmente aceitar o chamado que me faziam de me entregar preso.

558. Abracei Giordani e Navarro em meu gabinete, despedindo—nos e lhes disse: “Não foi possível a janela tática”, eles não me responderam nada. Pensei que ia morrer. Passou—me pela mente

¹²⁷. General Jorge García Carneiro, chefe da III Divisão de Infantaria, um dos generais que se destacou na defesa do Presidente nos dias do golpe militar de abril de 2002.

¹²⁸. Um quarto rústico onde se guardam os instrumentos de trabalho.

essa idéia nefasta por alguns minutos, momentos. Despedi—me de todos os que nesse momento me acompanhavam no Palácio.

559. Fui levado para o Forte Tiuna com os generais Rosendo¹²⁹, Hurtado¹³⁰ e outro oficial de minha escolta pessoal¹³¹. Não ia preso. Só quando cheguei lá e entrei no edifício do Comando Geral do Exército foi quando passei a ser prisioneiro dos golpistas.

2. INTENÇÕES DE MATÁ—LO

560. Quando estou no Forte Tiuna e vejo por um televisor que um oficial me havia emprestado, que anunciam minha renúncia, me dou conta da grande mentira. Nesse momento penso: “Agora vão me matar, a única forma em que Chávez não pode dizer que ele não renunciou é sendo cadáver”. Nesse momento, às escondidas, um oficial me empresta um telefone e chamo minha esposa e lhe digo: “Olha, te mexe porque vão me matar”. Trato de chamar minhas filhas e consigo uma delas, a Maria, e lhe digo: “María, te mexe e fala porque vão me matar”.

1) POR QUE NÃO O MATARAM

— *Eu também pensei que iam te matar. E ainda não entendo como não o fizeram.*

561. — A ordem de me matar foi dada, o que acontece é que os generais que estavam levantados não tinham uma verdadeira liderança e alguns generais, mas principalmente os militares jovens que me custodiavam, neutralizaram essa ordem.

562. Inclusive há um copeiro – desses rapazes que servem café – que ouviu quando estavam uns militares falando, entre eles o almirante Molina e parece ser que estavam pressionando Carmona sobre minha eliminação física. Este rapazinho copeiro diz que ele ouviu claríssimo porque tinha o ouvido parado quando estava saindo, que Carmona disse: “Bom, está bem, apliquem—lhe então a lei de fuga”. E, na verdade, essa noite me levaram em helicóptero a Turiamo, — um local inóspito —, pelas circunstâncias que rodeavam o momento, a hora e a tensão que eu sentia no ambiente, eu me disse: “Chegou o momento” e comecei a rezar o Pai Nosso com este crucifixo meu. Estava disposto a morrer de pé, com dignidade. Dizia a mim mesmo: “Chegou tua hora, mas vais morrer por ser fiel ao teu povo”.

2) O APOIO QUE RECEBE NOS DIFERENTE LUGARES ONDE ESTÁ RECLUÍDO

563. Esse pessoal subalterno que me rodeou nos diferentes lugares onde estive, desde os soldados de tropa até os oficiais se dividiam para limpar o quartinho, o banheiro que era muito modesto,

¹²⁹. Manuel Antonio Rosendo.

¹³⁰. Ismael Hurtado.

¹³¹. Vietri Vietri, chefe da Casa Militar, hoje diretor da Escola Militar.

queriam colocar coisas nela. Havia uma cama muito pequena e procuraram outra, uma cadeira. O que quer, um fresco, um café? Andavam atenciosíssimos comigo.

564. Quando me permitiram em seguida caminhar um momento, me levaram uma flanela, andava descalço e trouxeram uns chinelos, estavam pendentes de que coisa podia me faltar.

565. Também está o caso de duas mulheres fiscais militares. Acontece que as moças inicialmente entraram sós no meu quarto, mas não passava nem um minuto de haver chegado quando as mandam sair e aos poucos minutos entram de novo, mas com um coronel dos golpistas que estava ali, advogado, e se sentaram. Então, deduzi que as mandaram sair porque não estava este coronel e ele queria estar presente.

566. Falamos uns minutos, me perguntaram como me sentia. O primeiro que lhes disse é que queria que elas soubessem que eu não havia renunciado e que não pensava em fazer isso, e que denunciava a mentira que através dos meios de comunicação se estava transmitindo.

567. Eles escreveram de próprio punho em uma folhinha só alguns coisas da saúde, que eu sei e assinei ali. Quando li e me dei conta que não haviam anotado o detalhe de que eu não havia renunciado, soube que estavam sob pressão mas não quis ser impertinente com elas. Além disso eu não ia pressiona—las, de modo que apenas lhes disse: “Bem, muito obrigado”.

568. Fizeram com o olhar um gesto de cumplicidade e saíram. E sabes o que fizeram? Depois que assinam e que o coronel revisa a folha e saem, uma delas colocou em letra pequenina, debaixo da assinatura, uma nota: “Manifestou que não renunciou”. Em seguida fizeram chegar uma cópia em fax à Procuradoria Geral da República e por isso é que Isaías Rodríguez, o Procurador, nessa entrevista que saiu na tarde, disse: “Nos chegou informação da Procuradoria Militar de que o Presidente não renunciou”.

569. Está a ajuda do soldado que me dá uma pedra para que eu a esfregue e que peça ao Espírito Santo. Este é um patriota a sua maneira. E o tenente que chegou lá em Turiamo e me disse: “Tranquilo, o senhor é nosso Presidente, não se preocupe que quando chegar a noite vamos deter aqui os oficiais superiores e sairemos daqui”. Também o outro rapaz que chegou de repente aonde me tinham recluso e me disse que ele era da planície e lhe fiz o papelzinho e o joguei no lixo e saiu e o levou para a esposa e tirou não sei quantas cópias difundindo que eu não havia renunciado.

570. Todas essas foram ajudas, uma gotinha atrás da outra. Nunca esquecerei esses rapazes e esses dias.

3. O QUE OCORREU NA ILHA DE ORCHILA

571. [Olha o relógio: são 2 e pouco da madrugada].

572. O estar aqui em Orchila me faz lembrar hoje duas coisas: uma grata e outra ingrata. A grata é que estive aqui na semana santa tomando banho com minha menina Rosa Inés, com María Isabel¹³² e o menino Raúl. Me salvei e a passamos muito agradável. A ingrata é a daquela noite em que me trouxeram preso.

573. Já entrando a noite, comecei a me dar conta de que algo estava acontecendo no país, algo a favor da Revolução. Notava isso na atitude dos militares que me custodiavam. Vinham mudando, comecei a senti—los mais solícitos. Chegou ali um almirante em um helicóptero e quando entra no quartinho onde eu estava – descalço com um *short* e uma camiseta comendo um pescado depois de ter caminhado um pouco com os sargentos que estavam em atividade – se detém firme e me diz: “Presidente, venho com uma comissão especial”. Esse foi outro sinal, nenhum desde que me levaram preso me dizia Presidente. Em seguida chegou uma comissão enviada pelos golpistas: um general da Justiça Militar, um coronel dos golpistas e o Arcebispo. Eu estava naquela quartinho e já estava processando cenários, pensando em que viriam me propor essas pessoas. O que queria era ganhar principalmente tempo para tratar de ter informação do que estava ocorrendo no país. Havia aceitado vir para La Orchila porque como conheço isto sabia que, apesar de ser uma ilha, aqui eu tinha mais oportunidades de ter informação. Até cheguei a avaliar que se a situação não mudava e eles vinham me propor a saída do país, talvez deveria aceitar, sem renunciar ao governo, com a idéia de que a partir de fora, de algum país amigo, pudesse me inteiras do que estava acontecendo na Venezuela e atuar em nível internacional e começar uma ação. Eu quis primeiro falar com o Arcebispo e lhe disse que fizessem passar até lá e falei com ele algumas coisas, principalmente lhe perguntei como era possível que a Igreja Católica tivesse aceitado esse golpe contrariando o mandato de Cristo. Falamos aí um instantinho. Em seguida saímos para a reunião. Eles vinham me trazer o decreto de renúncia para assina—lo e me dizem que há um avião pronto para me tirar do país uma vez que eu o assine. Duas noites antes eles haviam dito que não importava se não assinava, que dava no mesmo de qualquer maneira. Quando vejo isto eu disse: “Estes estão com problemas, está acontecendo algo muito sério para que venham aqui colocar um avião à minha disposição.

574. Disse a eles que eu não podia assinar isso assim, que lembrassem que eu havia estado disposto a assinar com uma série de condições e lhes repeti as condições que havia levantado no Palácio. Eu sabia que eles não iam cumpri—las. Disse—lhes primeiro a questão da segurança física de todos os homens, mulheres, povo e governo: “Os senhores violaram isso, agrediram, prenderam, quem sabe o que estará acontecendo por lá, mas pelo pouco que eu vi enquanto estive no Forte Tiuna, vi que prenderam Tarek¹³³, o outro deputado, os ministros foram tirados de suas casas quase arrastados”.

¹³². Sua esposa.

¹³³. William Terek Saab, deputado pelo V República e membro de seu Comando Tático Nacional e presidente da Comissão de Relações Exteriores da Assembléia Nacional.

575. “Segundo: Que se respeite a Constituição, quer dizer, se eu renuncio tem ser perante a Assembléia Nacional e o Vice—presidente assume a Presidência da República, até que se convoque novas eleições. E os senhores chutaram a Constituição, dissolveram a Assembléia Nacional, o Tribunal de Justiça, etc., de modo que do que vamos estar falando.

— *E tu sabias isso?*

576. Eu sabia disso porque no Forte Tiuna, como te disse, um oficial me emprestou um televisor, de modo que todo esse dia, até às seis da tarde, vi televisão. Em seguida, quando me levaram desse para outro local na noite, não soube mais de nada. Eu tinha visto que tinham levado presos o Ministro do Interior, o governador de Táchira. Vi o autojuramento de Carmona e todo esse Decreto¹³⁴.

577. A terceira condição era falar ao vivo ao país. “Como os senhores acham que eu vou partir assim, sem dizer nada ao país!”

578. E quarto: que me acompanhassem todos os funcionários do meu Governo, estes jovens que me custodiaram durante anos. Tampouco iam aceitar isso porque esse era um grupo de choque que eu ia ter em mãos.

579. E o bispo dizendo: “Bom Chávez, tens que pensar no país, tu sabes, com esse discurso...”. “Bem, eu estou pensando no país”. Começamos a discutir e eu ganhando tempo. Via os sargentos que estavam por ali com sus fuzis e lança foguetes conversando entre si e olhando—se de esguelho; havia como um nervosismo. E lá fora o almirante que me trouxe até aqui, fazendo ligações, entrando e saindo. Pressentia que algo estava acontecendo, para além disso da renúncia.

580. De modo que minha palavra de ordem era ganhar tempo e falar e discutir. Então é quando eu lhe proponho o segundo cenário, lhe digo: “Olhem eu não vou assinar a renúncia, não insista Monsenhor. Os senhores violentaram tudo isto” e lhes mostrava a Constituição. “A falta absoluta de Presidente é o que os senhores querem?. Essa falta absoluta só é a morte. Isso é o que querem? A renúncia depende de mim, a morte depende dos senhores. Ou querem que uma junta médica me declare incapacitado mental e que essa declaração seja aceita pelo Tribunal Supremo de Justiça e validada pela Assembléia Nacional? Hoje não temos Tribunal de Justiça nem Assembléia Nacional, não sei se haverão alguns médicos que possam fazer isso. Quem vai dar o aval? É que isso tampouco é viável. Resta—lhes então uma alternativa que proponho—lhes para facilitar isso, uma alternativa constitucional: afastamento do cargo. “Então eu lhes lancei uma armadilha interpretativa, eu sabia que o monsenhor não sabe muito de leis mas havia um coronel aí que sim é advogado e muito astuto, e me disse: “Com este é com quem eu tenho que debater. Ele é advogado e eu não, mas ele não conhece a Constituição e eu sim”.

¹³⁴. Refere—se ao decreto em que Carmona se autojuramentou e declara dissolvidos os poderes da Nação: Tribunal Supremo de Justiça, Procuradoria Geral da República, Defensoria Popular, Tribunal de Contas da República, Conselho Nacional Eleitoral e Poder Executivo (ministros, etc.).

581. Então lhe digo: “Eu posso abandonar o cargo, aqui está a Constituição. Leiamos? Falta absoluta do Presidente da República, tal e tal, abandono do cargo”. Mas acontece que a Constituição diz que o abandono do cargo deve ser reconhecido pela Assembléia Nacional, e isso eu não li para eles. “Eu sou capaz de assinar um documento que diga que eu abandono o cargo, mas não renuncio”. “Bem, mas qual é a diferença?” O coronel sai para consultar seguramente por telefone e regressa com uma Constituição que alguém lhe conseguiu e ele se dá conta da armadilha. “Mas Chávez, o que acontece é que há um problema : a Assembléia Nacional”. “Isso é problema dos senhores, mas é a única maneira em que eu possa assinar, e além disso têm que me permitir um telefone, porque se vou para o México ou Cuba eu necessito falar com o Presidente desse país. Eu não vou sair daqui em um avião sem rumo e além disso necessito falar com minha esposa, meus filhos, etc., e algumas outras pequenas coisas”.

582. Então me pus eu mesmo a redigir um documento que dizia: “Eu, Hugo Chávez Frías, cédula de identidade tal”. Claro, o redigi como eu o havia concebido! “Diante da contundência dos fatos aceito que fui removido do cargo, e portanto o abandono”, algo assim. E este homem mordeu o anzol e me disse: “Bom, rapaz, está bem, eu tenho que levar para lá uma coisa assinada”.

583. Então eles começam a passar no computador o documento. O oficial que escrevia era um dos que eu vinha ganhando – havia estado falando com eles um por um. A maioria era de jovens de boa fé —, fazia—o lentamente, se equivocava, estava jogando para ganhar tempo. O coronel o apressava. Aí eu noto que há nervosismo. Nisso estava cheio de sargentos em posição de defesa e eu vi que alguns estavam assumindo posições de combate, de alerta. Então chamo o almirante que estava lá por fora e lhe digo: “Que ameaça pode haver aqui? Por que os rapazes estão tirando os lança—foguetes e estão assumindo posição de defesa?” O homem nervoso diz: “Não, não Presidente, não é nada, não aconteceu nada, o senhor sabe que é preciso custodiar sua vida”.

584. Eu fico sozinho na sala e o chefe de minha custódia se aproxima silencioso e me fala quase no ouvido: “Presidente, não assine nada” e desaparece como presságio. Fico pensando o que estaria acontecendo. Entrei no banheiro para ganhar um pouquinho mais de tempo e estabelecer rápido uma estratégia. Então decidi não assinar. Saio e digo: “Olhe, tenente, não continue escrevendo nada aí”, e digo ao Arcebispo e aos outros: “Olhem, eu não vou assinar nada definitivamente, de modo que muito obrigado por sua visita”. E então lhes joguei uma brincadeira: “Se querem fiquem esta noite aqui no meu cárcere, que é de luxo e amanhã podem ir. Eu pensei bem nisso, definitivamente eu não vou partir, aqui está minha família, meus filhos, minha mulher, meus seguidores, o povo... Eu não sei o que está acontecendo, os senhores se negaram a me informar, nem sequer tive um telefone para poder falar com alguém, me mantiveram incomunicado”.

585. Estranhou—me muito o fato de que eles não opuseram nenhum tipo de resistência à minha idéia, mas que disseram de repente, assim, rápido: “Bem, Chávez, tens razão, vamos embora” e saíram rápido, nervosos, mas mais nervosos estavam quando entraram novamente como aos cinco minutos. O padre estava dar cor dessa cadeira [aponta], branco, e os demais nervosos, e os rapazes então eu os notei ainda mais tensos. O almirante vem e me diz: “Presidente, há uma situação, vem um esquadrão de pára—quedistas, já estão chegando” – ele não sabia que vinha

também uma fragata e uns patrulheiros rápidos da Marinha —. E eu lhe digo: “Mas, quem vêm?” “Vêm resgatar o senhor”. E tu, o que pensas em fazer?” Não, nada, nós estamos aqui para custodiar sua vida, não vai acontecer nada. Eu já falei por telefone com o general Baduel – o dos pára—quedistas – e pedi que dissesse por rádio aos helicópteros que aqui não vai haver resistência, aqui não vai haver nenhum disparo”. “Ah! Me parece muito bom – lhe disse e perguntei: “E esta gente por que foi devolvida?” Bem, porque o avião que os trouxe partiu e os deixou aqui!” Imagino que por rádio o piloto ouviu que vinha os pára—quedistas e se foi como o diabo fugindo da cruz. Eu rindo ofereci a eles levá—los em meu helicóptero. O almirante sai outra vez e se aproxima de mim: “Olhe, Presidente, tem uma chamada telefônica”. “Quem me chama?” “O Ministro da Defesa”. “Não quero falar com esse almirante – o que os golpistas haviam nomeado Ministro da Defesa –”. “Não, não é ele, é seu Ministro da Defesa, o doutor Rangel”. Aí me detive como um raio e descobri que na cozinha havia um telefonzinho que me haviam escondido. Ouvir a voz de José Vicente foi como se saísse o sol na metade da noite. Aquela voz acesa. “Bem, estamos te esperando!. Depois te explico”. “Mas, onde estás tu?” Aqui, no Ministério da Defesa; retomamos o Palácio; Carmona está preso. Para aí vão os pára—quedistas te buscar, devem estar chegando, estamos te esperando, o povo está aqui na rua”. “Houve mortos?” “Bem, alguns, depois te explicamos”. “E com quem tu estás aí?” “Com o general López Hidalgo”. “Passa para ele”. E falei com ele um momento: “Olhe compadre, o que aconteceu? Há muitos mortos?” Não Presidente, não se preocupe, há alguns mas o povo está na rua e nós controlando o exército e as demais forças”. “Bom, aí nos vemos”.

586. Então liguei para o general dos pára—quedistas, em Maracay, que foi o bastião da resistência. Falei com Baduel, falei com García Montoya, que estavam lá no comando operacional. Explicaram—me algumas coisas, mas não houve tempo, em instantes já estavam os helicópteros aterrizando. Não houve nenhum problema, vinham uns advogados checar meu estado físico porque haviam corrido boatos de que me haviam espancado muito, que eu tinha rompido o fígado, não sei que coisa, e o povo estava muito preocupado com isso.

587. Bem, eu acho que era como a esta hora quando eles chegaram (olha o relógio, são duas e pouco da madrugada), porque eu cheguei no Palácio cerca das quatro da manhã. De maneira que por isso te dizia que lembrarei deste local toda a vida.

588. Quando reflito sobre o golpe de 11 de abril lembro das idéias de Kennedy que já te citei antes, que disse: “os que fecham o caminho para a Revolução pacífica abrem o caminho para a Revolução violenta”. Nós escolhemos fazer a Revolução constitucionalmente, por um processo constituinte de inquestionável legitimidade. Se em algum momento do 11 e 11 de abril duvidei que uma Revolução democrática e pacífica fosse possível, o que aconteceu em 13 e 14 de abril – quando essa imensa quantidade de gente saiu à rua para rodear o Palácio de Miraflores e vários quartéis, exigindo meu retorno – reafirmou e mim com muito vigor a idéia de que é possível sim. Claro que a batalha é dura e será dura e difícil. Trata—se da arte de tornar possível o que pareceu e continua parecendo para muitos como impossível.